

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PUC - SP**

**Idalina Maria Almeida de Freitas**

**A moral dos Corpos: desejos, dispositivos e subjetividades em Fortaleza**  
**(1910-1950)**

**DOUTORADO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**SÃO PAULO**

**2012**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**PUC - SP**

**Idalina Maria Almeida de Freitas**

**A moral dos Corpos: desejos, dispositivos e subjetividades em Fortaleza**  
**(1910-1950)**

**DOUTORADO EM HISTÓRIA SOCIAL**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de DOUTORA em História Social, sob a orientação da Professora Doutora Maria Izilda Santos de Matos.

**SÃO PAULO**

**2012**

**Banca Examinadora**

---

---

---

---

---

Para João e Eduardo.

## AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), por viabilizar financeiramente esta pesquisa.

À Professora Doutora Maria Izilda Santos de Matos, pela trajetória de orientação e incentivo na finalização desta tese.

A todas as Professoras do Programa de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) que, de alguma forma, contribuíram para o enriquecimento intelectual e a reflexão acadêmica.

Aos funcionários da PUC-SP, cantos e encantos desse lugar maravilhoso, em especial à Betinha, pela atenção prestativa.

À banca de qualificação desta tese, Professoras Andréa Borelli e Mirtes de Moraes, pelas preciosas e decisivas observações frente ao andamento do trabalho.

A todos os colegas do Doutorado: Rosana Miziara, Enny Vieira, Jiane Langaro, Leandra Domingues, Marcos Horácio, Fernanda Galve, Aninha Duarte, Zuleika Stefânia, Joelma Varão e Nataniel Dal Moro, pelos momentos intensos que passamos juntos nos primeiros anos do curso, pelos sorrisos, discussões, abraços... Agora se encontram alguns distantes, outros mais próximos, porém unidos pela paixão dedicada à pesquisa histórica. Eu os saúdo pela finalização deste percurso.

A todos os locais de pesquisa, na figura de pessoas dedicadas e dispostas a socializar, em meio às adversidades do poder, a coleta das fontes deste estudo.

À cidade de São Paulo, por nutrir em mim, para sempre, a sensação de inquietação, e para quem as intensas críticas sempre se farão como um gesto de amor. Em especial, para os queridos amigos que cultivei nesta cidade: Edgar, Jonas, Mazé, Karina, Regimeire, Carla, Jeferson, Flávia, Benedito, Frei Leandro, Cristina Teka, Cristina Assunção, Rose, José e Edson Kaiyapó, pelos corredores e pátios da PUC-SP, pelas ruas de Perdizes aos imensos “jardins” de Sampa, em inesquecíveis paisagens intelectuais, políticas e sonoras.

Às “Malditas Amigas” de toda a vida: Carmen, Cícera, Raquel, Lidiane e Liana, simplesmente pelo agora e pelo devir.

Ao querido amigo Elias Veras, dedico minha imensa dívida de gratidão intelectual e afetiva pelas parcerias de sucesso, pela ousadia, intensidade e coragem, e, principalmente, pelas gargalhadas foucaultianas!

À minha família, cuja intensidade amorosa nunca esteve tão vigorosa. Particularmente neste ano, em meio a tantas dores do corpo e da alma, reaprendemos a cultivar a docilidade e o afeto.

À Julie, *mon amie*, que, por meio dos lindos ensinamentos da língua francesa, tem fortalecido a crença no poder dos diálogos e indagações.

Ao meu filho, João Eduardo, por renovar a minha existência.

Ao meu marido, Eduardo Estevam, companheiro de vida amorosa e intelectual, pelos debates, conversas, trocas... Orgulho de estar/ser contigo, minha admiração.

*“La vie n’est pas seulement maintenue par ces demandes et  
d’y répondre par des entrées...  
Vivre équivaut donc à se sentir.”*

(JEAN PIERRE PETER)

FREITAS, Idalina Maria Almeida de. **A moral dos Corpos: desejos, dispositivos e subjetividades em Fortaleza (1910-1950).**

## RESUMO

Esta tese busca refletir a construção de dispositivos para o corpo feminino na cidade de Fortaleza na primeira metade do século XX (1910-1950). Para tanto, analisa a construção de subjetividades para o corpo em meio às experiências de sujeitos interditos pelo discurso médico-científico. A base documental da pesquisa divide-se em dois momentos: no primeiro, os olhares e as percepções sobre o corpo que pluralizam no cotidiano da cidade de Fortaleza, centrando na problemática dos processos-crime de defloração, sedução, crimes sexuais em que as práticas corpóreas estiveram relacionadas na contramão de normas estabelecidas, sobretudo no que diz respeito aos relacionamentos afetivos. Em seguida, aborda a produção de imagens ilustradas na forma de anúncios que circulavam em Fortaleza, trazendo representações de corpos femininos que, pelo viés de um discurso médico-científico, buscavam construir significados para os aspectos do corpo no tocante à beleza, saúde, aparências, dor, sofrimento e felicidade. Nesse sentido, o objetivo da pesquisa é historicizar a invenção de desejos e vontades criados e recriados por discursos, com efeitos de verdade, pedagógicos, sob os auspícios de uma modernidade abrupta, descontínua. Observa-se, ainda, que as tentativas em representar o corpo feminino compreendem um universo de intervenções que chama a atenção para a necessidade de conceber o corpo em suas interfaces sócio-político-culturais.

**Palavras-chave:** Corpo. Dispositivos. Medicina. Fortaleza. Desejos.



FREITAS, Idalina Maria Almeida de. **The moral of Bodies: desires, devices and subjectivities in Fortaleza (1910-1950).**

### **ABSTRACT**

This thesis aims to reflect the construction of devices for the female body in the city of Fortaleza in the first half of the twentieth century (1910-1950). It analyzes the construction of subjectivities for the body amid the experiences of individuals banned by the medical-scientific discourse. The documental base of research is divided into two stages: at first, looks and perceptions of the body that pluralized in city of Fortaleza every day, focusing on issues of criminal cases of deflowering, seduction, sex crimes in which bodily practices were related against established standards, especially with regard to relationships. Then, discusses the production of images illustrated in the form of ads that circulated in Fortaleza, bringing depictions of female bodies which, by means of a medical-scientific discourse, sought to construct meaning for aspects of the body in relation to beauty, health, appearance, pain, suffering and happiness. In this sense, the goal of the research is to historicize the invention of wants and desires created and recreated by speeches, with the purpose of actually teaching, under the auspices of a modernity abrupt, discontinuous. It is observed also that attempts to represent the female body comprise a universe of interventions that draws attention to the need to design your interfaces in the body socio-politic-cultural.

**Key-words:** Body. Devices. Medicine. Fortaleza. Desires.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1	Praça do Ferreira, 1920.....	29
Ilustração 2	Praça do Ferreira, 1934.....	30
Ilustração 3	Café Elegante, 1920.....	30
Ilustração 4	Anúncio do Café Art-Nouveau, 1920.....	31
Ilustração 5	Passeio público, 1925.....	32
Ilustração 6	Passeio público, 1927.....	33
Ilustração 7	Parque da Liberdade, meados dos anos de 1920.....	34
Ilustração 8	Ladeira continuação da Rua General Sampaio, em direção à bucólica Praia Formosa, nos arredores do bairro Arraial Moura Brasil, na cidade de Fortaleza.....	35
Ilustração 9	Construção da Ponte Metálica na Praia de Iracema, meados dos anos de 1920.....	36
Ilustração 10	Teatro José de Alencar, 1925.....	38
Ilustração 11	Processo “Beatriz Barbosa da Silva”.....	82
Ilustração 12	Processo “Maria Monteiro”.....	83
Ilustração 13	Processo “Francisca Matias dos Santos”.....	84
Ilustração 14	Processo “Joana Pereira”.....	84
Ilustração 15	Processo “Beatriz Barbosa da Silva”.....	85
Ilustração 16	Anúncio de Slogynol.....	95
Ilustração 17	Anúncio de Pathergex.....	97
Ilustração 18	Contracapa da Revista Ilustrada Bataclan nº 18.....	104
Ilustração 19	Contracapa da Revista Ilustrada Bataclan nº 11.....	105
Ilustração 20	Contracapa da Revista Ilustrada Bataclan nº 13.....	107
Ilustração 21	Anúncio da Toalha Sanitária Modess.....	108
Ilustração 22	Contracapa da Revista Ilustrada Bataclan nº 8.....	110
Ilustração 23	Contracapa da Revista Ilustrada Bataclan nº 15.....	112

Ilustração 24	Anúncio da Casa A Cearense .....	118
Ilustração 25	Anúncio da Casa A Cearense .....	119
Ilustração 26	Anúncio da Casa A Maranhense.....	120
Ilustração 27	Anúncio da Casa A Maranhense.....	121
Ilustração 28	Sobre o uso dos cigarros .....	130
Ilustração 29	Anúncio do Xarope Mistol .....	133
Ilustração 30	Anúncio do Xarope Mistol .....	134
Ilustração 31	Anúncio do Creme Dental Kolynos.....	136
Ilustração 32	Anúncio do Creme Dental Kolynos.....	137
Ilustração 33	Anúncio do Creme Dental Kolynos.....	138
Ilustração 34	Anúncio do Creme Dental Kolynos.....	139
Ilustração 35	Anúncio do Creme Dental Kolynos.....	139
Ilustração 36	Anúncio do Creme Dental Kolynos.....	140
Ilustração 37	Anúncio do Talco Royal Briar.....	143
Ilustração 38	Anúncio do Talco Royal Briar.....	144
Ilustração 39	Anúncio do Leite de Colônia.....	146
Ilustração 40	Anúncio do Leite de Colônia.....	147
Ilustração 41	Anúncio do Sabonete Palmolive.....	148
Ilustração 42	Anúncio da Máscara para Olhos Murine .....	149
Ilustração 43	Anúncio da Pasta de Dentes Odol .....	150
Ilustração 44	Anúncio do medicamento A Saude da Mulher.....	152
Ilustração 45	Rita Hayworth, estrela de Hollywood, em anúncio do cosmético Pan Cake Make-Up.....	155
Ilustração 46	Anúncio da <i>Lingerie Valisère</i> .....	157
Ilustração 47	Anúncio da <i>Lingerie Valisère</i> .....	157
Ilustração 48	Anúncio da <i>Lingerie Valisère</i> .....	158
Ilustração 49	Anúncio da <i>Lingerie Valisère</i> .....	158
Ilustração 50	Anúncio do Sabonete Gessy .....	160
Ilustração 51	Anúncio do Sabonete Gessy .....	160

Ilustração 52	Anúncio de Pathergex .....	172
Ilustração 53	Anúncio de Cafiaspirina .....	173
Ilustração 54	Anúncio do Regulador Gesteira.....	176
Ilustração 55	Anúncio do Ventre-Livre.....	178
Ilustração 56	Anúncio do Regulador Gesteira.....	179
Ilustração 57	Anúncio das Pilulas de Witt .....	181
Ilustração 58	Anúncio do Regulador Gesteira.....	182
Ilustração 59	Anúncio do Neuro Fosfato Eskay.....	189
Ilustração 60	Anúncio de Palmolive.....	190
Ilustração 61	Anúncio de Palmolive.....	190
Ilustração 62	Anúncio do Guarany Corante Popular.....	192
Ilustração 63	Anúncio de Bom Bril.....	193
Ilustração 64	Anúncio do Sabão em Pó Rinso .....	194
Ilustração 65	Anúncio de Toddy .....	196
Ilustração 66	Anúncio de Frigidaire .....	197

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>CAPÍTULO I - FORTALEZA NO SÉCULO XX E A INVENÇÃO DA MODERNIDADE.....</b>	<b>23</b>
<b>1.1 Imagens e representações: entre o romântico e o mundano .....</b>	<b>26</b>
<b>1.2 A cidade e o corpo: metáforas urbanas.....</b>	<b>40</b>
<b>CAPÍTULO II - USOS E SUBJETIVIDADES DOS CORPOS NA CIDADE MODERNA .....</b>	<b>52</b>
<b>2.1 O corpo nos processos criminais.....</b>	<b>55</b>
<b>2.2 Sobre os dispositivos para o corpo: Ciência, Filosofia e Medicina.....</b>	<b>65</b>
<b>2.3 Os médicos e os Outros: degenerados e criminosos.....</b>	<b>77</b>
<b>CAPÍTULO III - PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO DO CORPO: GESTOS, MODA E APARÊNCIAS .....</b>	<b>90</b>
<b>3.1 Como esculpir o corpo feminino: práticas e intervenções.....</b>	<b>93</b>
<b>3.2 Roupas, modas em revista: império do olhar .....</b>	<b>103</b>
<b>3.3 Vestuário e identidades.....</b>	<b>117</b>
<b>CAPÍTULO IV - JOGOS DE APARÊNCIAS: VENDENDO SAÚDE, JUVENTUDE E BELEZA .....</b>	<b>125</b>
<b>4.1 Vendendo saúde.....</b>	<b>128</b>
<b>4.2 Juventude e beleza.....</b>	<b>135</b>

<b>CAPÍTULO V - PURGATÓRIOS DO CORPO: DOR E</b>	
<b>FELICIDADE.....</b>	<b>164</b>
<b>5.1 Imagens da dor: desumanização das aparências .....</b>	<b>167</b>
<b>5.2 Imagens da felicidade e seus imperativos .....</b>	<b>185</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>200</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>206</b>

## APRESENTAÇÃO

Perceber como os sujeitos criam e recriam o universo sensorialmente, por meio de discursos escritos ou imagéticos, infere subjetividades<sup>1</sup> que também se tornaram objeto da História.

E é nesse sentido que este trabalho discute as questões em torno das construções subjetivas para o corpo feminino, sob a intervenção de dispositivos ancorados nos discursos médico-científico, técnico e publicitário, pensando o corpo e as ações que o compreendem como intervenções políticas, no espaço<sup>2</sup> da cidade de Fortaleza na primeira metade do século XX, e dialogando com a ideia de modernidade legislada.

Os discursos baseados nas subjetividades de sujeitos que protagonizaram os processos-criminais, elaborados por médicos e juristas, assim como a imprensa, para esta tese, configuraram-se como dispositivos criados sobre o corpo feminino. Como esses discursos foram reinventando corpos, desejos e sensibilidades em meio a essa sociedade (Fortaleza, anos de 1920, 1930, 1940), e que tipos de relações de poder foram estabelecidos. Saberes ditos e escritos pela ciência médica dos séculos XIX e XX, ideais de nação, civilização, modernidade, traduzidos e vivenciados na cultura corpórea. Expondo o controle pelo sexo, no corpo, os séculos XIX e XX especulam uma importância no sexo,

---

<sup>1</sup> Cabe ressaltar que as subjetividades são fabricadas e modeladas no social, cultural e político. Para tanto, são criadas estratégias que são orientadas pelo controle dos desejos e vontades, mas que, no entanto, não se caracterizam por ser apenas do “tipo recipiente”, ou seja, apenas interiorizadas a partir de um exterior; elas também são assumidas e contemplam posturas particulares. Cf. GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias dos desejos*. Petrópolis: Vozes, 1986.

<sup>2</sup> Cumpre destacar, aqui, a noção de espaço como experiência individual e coletiva. A rua, a casa, a praça, o bairro são elementos dessa representação da cidade como percursos de memórias e comportamentos, para além da existência material.

pois este se torna sede do governo, objeto de saber e de intervenção nas técnicas de saber, cuidados de si e dos outros<sup>3</sup>.

Fortaleza focalizou o discurso médico-sanitarista como um conhecimento aplicado dentro de um plano reformador, regendo o viver na “cidade moderna”, sendo um dos princípios da modernidade a confluência de ideias de intelectuais comprometidos com uma arquitetura de maior visibilidade<sup>4</sup>.

As fontes utilizadas neste estudo fazem parte de uma ampla pesquisa que mapeou processos-crime, jornais, revistas e escritos médicos. A forma como foram mapeadas na pesquisa, permite questionar o caráter pedagógico nacional, porém sendo administradas de acordo com cada especificidade local, o que alude a um processo de reinvenção das práticas, tendo o corpo como elemento sócio-político-cultural.

Inicialmente, a pesquisa envolvendo crimes na cidade de Fortaleza nas primeiras décadas do século XX surgiu a partir do desenvolvimento, junto ao grupo PET-HISTÓRIA da Universidade Federal do Ceará (UFC), de um trabalho de catalogação e pesquisa no Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC)<sup>5</sup>. Hoje, o grupo realiza um diálogo com outras produções/fontes pesquisadas nos eixos Rio e São Paulo, como uma maneira de desvendar novas fontes, preenchendo uma inquietação ainda maior.

---

<sup>3</sup> FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. v. 1 (A vontade de saber) e v. 3 (O cuidado de si). Rio de Janeiro: Graal, 1985, 1988.

<sup>4</sup> Para esta tese, foram utilizados alguns estudos acadêmicos que destacaram Fortaleza na senda da modernidade – pesquisas que contribuíram para novos olhares sobre a relação dos indivíduos com o espaço e a técnica, resignificando práticas.

<sup>5</sup> A pesquisa também iniciada dentro do Projeto “Preservar para Conservar, Conservar para Conhecer”, realizado pelo PET-História entre 2003 a 2006, consistiu na organização, catalogação e acondicionamento de uma série documental de 2.581 processos-crime referentes à cidade de Fortaleza do período de 1910-1950, encontrados em precárias condições de conservação e pesquisa. Desenvolvido em conjunto com o APEC, em síntese, é possível dizer que esse projeto contemplou três fases: o conhecimento preliminar do acervo documental (limpeza e elaboração de fichas de pesquisa para leitura e transcrição dos conteúdos fundamentais dos documentos); estudos historiográficos sobre o tema, catalogação e compilação dos dados (momento em que alguns bolsistas iniciaram pesquisas individuais); e a elaboração do Guia de Fontes sobre a História de Fortaleza, por meio dos processos-crime (1910-1950), consistindo em um catálogo disponível para consulta na forma impressa e em CD-ROM.



Encaminhada no curso de doutorado da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), a presente tese trabalha com fontes como: processos de defloração, sedução e crimes sexuais, assim como algumas publicações médicas, entre elas a Revista Ceará Médico, Anais da Academia Cearense de Medicina, artigos da Revista do Instituto do Ceará, além dos jornais O Povo, Gazeta de Notícias, Diário do Ceará e Correio do Ceará. As Revistas como Bataclan, Ceará Ilustrado, A Cigarra, O Cruzeiro, estas últimas de circulação nacional, também traziam anúncios e ideias “vendidas” e compartilhadas em Fortaleza.

Sendo assim, o andamento da tese se faz a partir do cruzamento dessas fontes ora citadas e da reflexão teórica pautada nas publicações acadêmicas feitas sobre o tema.

Os processos-crime<sup>6</sup> tornaram-se fontes históricas a partir do olhar lançado pelo historiador. Percebe-se que as análises de suas narrativas suscitaram tensões mediadas pela ação do crime, da contravenção, apoiando-se em questões como o uso dos corpos, as sexualidades, os desejos, os papéis sociais construídos e resignificados na complexidade do cotidiano.

Desse modo, perceber nos sujeitos o diálogo entre ações de poder, resistências e conformidades enriquece e instiga o fazer-se da pesquisa histórica. Mediante as narrativas dos crimes, é possível desvendar alguns elementos dessas tramas.

“Restrita” a certos espaços sociais, percebe-se que a população pobre recorria, muitas vezes, à justiça e aos processos, a fim de resolver suas contendas, e, com isso, não se observava a polícia apenas como aparelho repressor, pois essas pessoas acreditavam e utilizavam-se desse mecanismo. O

---

<sup>6</sup> Foram utilizados, nesta tese, processos criminais cuja temática ressaltou apenas os crimes de defloração e sexuais perpetrados em Fortaleza por meados do século XX. Nesse sentido, o uso dos processos pôde suscitar, na contramão do que se pensava sobre Fortaleza, como cidade moderna e “civilizada”, diferentes desejos e ações no tocante ao uso dos corpos, das relações amorosas e dos jogos com o poder, personificado na figura de médicos, juristas, policiais, delegados, promotores e população em geral.

desafio é captar as tensões paralelamente ao crime e geradas por ele, além dos meios e fins que esses acontecimentos guiaram, ou seja, os sujeitos reinventados pelos discursos jurídicos com ideias de verdade.

Ao se buscar estudar os significados das ações desses sujeitos envolvidos, torna-se imprescindível visualizar o espaço ocupado por eles – o espaço do trabalho, do lazer, das relações sociais –, bem como seus conflitos, circunscrevendo-os imersos num momento de busca pelo “moderno”, o que não diferencia Fortaleza de outras regiões do Brasil.

Assim acontece quando da exploração das fontes criminais. Por meio delas, é possível ter contato com as falas de diversos personagens, todavia, elas exigem cuidados. A mediação oficial, por exemplo, deve ser levada em conta, assim como as possíveis construções elaboradas pelos envolvidos. A percepção acerca dessas problemáticas apresenta-se, sobretudo, a partir da maneira como foram elaborados os processos e de quais sujeitos foram construídos nesses discursos.

A fonte, nesse sentido, passa a constituir outra linguagem de resistência, concessão e negociação na vida prática. Os mecanismos de poder também são reconstruídos na subjetivação dos acontecimentos dentro da cidade. Homens e mulheres vivenciaram outras histórias, percebidas nas entrelinhas do processo histórico. A prática médica foi pontuada como o fio condutor para toda a análise aqui empreendida.

As imagens escolhidas para a análise tecem considerações sobre o lugar do corpo feminino na sociedade, atentando para a construção de desejos e práticas de sedução entre homens e mulheres, guiados pelo consumo de produtos medicamentosos, criando novos modelos de ser, estar e sentir na sociedade.

A publicidade<sup>7</sup> abriu a possibilidade, no *metiér* histórico, de perceber quais foram as representações destinadas às mulheres, quais os cuidados e trabalhos destinados à transformação do corpo para o uso racional.

Na medida em que configurava um discurso sobre a trajetória dos corpos, a Medicina era reconhecida como “social” por adentrar os meandros das experiências sociais e culturais, e, muitas vezes, transformou-se em norma. Essa Medicina buscou não somente analisar os corpos, como também criou estratégias de vender saúde, beleza, felicidade. Para isso, ao passo que estigmatizava o corpo feminino como lugar restrito à sexualidade, também se utilizou dele para novas representações de caráter simbólico e político.

Esse movimento científico ganhava expressão, sendo palco para uma estetização dos corpos, vestuário, regras de civilidade, gestos e cuidados. Para usufruir desse mundo “moderno e civilizado” foi necessário o fazer-se de regras e ideais difundidos pela imprensa.

Nessa lógica, ansiosos por reconhecimento, muitas vezes confundindo-se com força e influência, muitos médicos, em todo o Brasil, a exemplo da França, reivindicavam maior produção no campo da literatura e imprensa médica. A produção, nesse sentido, em específico no caso de cidades como Fortaleza, recebeu anúncios e material de circulação nacional oriundos de Rio de Janeiro e

---

<sup>7</sup> Convém destacar, nesta tese, a importância de alguns trabalhos que orientaram, acerca das discussões sobre publicidade e propaganda, sobre a relevância dentro de aspectos que constituíram essa prática no Brasil. Ver BRUNELLI, Silvana. Diálogo entre as artes plásticas e a publicidade no Brasil. 2007. Tese (Doutorado em Artes Visuais) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007; OLIVEIRA, Núcia Alexandra Silva. A beleza que se compra... o gênero que se constrói. Uma análise de anúncios publicitários de produtos de beleza para homens e mulheres (1950-1990). ST 43 - Corporalidade, consumo e mercado. *Fazendo Gênero*, Florianópolis, p. 1-8, 2008; SANTOS, Luiz César Silva dos. *publiCIDADE belle époque: a mídia impressa nos periódicos na cidade de Belém entre 1870-1912*. 2010. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010; MICHAUD, Yves. Visualizações: o corpo e as artes visuais. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2008. v. 3 (As mutações do olhar. O século XX). p. 541-565.

São Paulo. Desse modo, os esforços redobram em problematizar uma norma não condizente com a realidade e as verdadeiras condutas locais.

A presente pesquisa tem como possibilidade o enriquecimento do campo da História do Corpo, assim como dos estudos culturais. Noções como público e privado, sedução, honra, defloramento, elementos latentes nos processos, trouxeram um viés de análise na subjetivação dos corpos em Fortaleza. Outro campo de representação que levantou a estética de consumo e comportamento, além de suscitar a circularidade dos discursos, foram as construções de imagens presentes em revistas e jornais, voltadas para o lar, a sedução, a aquisição de objetos, vestuários, identidades, gestos e aparências, destacando a figura da mulher moderna.

Tal apreciação visa a contribuir para a compreensão do contexto e dos desdobramentos do processo de modernização da cidade de Fortaleza, assim como as dinâmicas dos sujeitos com os elementos de poder e gestão tornam-se objeto de análise para a construção do corpo como fonte histórica.

É importante notar que o corpo da mulher, principalmente o denominado “baixo ventre”, sempre foi alvo de atitudes e especulações para as condutas desviantes, e um dos elementos decisivos para a história do imaginário sobre o corpo guiado pelo saber médico. As atribuições dadas ao corpo feminino renderam percepções de mercado promissoras, elaboradas de maneira pedagógica, transformando ideias e comportamentos. O fio condutor presente nesta pesquisa ressalta, sobretudo, os caminhos percorridos por meio da representação, da reinvenção do corpo feminino do íntimo ao público.

O contexto específico de modernidade em Fortaleza representou intervenções diretas nos trabalhos dos corpos cotidianamente, podendo ser pensado e refletido como processo descontínuo, que não segue a padronização e adesão imediata dos sujeitos às novas sensibilidades, maneiras de ser e estar no mundo. Para tanto, utiliza-se a noção de dispositivo como forma de orientar, modelar certos comportamentos femininos que trouxeram a visibilidade do

corpo como instrumento de poder e saber. Assim, é pertinente afirmar que os sujeitos foram inscritos e construídos nos discursos; o corpo enquanto sujeito foi reorganizado e adaptado a novos programas de subjetivação.

A compreensão e a análise a respeito da história do corpo precisam ser políticas e históricas. Dessa forma, foge-se das naturalizações que comumente se empregam a processos criados e recriados em sociedade, como ideais de beleza, felicidade, experiências de dor, vivência na cidade, crime, saúde, doença. Foi isso que se tentou perceber na escrita deste trabalho e, sobretudo, na forma de analisar as fontes.

A tese está dividida em cinco capítulos, que permitem estudar, analisar e compreender a construção dos dispositivos de poder sobre o corpo feminino, dialogando com um universo de construção de sensibilidades, desejos, representações inspirados em ideias de modernidade.

No **Capítulo I, Fortaleza no século XX e a invenção da modernidade**, busca-se, por meio das fontes pesquisadas, um diálogo entre a cidade elaborada no começo do século XX e as subjetividades das experiências, sugerindo uma pluralidade de espaços e vivências. Fortaleza e o projeto de modernidade é visto/descrito por meio das percepções de cronistas, moradores e autoridades, impressões que ora oscilavam entre uma bela poesia, ora entre a realidade violenta, criminosa dos processos criminais.

Seria essa a *metáfora urbana* deste estudo, a busca pelo entendimento entre a cidade ideal e real como lócus das ações dos indivíduos, mutável à maneira de seus habitantes, concebendo sujeitos e espaços, representados a partir de um número finito de possibilidades.

Para o **Capítulo II, Usos e subjetividades dos corpos na cidade moderna**, os esforços tendem para uma escrita da história das percepções, olhares, contradições, preconceitos e estranhamentos, ancorados no discurso médico-científico que interditou e, muitas vezes, aprisionou mulheres em instituições e saberes.

As experiências dos corpos na cidade, mediadas pelos discursos de poder em Fortaleza, contam uma história de estratégias de sobrevivência, experiências de resistências e concessões. Os usos dos corpos, nesta análise, efetuam seu registro como elemento cultural, histórico e político, em suas diversas práticas e representações.

O **Capítulo III, Processos de subjetivação do corpo: gestos, moda e aparências**, remete às experiências dos sujeitos nas páginas de revistas e jornais em Fortaleza, problematizando essa “composição ideal”, na construção de subjetividades a partir do consumo de ideias e produtos. Tendenciosos em aspectos relacionais e padrões de beleza homogêneos para as mulheres, ditavam modos de conduzir o corpo por do meio consumo, esculpindo-os de forma “ideal”.

Os anúncios faziam uso de representações homogêneas que articulavam o saber médico em torno de uma linguagem coloquial, mais simples e direta. Neste capítulo, questiona-se o modo como se davam essas construções subjetivas, elaboradas por distintos saberes, dialogando com uma dinâmica sociocultural nacional e local.

Por sua vez, o que se almeja perceber no **Capítulo IV, Jogos de aparências: vendendo saúde, juventude e beleza**, foi a relação entre a publicidade e a construção do corpo feminino por meio de discursos em prol dos “cuidados de si”, que tratavam da elaboração de estratégias, recursos e trabalhos que tendem a transformar, corrigir os corpos, dialogando, muitas vezes, com a moda, os gestos, a beleza e as aparências, criando uma subjetividade nas relações e na própria forma de se perceber no mundo. A elaboração desses discursos também foi um instrumento pedagógico que tinha em vista o aproveitamento dos próprios corpos na construção de uma sociedade moderna.

Por último, no **Capítulo V, Purgatórios do corpo: dor e felicidade**, propõe-se pensar indícios para uma história das sensibilidades sobre a dor e a felicidade, ou de como os corpos reagiram aos “purgatórios” característicos dos

períodos patológicos, a busca por um padrão de corpo ideal, assim como os imperativos de felicidade legislados pelo mundo moderno.

Essas transformações elegem Fortaleza em meados do século XX e ajudam a moldá-la por meio de imagens e discursos, percebendo a imersão do cotidiano urbano movimentado pela técnica na confecção dos “novos objetos de desejo”, inspirando a reflexão sobre como se deu a relação dos sujeitos com as coisas e como essa dinâmica imprime uma subjetividade que é cultural e política.

Nesse sentido, a tese ora apresentada busca, por meio do exercício de pesquisa e reflexão teórica, construir indagações acerca do caráter dinâmico dos corpos enquanto sujeitos dotados de desejos e vontades na cidade de Fortaleza.

## **CAPÍTULO I**

# **FORTALEZA NO SÉCULO XX E A INVENÇÃO DA MODERNIDADE**

### **1.1 Imagens e representações: entre o romântico e o mundano**

### **1.2 A cidade e o corpo: metáforas urbanas**



Busca-se, com as fontes aqui pesquisadas – imagens, processos criminais e jornais –, um diálogo entre a cidade que estava sendo construída no começo do século XX e as subjetividades das experiências, sugerindo uma pluralidade de cidades e vivências. Fortaleza e o projeto de modernidade visto/descrito por meio das percepções de cronistas, moradores e autoridades. Impressões que oscilavam ora entre uma bela poesia, ora entre duras críticas, também transcritas por imagens impressas pelo olhar do registro fotográfico.

Seria essa a *metáfora urbana* deste estudo, a busca pelo entendimento entre um ideal de cidade e um ideal de corpo, limpo e saudável na senda da constituição dos desejos, mutável à maneira de seus habitantes, trabalhando em prol desses ideais a partir de inúmeras possibilidades.

*“A rua ensurdecadora urrava ao meu redor.  
Alta e esbelta, toda de luto, majestosa na dor,  
Uma mulher passou, a mão vaidosa  
Erguendo, balançando a bainha e o festão.”*

(WALTER BENJAMIN)

## 1.1 Imagens e representações: entre o romântico e o mundano

A partir dos trabalhos de cronistas e memorialistas do final do século XIX e início do XX, Fortaleza se configurava como uma cidade em construção, regida pelo epíteto da “modernidade”.

O crescimento populacional de Fortaleza na passagem do século XIX para o século XX pode ser explicado pelo seu histórico de imigrações<sup>8</sup>. No período de secas prolongadas, como as de 1877, 1889, 1900 e 1915, sertanejos deslocaram-se do interior para a capital.

Muitos permaneceram na capital cearense, e não retornaram aos seus locais de origem. Acometidos pela fome e pela falta de oportunidades, tornaram-se mendigos, vadios, meninos de rua, prostitutas, juntando-se aos pobres que a cidade já possuía, aumentando, dessa forma, o número de miseráveis em Fortaleza.

Diante desse histórico, pode-se considerar que os sujeitos em Fortaleza não se autotransformavam por completo à luz de uma modernidade.

Convém perceber e analisar os discursos proferidos por veículos de comunicação, como revistas e jornais, por exemplo, nos quais, muitas vezes, circulava com maior força a voz dos “produtores do espaço”, inserindo Fortaleza e seus habitantes em modernas promessas arquetípicas.

Havendo, ainda, aqueles que relatavam uma coexistência de uma cidade moderna, desenvolvida e civilizada, com outra cidade, ainda tradicional e provinciana:

---

<sup>8</sup> NEVES, Frederico de Castro. *A multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. De acordo com o censo, em 1900, a população local era de 48.369 habitantes. Em 1920, esse número subiu para 78.536 habitantes.

Cidade algo moderna, algo provinciana, algo civilizada e algo mal educada. Em resumo, porém: cidade formosa, hospitaleira e gostosa. Movimento nas ruas, arranha-céus, casinhas pequeninas, onde nosso amor nasceu. Automóveis de luxo. Caminhões e aviões. Jumento carregando água. Pregões. Ônibus repletos, businando. Guardas apitando, reclamando e multando<sup>9</sup>.

A cidade acima descrita presencia a condição de práticas urbanas ainda distintas, quiçá antagônicas, nas quais a modernidade, que se faz representar por produtos ligados à tecnologia e/ou pelo ritmo da velocidade, barulho e objetos, convive no mesmo espaço com aspectos que se relacionam diretamente ao provincianismo, bem caracterizados com a imagem do jumento que carrega água em plena cidade (um meio de transporte ligado ao interior).

A cidade de Fortaleza, que era tida como “formosa, hospitaleira e gostosa”, características essas que independem da modernidade, surge paradoxal e contraditória no relato dos autores, pois ela é, ao mesmo tempo, moderna e provinciana, civilizada e mal-educada.

Encontra-se uma oportunidade de reflexão sobre como o discurso da modernidade foi construído no sentido de organizar a vida social das pessoas. Sendo assim, é possível tecer uma abordagem acerca das próprias ações desses sujeitos como diferentes sensibilidades sobre o fato de não se inscreverem nesse projeto.

O projeto de modernidade, que buscou submeter a vida inteira ao controle absoluto do homem sob a direção segura do conhecimento<sup>10</sup>, na medida em que os seus dispositivos disciplinares se vinculam a uma

---

<sup>9</sup> MIRANDA, Ubatuba de; GIRÃO, Raimundo. *Retrato de Fortaleza*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1954, p. 65-66.

<sup>10</sup> CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Consejo Latino Americano de Ciencias Sociales (CLACSO), 2005. p. 169-186. (Colección Sur Sur).

governamentalidade<sup>11</sup> médico-jurídica, por meio de suas tentativas de criar identidades homogêneas dentro de processos de subjetivação, usando de uma “instância central”<sup>12</sup>, o Estado, que coordena os mecanismos de controle sobre o mundo natural e social.

Reformas urbanas, além do processo de remodelação, fizeram surgir “cidades” e levaram a pensar em tensões, conflitos e deslocamentos transformados por diversos sujeitos<sup>13</sup>. “A planta em xadrez, alinhando suas ruas, deixou-a mais transparente para a observação dos olhares do poder e do saber urbanos e tornou-a mais aberta à circulação de seus fluxos (de pessoas, mercadorias, policiais)”<sup>14</sup>.

A metáfora da cidade com o corpo dos sujeitos envolve-se, desde o século XIX, por meio da saúde da população e da limpeza nos bairros e subúrbios da cidade. No início do século XX, emergiu uma nova urbe. Ao passo que apareceram novas ruas, construções e reformas, alguns símbolos de Fortaleza – como a Praça do Ferreira, artéria *mater* da cidade e, sobretudo, da sua vida

---

<sup>11</sup> Sobre o conceito de governamentalidade que é usado neste trabalho, dialogando diretamente com a noção de poder do Estado na vida prática dos sujeitos, Michel Foucault realizou mais completo esclarecimento em uma de suas obras: “O que pretendo fazer nestes próximos anos é uma história da governamentalidade. E com esta palavra quero dizer três coisas: 1 - o conjunto constituído pelas instituições, procedimentos, análises e reflexões, cálculos e táticas que permitem exercer esta forma bastante específica e complexa de poder, que tem por alvo a população, por forma principal de saber a economia política e por instrumentos técnicos essenciais os dispositivos de segurança. 2 - a tendência que em todo o Ocidente conduziu incessantemente, durante muito tempo, à preeminência deste tipo de poder, que se pode chamar de governo, sobre todos os outros – soberania, disciplina etc. – e levou ao desenvolvimento de uma série de aparelhos específicos de governo e de um conjunto de saberes. 3 - o resultado do processo através do qual o Estado de justiça da Idade Média, que se tornou nos séculos XV e XVI Estado administrativo, foi pouco a pouco governamentalizado”. Cf. *Microfísica do poder*. 21. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005, p. 291-292.

<sup>12</sup> Ibidem.

<sup>13</sup> BARBOSA, Marta Emísia Jacinto. Entre casas de palha e jardins: Fortaleza nas primeiras décadas do século XX. In: FENELON, Déa Ribeiro (Org.). *Cidades*. Pesquisa em História (Publicação do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP). São Paulo: Olho D'água, 1999. p. 153-171.

<sup>14</sup> PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: reforma urbana e controle social 1860-1930*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2001, p. 25.

elegante – passaram a ser frequentados com maior intensidade, fazendo, desse modo, o *glamour* e a violência conviverem em um mesmo território.

Entre as remodelações empreendidas na cidade, estava a reconstrução de mercados e de matadouros, obedecendo às políticas de condições de higiene propostas pelo Estado, preocupação em destaque na década de 1920. Passeios, praças e ruas também faziam parte dessa lista na lógica estética da cidade.

Por outro lado, o memorialista Otacílio de Azevedo, em suas impressões sobre a cidade, dava indícios de vários Cafés, em suas palavras, instituídos como lugares próprios para a gente elegante da cidade, especialmente políticos e intelectuais<sup>15</sup>:



Ilustração 1: Praça do Ferreira, 1920.  
Fonte: Acervo de Maria de Fátima Garcia.

---

<sup>15</sup> *Fortaleza descalça*. Fortaleza: UFC, 1992.



Ilustração 2: Praça do Ferreira, 1934.  
Fonte: Acervo de Maria de Fátima Garcia.



Ilustração 3: Café Elegante, 1920.  
Fonte: Jornal Gazeta de Notícias (1928).

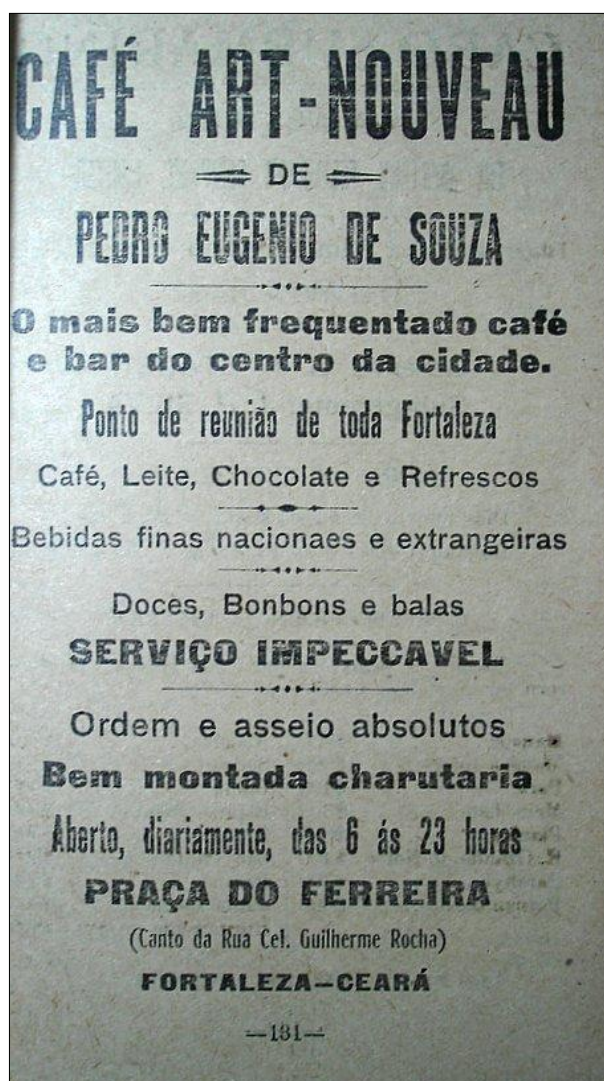


Ilustração 4: Anúncio do Café Art-Nouveau, 1920.  
 Fonte: Jornal Gazeta de Notícias (1920).

A Ilustração 4, acima, traz o

Anúncio de um dos maiores e mais bem reconhecidos Cafés desta época, o Art-Nouveau. Os Cafés também eram organizados e pensados para o sexo masculino e as rodas de políticos. Intelectuais palestravam em Cafés situados, em sua maioria, na parte térrea de antigos sobrados localizados na Praça do Ferreira. Para esses homens eram indispensáveis o fraque, a calça listrada e o rebenque ou bengala em punho<sup>16</sup>.

<sup>16</sup> GUIA da Cidade de Fortaleza. Anuário Comercial e Indicador Geral do Comércio, Indústria, Profissões, Repartições Públicas, Institutos e Associações, Horários de Trens, Malas Aéreas etc. Fortaleza, 1927.



Em 1927, divertimentos, passeios e encontros eram divulgados em um dos Guias da Cidade de Fortaleza, que apresentava, ainda, um panorama geral sobre o comércio, as profissões, as repartições públicas, os institutos e as associações da urbe. No referido ano, a publicação chamava a atenção para “Passeios e diversões em Fortaleza” e indicava os principais locais de entretenimento da cidade:



Ilustração 5: Passeio público, 1925.  
Fonte: Acervo de Maria de Fátima Garcia.



Ilustração 6: Passeio público, 1927.  
 Fonte: Guia da Cidade de Fortaleza (1927).

Passeio Público: Jardim localizado na Praça dos Mártires, em meio a Rua Doutor João Moreira, no princípio das ruas Barão do Rio Branco, Major Facundo e Floriano Peixoto, deste logradouro público se descortina belíssima vista sobre o porto de Fortaleza. Ponto de reunião das famílias cearenses, pelas manhãs e às noites, nesse aprazível e pittoresco recanto da cidade, existe um excelente restaurante do Sr. Amarilio Normando, figura devéras popular e conceituada, entre os freqüentadores do Passeio Público, em razão da sua agora proverbial amabilidade. Possui, ainda, esse jardim um parque de brinquedos, instalado pelo já referido arrendatário do restaurante do passeio público e destinado às creanças que ahi afluem, diariamente, para seus folguedos ao ar livre. O Passeio Público é, portanto, um dos locais mais attrahentes da nossa *urbs*<sup>17</sup>.

O passeio público era um território diversificado. Apesar da denominação “público”, a distinção entre os sujeitos que compunham as classes abastadas e aqueles das camadas populares da cidade era condição para nele se transitar. Com vista para o mar e situado nos arredores do centro da cidade, era lócus de flertes, discussões políticas e momentos de lazer diversos.

<sup>17</sup> GUIA da Cidade de Fortaleza.



Ilustração 7: Parque da Liberdade, meados dos anos de 1920.  
Fonte: Acervo de Maria de Fátima Garcia.

Parque da Liberdade: É esse outro dos logradouros públicos da capital cearense que mais merece visita dos forasteiros, assim como costumam fazer, quotidianamente, as illustres famílias residentes nas suas imediações. Possui o parque da Liberdade um bellissimo lago, em meio as suas largas e bem traçadas alamedas, sombreadas por frondosas árvores, sendo tapetadas por luxuriante relva, as margens do já mencionado lago, em o qual existe um barco á disposição dos visitantes. Servido pelos bondes de estação e a cinco minutos da Praça do Ferreira, o parque da Liberdade defronta, em seu portão principal, com o imponente templo do Sagrado Coração de Jesus, um dos mais importantes da cidade<sup>18</sup>.

---

<sup>18</sup> GUIA da Cidade de Fortaleza.

Situado bem próximo à Praça do Ferreira, o Parque da Independência, importante ícone da cidade, foi construído, como se apreende de seu nome, em homenagem à Independência do Brasil. Lugar de passeios e atividades lúdicas voltadas ao cidadão de Fortaleza, era também reconhecido pela sua proximidade à Igreja do Sagrado Coração, avultoso templo católico da cidade.

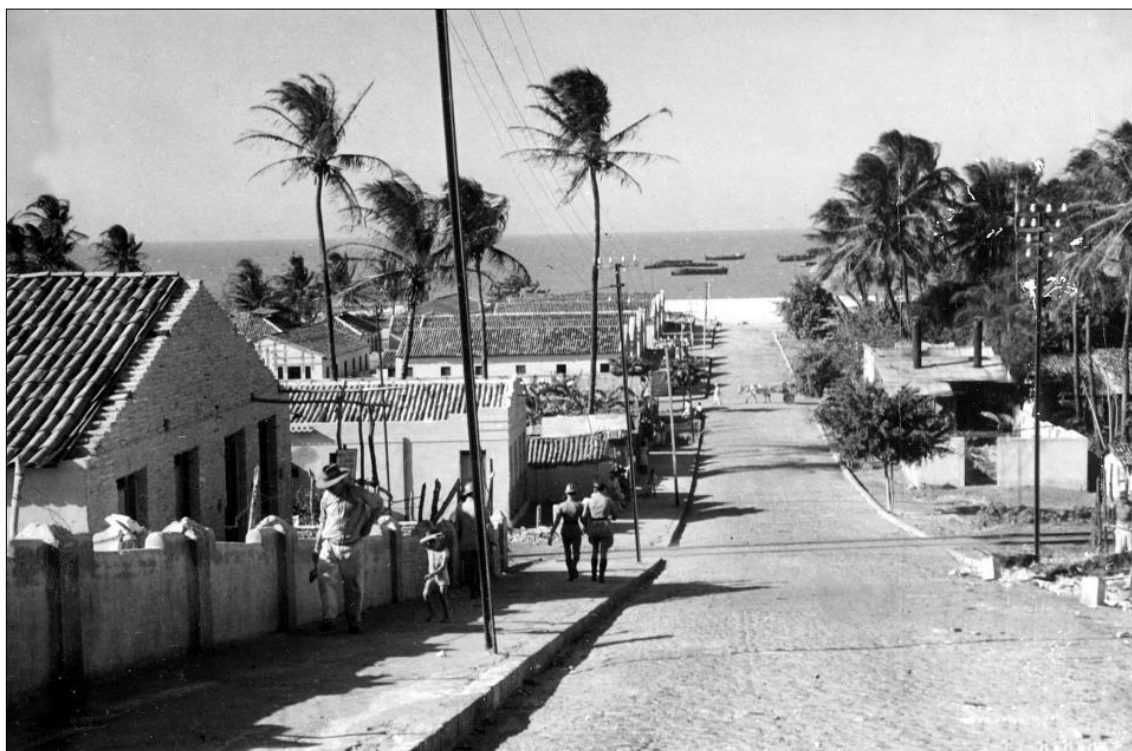


Ilustração 8: Ladeira continuação da Rua General Sampaio, em direção à bucólica Praia Formosa, nos arredores do bairro Arraial Moura Brasil, na cidade de Fortaleza<sup>19</sup>.

Fonte: Arquivo Nirez (sem data).

---

<sup>19</sup> O Arraial Moura Brasil foi muito citado nos processos-crime pesquisados.



Ilustração 9: Construção da Ponte Metálica na Praia de Iracema, meados dos anos de 1920.  
Fonte: Acervo de Maria de Fátima Garcia.

Praia de Iracema: É innegavelmente o recanto mais pittoresco da cidade de Fortaleza, a bellíssima praia de Iracema, em a qual, pelas manhãs e as noites, bem como em todo o correr do dia, affluem numerosas pessoas, sequiosas do ar puríssimo que, ali se respira e do panorama maravilhoso que á beira do mar se descortina. Possuindo um excellent restaurant, servido por pessoal competente – o conhecido e bem freqüentado Restaurante Beira Mar – a praia de Iracema com seus naturais encantamentos, attrae, quotidianamente, ás suas alvas areias, toda uma grande multidão, composta não apenas, de forasteiros, mas também, de brilhantes figuras da sociedade cearense<sup>20</sup>.

Envolta em um ar *puríssimo*, a Praia de Iracema, até hoje, se mantém como um dos mais belos cartões-postais da cidade. No entanto, os usos e os olhares sobre esse recanto da cidade se fazem e refazem de acordo com as mais variadas experiências. Logo depois que o pudor em relação ao banho de mar saiu sorrateiramente do cotidiano de algumas pessoas, o lugar passou a ser

<sup>20</sup> GUIA da Cidade de Fortaleza.

frequentado pelos mais diferentes sujeitos, configurando-se num território diversificado.

Por sua vez, o Mucuripe, bairro situado nas imediações da referida Praia, abrigava, em sua paisagem, a mais bela visão da cidade.

Mucuripe: O passeio a Mucuripe, onde está localizado o pharol de mesmo nome, pode ser feito por dois caminhos: ou pela beira-mar, o que é mais bello innegavelmente, mas depende da maré estar em baixa – ou pelo bairro do Outeiro, seguindo a nova avenida Clóvis Bevilacqua, que tem início no fim da linha de bondes. Em pequenos quiosques armados no local, encontrarão as pessoas que fizerem esse passeio algo de comer, bem como para beber, num ambiente dos mais convidativos, para ceias, principalmente, dado o muito sol de que bate o Mucuripe durante o dia. Os automóveis fazem as viagens de ida e volta ao Mucuripe, com ligeiro descanso no local, pela importância de 15\$000<sup>21</sup>.

Em contrapartida, o bairro do Outeiro, prolongamento do Mucuripe, era popular, sendo que, até hoje, reconhece-se a vida nas margens da Praia como um movimento de contradições.

Vale salientar, ainda, a inegável influência dos modos e dos modelos importados pelo cinema, grande opção de divertimento e fuga para encontros e namoros mais “quentes” pelos jovens na cidade civilizada no início do século XX. Era, entretanto, lugar de vigilância constante, que rendia discussões nos jornais e em rodas de moralistas.

O Theatro José de Alencar, também situado no centro da cidade, proporcionava aos cidadãos um encontro com as apresentações culturais. Tornou-se um ícone para Fortaleza, por sua imponente construção arquitetônica, e contou com a frequência de grandes figuras de renome nacional.

---

<sup>21</sup> GUIA da Cidade de Fortaleza.



Ilustração 10: Teatro José de Alencar, 1925.  
Fonte: Acervo de Maria de Fátima Garcia.

#### Casas de Diversões

Theatro José de Alencar: Praça Marques do Herval.

Cinema Moderno: Rua Major Facundo, nº 228.

Majestick Cine-Theatro: Praça do Ferreira, nºs. 206 a 210<sup>22</sup>.

É possível observar o requinte com que eram anunciados esses principais símbolos construídos na cidade, além do zelo e da manutenção de lugares destinados a uma parcela da população, o que evidencia o tipo de cidade e o mapeamento que estavam sendo construídos, bem como quais pontos eram submetidos à “geografia da coação”, problematizando os discursos oficiais.

Alguns índices estatísticos, elaborados pelo próprio poder público, indicavam que a cidade vivia uma efervescência não só de objetos, máquinas, divertimentos, ideias, sociabilidades e progressos, mas também de distorções sociais.

<sup>22</sup> GUIA da Cidade de Fortaleza.

[...] As condições cívicas, e talvez fique melhor referir morais e sociais, não transitam animadoras, pelo menos é como ao presidente do Estado relata o seu Delegado de Polícia, Dr. Aducto Fernandes, em 1923:

Os atentados ao pudor, por atos impudicos, praticados diretamente contra a pessoa de um ou de outro sexo, a corrupção dos menores, o defloramento, o estupro físico ou legal, o rapto, o lenocínio e o adultério, mereceram a maior atenção por parte da polícia, tendo esta, em defesa da honra social e privada, efetuado prisões por atos de:

Homossexualidade - 15

Defloramento - 38

Estupro - 2

Rapto - 4

Lenocínio - 23

Adultério - 5<sup>23</sup>.

Cumprir notar que a insatisfação perante os símbolos que a modernidade trouxe originou alguns sentidos na linguagem cotidiana. O novo ritmo de vida na cidade de Fortaleza adquiriu uma dimensão que contemplava não somente a noção de novos deslocamentos, mediados por transportes públicos mais rápidos, o que permitia também o encurtamento das distâncias, mas também todo esse projeto supunha uma lógica de mercado que, associada à rapidez das máquinas, previa lucros imediatos, como alarmou, em tom de crítica, o jornal local:

Os omnibus estão reduzindo a população da cidade

Os auto-omnibus que trafegam em Fortaleza, apesar de carros pesadíssimos, desenvolvem sempre uma velocidade que excede à permitida pela Inspetoria de Vehiculos, ocasionando constantes atropellamentos. Essa velocidade, no entanto, obedece a um horário ordenado e “vigiado” por um dos sócios da empresa, que não admitem atrasos em seus omnibus, a fim de gastar menos gasolina e apresentar maior lucro ao recolher<sup>24</sup>.

Falar em velocidade também era falar sobre as mortes de homens comuns, ao tentarem atravessar uma rua, ou sobre a rapidez com que circulavam os bondes, na expectativa de realizar mais “corridas” em menos tempo, ou seja, tratava-se do controle do tempo para o lucro.

<sup>23</sup> CAMPOS, Eduardo. *O inventário do quotidiano (breve memória da cidade de Fortaleza)*. Fortaleza: Fundação Cultural de Fortaleza, 1996, p. 32.

<sup>24</sup> OS OMNIBUS estão reduzindo a população da cidade. *Jornal O Povo*, Fortaleza, mar. 1928.



## 1.2 A cidade e o corpo: metáforas urbanas

Nos processos-crime, assim como em fontes de jornais, revistas e almanaques, encontra-se a possibilidade de historicizar as condições de produção de discursos sobre a cidade, os sujeitos. Inscritos numa *episteme*<sup>25</sup>, os modos de subjetivação desses discursos no que concerne ao corpo feminino encontram possibilidades de interpretação.

A elaboração de discursos sobre mulheres, em particular nos processos, ressaltou determinadas condições de emergência: pela análise de um rol de processos de defloração e de crimes que envolveram aspectos relacionais entre homens e mulheres, muitas jovens entregavam-se ao sexo sob promessas de casamento, imersas em um cotidiano de trocas, favores, trabalho, festas e sociabilidades. Circunscritas em espaços como subúrbios, o casamento, como possibilidade de resolução pessoal (constituir família ou simplesmente obter uma casa para morar), fez manifestar outra subjetividade corporal.

Tais mulheres podiam facilmente ser entregues aos prazeres da sexualidade e, no limiar da interdição, fugir para o casamento. Possivelmente, o que motivava o jogo de discursos perante a justiça, suscitando dúvidas e incertezas, era saber: quem realmente era o namorado, amante? Com que objetivo era feita tal promessa de casamento? E quem realmente deflorou a envolvida? No rastro dessas possibilidades, longe de serem certezas, os locais por onde transitaram, as condições de vida e o número de envolvidos podiam sugerir indícios desse mosaico.

Os discursos dos processos assumiram características pedagógicas, lançando sobre a mulher uma sentença moral a respeito do corpo, dos cuidados de si, das relações, da saúde, da busca por uma “normalidade”.

---

<sup>25</sup> Trata-se do que Michel Foucault, em seus trabalhos, associou à “construção de saberes”, que, em uma determinada época, confere legitimidade enquanto saber.

Januária Araújo Gomes, de 19 anos de idade, considerada menor, era órfã de pai e mãe. Vivia com sua avó no Arraial Moura Brasil, periferia da capital, quando começou a namorar o indiciado Albertino Ribeiro da Silva. Pouco depois, Januária, que era empregada doméstica, conseguiu emprego na casa do Sr. Americo dos Santos, na Praia de Iracema. Segundo o processo, à noite, Januária, saía com o namorado a passear pela praia. Em meio a essa ligação amorosa, Albertino, depois de constantes promessas de casamento próximo, conseguiu ter relações sexuais com ela.

Nestes últimos passeios o seu namorado começou a seduzi-la para manterem relações carnavais, acontecendo que no dia 26 de dezembro último, foram satisfeitas as suas intenções. Depois disto acontecido, eles continuaram a praticar o coito, embora não tivesse sido divulgado o fato<sup>26</sup>.

Os arquivos criminais, fontes riquíssimas para a história da vida privada, no que dizem respeito à presença feminina, em sua maioria, trazem à luz muitas vozes interditas por discursos de poder, do Estado. Muito dizem sobre as ações femininas, no entanto, tentam expô-las como vítimas, seduzidas, enganadas, defloradas. O sentido imperativo é também uma das nuances marcantes desse discurso.

Nesse âmbito, uma série de práticas e discursos fez aflorar a temática das reformas urbanas, culminando, nessa perspectiva, na inclusão de ideias homogêneas sobre moralidade, alcoolismo, relações de gênero, criminalidade etc.

O jornal *Gazeta Policial*, no dia 4 de fevereiro de 1928, chamava a atenção para a atitude de um homem residente no bairro Otávio Bonfim, periferia da cidade. O mesmo reclamava de uma “barulheira infernal”, oriunda da casa de jogos. Segundo o jornal, no âmbito da lei, o major Luiz Carioca, subdelegado daquele bairro, exerceu uma batida na casa apontada como filial do Jockey Club, obtendo bom resultado para as autoridades: “*Como passageiros de*

---

<sup>26</sup> Processo “Januária Araújo Gomes”. Fortaleza, 1934. Material disponível no APEC.

*canoa vieram presos seis indivíduos, que se entregavam ao jogo do bozó*<sup>27</sup>. O branco, idealizado ordeiro, era um contraponto ao negro, caboclo “entregue” ao samba, congos e batucadas. Apesar desses enunciados, é importante perceber que Fortaleza era também uma cidade negra, cabocla, o que desarmonizava o conteúdo embranquecido presente em muitas representações da cidade como a “*loura desposada do sol*”<sup>28</sup>.

Na contramão da estética construída pelo discurso dos memorialistas, os crimes e as ditas “condições morais” transitavam entre pensões, cabarés e zonas de meretrício<sup>29</sup>, que, em Fortaleza, também contribuíram para a reinvenção da cidade. As autoridades, por sua vez, agiam nesses locais promovendo a repressão dos seus frequentadores mais assíduos. Os indivíduos ébrios concorriam para a “desordem” na cidade, não só ao praticarem atos violentos, mas também em suas ações ditas “imorais e de desrespeito”. Aos olhos do poder, eram vistos como “degenerados”.

Ao lado do evento homicida, do roubo, da violação de residências em que campeiam os ventanistas, punguistas, facadistas, descuidistas, e todos os tipos de arruaceiros, bêbedos inveterados, provocadores e

<sup>27</sup> JORNAL GAZETA POLICIAL. Fortaleza, 4 fev. 1928. Sobre alguns aspectos da linguagem presente no texto da fonte, o termo *bozó*, segundo coloca Antônio Risério, são palavras, expressões negras, de raiz africana. *Bozó* é banto, vem da língua kikongo (*mbóozo*), com o significado de encantamento, feitiço. No Brasil, o vocabulário designa, quase sempre, “oferendas propiciatórias”. É possível que, como expõe Risério, sobre a origem da palavra e principalmente seus usos, no texto, o *jogo do bozó* estivesse relacionado a práticas consideradas desviantes, marginais, ligadas a grupos negros, mestiços, caboclos. Cf. *A utopia brasileira e os movimentos negros*. São Paulo: Ed. 34, 2007.

<sup>28</sup> BARBOSA, Marta Emísia Jacinto. *Cidade na contramão: Fortaleza nas primeiras décadas do século XX*. 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.

<sup>29</sup> Sobre o meretrício em Fortaleza nas primeiras décadas do século XX, ver GUEDES, Mardônio. *Pelas ruas e pensões: o meretrício em Fortaleza (1930-1940)*. In: SOUZA, Simone de; NEVES, Frederico de Castro (Org.). *Fortaleza: história e cotidiano – gênero*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. p. 53-78; GIRÃO, Blanchard. *O liceu e o bonde na paisagem sentimental da Fortaleza-província*. Fortaleza: Abc, 1997; SOUZA, Noélia Alves de. *A liberdade é vermelha? Um estudo da violência contra mulheres em Fortaleza nas décadas de 20 e 30 do século XX*. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997; e BARBOSA, Martha Emísia Jacinto, *Entre casas de palha e jardins: Fortaleza nas primeiras décadas do século XX*.

criminosos – merece ser assinalada, no domínio da polícia de costume, a figura do transgressor de normas da geral pública. Em nossa capital, não é raro ver-se, às 10 ou 11 da noite, um ébrio ou um cínico em despreocupadas e feias tarefas fisiológicas sob a proteção dos “ficus benjamim” ou das marquises das casas comerciais<sup>30</sup>.

Era necessário, segundo a ótica das autoridades, reprimir e vigiar, além de colocar mais policiamento nas ruas, principalmente nos bairros pobres, onde vivia a população que se submetera a uma busca por outros territórios dentro do espaço da cidade. Os processos criminais, além dos relatos policiais e de alguns jornais, atentavam para outro lado da aparência aformoseada da cidade, já que era parte integrante desse cenário: cenas de violência, atividades sexuais, ciúmes.

Os noticiários locais, em meio os acontecimentos na cidade, relatavam os crimes passionais em seus trágicos desfechos. Um homem dá três facadas no seu rival na zona do Arraial Moura Brasil – tal localidade teve a sua vez no registro do crime. Por questões amorosas, o indivíduo Francisco Souza Ramos, vibrou três facadas no seu rival Adelino Alves dos Santos. A cena teria ocorrido no lugar Muafo. A “*decahida*” Raimunda Souza Tibúrcio era amasiada com Antônio Ramos há muito tempo, porém, ultimamente, mostrava alguma predileção por Adelino dos Santos, o que fez medrar no cérebro do amante esquecido uma vingança que lhe fizesse pagar o desprezo.

[...] encontrando com a *Dulcinéia* em doce colloquio, não conteve o seu ódio, e sacando de grande faca, vibrou-a três vezes no intruso, que não resistindo á agressão abrupta caiu em sangue. O facto foi levado ao conhecimento da polícia, pela horizontal Regina de Souza, tendo então as autoridades feito transportar o ferido para a Santa Casa. O criminoso foi preso e responde a inquérito<sup>31</sup>.

As desavenças entre meretrizes, consideradas “mulheres perigosas”, rendiam debates acerca das condutas dessas mulheres:

<sup>30</sup> REPRESSÃO ao crime. *Jornal O Povo*, Fortaleza, 26 jul. 1941.

<sup>31</sup> JORNAL GAZETA POLICIAL, 4 fev. 1928.

A decahida Maria Moka, juntamente com duas companheiras, enciumada, foi ontem pela manhã, em casa de sua rival Maria Xavier de Araújo, moradora á rua Dom Manuel, 414, aggre-di-la com um punhal que carregava no seio. Diante de tal atitude Maria Xavier, após forte luta, desarmou-a pondo-a fora de combate, assim como as duas valientes que a acompanhavam<sup>32</sup>.

Entre os adjetivos femininos apontados pelas fontes, encontra-se o termo “decaída”, o oposto de honesta, honrada e séria. Para os homens, o adjetivo honesto significava virtuoso, provedor, honrado, sem vícios. Nesses conceitos, verifica-se a relação entre a honestidade e o exercício da sexualidade (virtuoso, honrado), e, ainda, a adequação aos ideais vigentes na sociedade (provedor). Assim, os conceitos de honra e honestidade completavam-se, e as mulheres que deixavam indícios de uma vida “irregular”, muitas vezes por isso sofrendo maus-tratos do marido, representavam uma afronta à sociedade, além de contribuírem para o meretrício indesejado na cidade<sup>33</sup>.

Ainda no âmbito das sociabilidades amorosas, algumas condutas enchiam um discurso que, segundo a elite, atingia a “moral das famílias”, as quais eram denunciadas em notas de jornais: na Praia de Iracema, as famílias não estão sendo respeitadas.

Tem chegado ao nosso conhecimento factos que se verificam, quotidianamente, na Praia de Iracema em freqüentado restaurant. Rapazes que se não recommendam, fazem-se acompanhar de horizontaes, e sem o menor respeito a vizinhança, em altas vozes pronunciam obscenidades. Chamamos para o caso a atenção do Sr. Mecenaz de Alencar, que sem grande sacrifício, poderá pôr termo a tais abusos<sup>34</sup>.

Cabe observar que as páginas policiais, assim como os processos-crime, atentavam para outro lado da aparência aformoseada da cidade, já que faziam parte integrante desse cenário episódios de violência, muitos deles causados por

<sup>32</sup> JORNAL GAZETA POLICIAL, 4 fev. 1928.

<sup>33</sup> CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2000.

<sup>34</sup> JORNAL GAZETA POLICIAL, 4 fev. 1928.

paixão, ciúme e ódio. A cidade de Fortaleza pretendia mostrar-se como moderna, mas trazia consigo ambiguidades.

É possível pensar que tantas atitudes ou condutas “ilegais” demonstrassem a verdadeira vivência do restante da população com a ideia de moderno, até onde esse discurso pôde alcançar e, quando não o fizesse, que mecanismos poderiam ser usados por esses sujeitos para continuar a viver na cidade.

Nos jornais locais, mantinham-se os discursos de ordem e manutenção moral direcionados a populares amontoados em casebres e regiões periféricas. Contudo, as articulações ligadas aos projetos de mudanças perseguiram atitudes e vivências consideradas insalubres, regiões formadas por becos, casas de palhas, cortiços e modos de vida de trabalhadores mestiços, pobres, que prestavam serviços como lavadeiras, engomadeiras, ferreiros e carreteiros. Desse modo, as ações desses personagens no desenrolar de suas experiências cotidianas traçam um percurso e denotam os modos como usavam as vias públicas, os corpos.

Frente a essas inquietações, o reforço da ação da vigilância era considerado de extrema importância. Nesse contexto, a Gazeta Policial noticiava “*Uma organização modelar – as atividades da vigilância noturna*”<sup>35</sup>.

Em Fortaleza, a chegada da luz elétrica, no entanto, abrandou um pouco os encantos românticos da cidade. Os artefatos e a aparelhagem técnica e sonora passaram a figurar de maneira constante como símbolos da modernização. Considerando-se desde a primeira circulação de automóvel, em 1909, até a aparição das máquinas domésticas, pode-se dizer que os componentes dessa atmosfera moderna modificaram a paisagem de Fortaleza, nela imprimindo feições urbanas.

O célebre adensamento populacional visto com certo receio pelas autoridades municipais indicava um processo de crescimento urbano cujas marcas se estendiam à infra-estrutura da cidade, dentre as quais: construção do primeiro arranha céu – o Excelcior Hotel (1931);

---

<sup>35</sup> A vigilância noturna era uma entidade pública, órgão de repressão e combate ao crime e atitudes transgressoras no cotidiano de Fortaleza, que dialogava, segundo os seus, com os anseios de progresso e estabilidade.

pavimentação das vias públicas á base de concreto (a partir de 1933); e a emergência da eletricidade na iluminação pública (1934-35)<sup>36</sup>.

A administração pública da cidade inventou uma nova perspectiva do “viver”. As autoridades implementaram mecanismos de ações para a eliminação de detritos indesejáveis, de animais que transitavam e de lixo espalhados nas ruas. Além disso, perseguiram os indivíduos marcados pela miséria, como os desocupados, as meretrizes e os bêbados, entre outros. Um projeto eugênico que colaborava com a obra de organização e civilização do país.

Para além do olhar de cidade pacata e tranquila, existia em Fortaleza uma movimentação registrada como “transgressora da ordem”, associada a uma suposta desmoralização nas formas de viver na cidade, destacada em jornais e comentada por observadores. Nesse sentido, advertia o jornal *O Povo*: “Em todos esses lugares suspeitos faz-se mister uma atuação preventiva da polícia, de modo que, anulada a possibilidade do crime, não se venha lamentar ocorrências de sangue, que enchem a coluna da crônica policial da imprensa”<sup>37</sup>.

Os espaços lúdicos – muito frequentados, principalmente no período de “Momo” –, que envolviam cabarés ou “casas de pensão” e tinham suas portas abertas para receber adeptos de Dionísio e Baco, foram palco de episódios de amor e briga. Alguns se situavam no centro da cidade, como enfatiza o memorialista cearense Blachard Girão: “Os cabarés situavam-se no centro da cidade, nos antigos casarões herdados dos tempos mais antigos, anos mais antigos, dos quais as pensões as chamadas ‘pensões alegres’ ocupavam a parte superior”<sup>38</sup>.

O mapeamento da cidade agregava os respectivos núcleos urbanos citados em cada processo, estabelecendo distâncias e proximidades entre os sujeitos envolvidos. Segundo essas narrativas, havia, dentro de Fortaleza, determinados

---

<sup>36</sup> SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo e. *Rumores: a paisagem sonora de Fortaleza*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006, p. 31.

<sup>37</sup> REPRESSÃO ao crime. *Jornal O Povo*, 26 jul. 1941.

<sup>38</sup> *O liceu e o bonde na paisagem sentimental da Fortaleza-província*, p. 174.

núcleos formando subúrbios e guetos que agrupavam populares em ocupações informais:

Pode-se pensar que, nesse plano, Fortaleza é recortada não apenas pelo traçado físico, mas pela trajetória dos comportamentos que indica um deslocamento que se confronta com ordem pública. Andar na rua implicava, portanto, obedecer a preceitos que se configuravam, dentre outros, na atenção à higiene e à moral. Tanto a higiene como as questões de saúde pública estavam ligadas ao problema de segurança pública<sup>39</sup>.

Nesse contexto, a mulher, ao sair de casa para o trabalho e ocupar-se da complementação da renda familiar, escolhia uma dupla jornada, a do lar e a da rua, atuando na contramão do discurso moralizante. Muitas eram engomadeiras ou realizavam serviços domésticos, no intuito de complementar a renda do marido, geralmente parca, e, especialmente, de comprar vestimentas para si e as crianças. Muitas recorriam à justiça em casos de discriminação e maus-tratos. Eram, ainda, generalizadas pela sociedade, que delas exigia uma postura condizente com a moral reinante.

As questões de remodelação e os discursos incisivos em favor da saúde e da limpeza pública não envolveram somente as autoridades médicas, os mestres da Arquitetura, a prefeitura, o chefe de polícia e a inspetoria de higiene, mas também cronistas, jornais e revistas<sup>40</sup>. Nos jornais, que atuavam, muitas vezes, como porta-vozes da população em geral, evidenciava-se a preocupação em abordar os comportamentos na cidade, que abrangiam brigas, prostituição, cinemas, bêbados, desocupados, bigamias e queixas de casos ligados à situação conjugal dos sujeitos, entre outros.

Histórias fragmentadas foram frutos de cada passo ou deslocamento desses moradores. A cidade de Fortaleza, nesse período, mantinha explícito esse jogo de ações:

<sup>39</sup> GIRÃO, Blachard, *O liceu e o bonde na paisagem sentimental da Fortaleza-província*, p. 174.

<sup>40</sup> CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar & botequim*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.



Percorrer no cotidiano das ruas as ações dos sujeitos sendo classificadas como infrações. Perceber a cidade se fazendo em dias e noites em que mulheres e homens se encontram a praticar desordens no bairro, no quarteirão, onde são vistos pelo inspector, ocupando a cidade, implicou em pensar numa cidade feita por fatos caracterizados como desordeiros e, portanto, o avesso do que se idealizava para ela<sup>41</sup>.

Nota-se, assim, que o crime torna-se um fio condutor mediante o qual se podem vislumbrar as sociabilidades cotidianas de indivíduos moradores da mesma rua, bem como os discursos construídos sobre eles. Ademais, as janelas das moradias podem ser entendidas com um meio de entrelaçamento entre o público e o privado, propiciando trocas e maneiras de ver e ser visto, além da observação do cotidiano e das conversas com vizinhos:

A arquitetura das casas, com muitas janelas voltadas para a rua, favorecia o intercâmbio social, não havendo uma preocupação de isolamento. Na janela sempre ladeada por assentos (as conversadeiras), sentavam-se as mulheres para bordar e tricotar, descansar os legumes e conversar com as vizinhas. As relações de vizinhança multiplicavam-se, as compras, vendas e entregas eram ali realizadas, as crianças buliam com os transeuntes, as moças flertavam nas soleiras. Assim, através da janela, a casa e a rua, o público e o privado interpenetravam-se por meio de trocas permanentes<sup>42</sup>.

Conhecido por sua beira-mar, o Mucuripe era uma localidade de caminho agradável. Entre os meses de agosto e setembro, aconteciam, nesse bairro, os Festejos de Nossa Senhora da Saúde, festa católica que propiciava divertimentos e encontros, além da venda de guloseimas e de bebidas em banquinhas montadas por populares. A comemoração, todavia, serviu também de palco para o desfecho de um crime.

Em setembro de 1929, um indivíduo conhecido como Antônio Ceroulinha, com uma faca empunhada, atingiu Eulâmpia Sales, sua ex-esposa,

---

<sup>41</sup> BARBOSA, Marta Emília Jacinto, *Cidade na contramão: Fortaleza nas primeiras décadas do século XX*, p. 65.

<sup>42</sup> MATOS, Maria Izilda Santos de. Na trama urbana: do público, do privado e do íntimo. *Projeto História* (Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP), São Paulo, n. 13, p. 129-149, 1996, p. 133-134.

que se dirigia com suas amigas ao local dos festejos de Nossa Senhora da Saúde<sup>43</sup>. Testemunhas conhecidas do casal prestaram depoimento à polícia, revelando que conviviam com os envolvidos no crime naquele ambiente próximo à praia e que fazia parte de um bairro ainda em formação, o Meireles. Naquela época, Meireles, atualmente conhecido como um bairro de luxo de Fortaleza, não havia adquirido a notoriedade de hoje, uma vez que os fortalezenses ainda tinham receio com relação aos banhos de mar (uma polêmica de ordem moral para a época), e, no local, residiam famílias de pescadores<sup>44</sup>.

A cidade pode ser pensada como um jogo de corretores e praticantes de diversas ações. Moradores, juntamente com a polícia, indicavam, muitas vezes, os caminhos da “moral” entre o que deveria ser repreendido. Foi o que se observou no jornal *Correio do Ceará*, no ano de 1929, em Fortaleza:

Campanha contra os maus costumes: A polícia de Fortaleza vai acabar com o futebol nas ruas, corridas de patins e outros hábitos intoleráveis [...] falando a nossa reportagem o Sr. Walmir Silva declarou o seguinte: de certo tempo pra cá, o jogo de futebol nas ruas vem preocupando as autoridades policiais, o esporte bretão, depois da “Copa do Mundo”, tornou-se uma verdadeira coqueluche. Além do futebol nas ruas, que repito, uma brincadeira nociva, vamos fazer pressão também contra outros vícios, tais como as rodas de cadeiras nas calçadas, as corridas de patins, os namoros indecorosos e qualquer espécie de jogos praticados nas ruas<sup>45</sup>.

Apresentam-se, nesse trecho, sentidos entre os espaços públicos e privados, sendo, por excelência, a rua, um espaço de controle e obediência. Estendendo a análise, por se tratar da voz de um morador ao jornal, as investidas contra os ditos “maus costumes” parecem ser um apelo geral. No entanto, seria possível examinar, com minúcia, que a rua, e principalmente os usos que eram

<sup>43</sup> Processo “Eulâmpia Sales”. Fortaleza, set. 1929. Material disponível no APEC.

<sup>44</sup> FREITAS, Idalina Maria Almeida. *O preço da traição: o cotidiano construído nos processos crime nas primeiras décadas do século XX*. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

<sup>45</sup> CAMPANHA contra os maus costumes. *Correio do Ceará*, Fortaleza, 1929.

feitos dela, tornaram-se casos de polícia, que, nesse sentido, serviam como mediadores, dentro de um processo “civilizador” para com a população.

Essas práticas no espaço podem se referir a uma forma específica de operação ou “modos de operar”, a outra espacialidade (uma experiência de espaço antropológica, poética e mítica) e a uma mobilidade opaca e cega, característica da cidade febril<sup>46</sup>.

As autoridades, explicitamente, associavam a questão da criminalidade ao consumo excessivo do álcool em “subúrbios distantes” e ao acesso de armas pela população. Pensava-se que, assim como a sexualidade liberada violava a imagem da mulher, o alcoolismo manchava a imagem/postura do homem. Dessa forma, embora o botequim e o ato de beber fossem símbolos de masculinidade, o controle do consumo alcoólico era necessário para o homem disciplinado. Este devia beber como “homem”, e não como “vagabundo”<sup>47</sup>.

O corpo masculino deveria sempre apresentar vigor, ser símbolo de proteção e equilíbrio, e os mestiços, “profundamente degenerados”, segundo o saber médico, “enfermos”, quando não separados de boa parte da nação, necessitavam serem educados. Associados pela Medicina ao corpo que produz para o Estado, a robustez masculina deveria manter-se em alto nível, paralelamente à sua produção no trabalho – era o que decretava o médico Dr. J. E. Alencar, nas páginas do jornal O Estado:

As endemias aniquilam o homem do sertão até as cidades. A tuberculose, a malária, a verminose, a boubá, a lepra e as diarreias infantis aniquilam a economia cearense. E o pior de tudo é que muitas vezes ele nem sabe que está doente. Não acredita. Aquilo é mesmo da raça. Estuda e não aprende: a anemia aniquila o seu esforço. Trabalha e não produz. A tuberculose, a sífilis e a verminose esgotam-lhe as forças<sup>48</sup>.

---

<sup>46</sup> CERTEAU, Michel de. Andando na cidade. *Revista do Patrimônio Histórico, Artístico e Nacional*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 15-31, 1994, p. 23.

<sup>47</sup> SOUZA, Noélia Alves de. Embriaguez e desordem: alcoolismo e masculinidade em Fortaleza nas décadas de 20 e 30 do século XX. In: SOUZA, Simone de; NEVES, Frederico de Castro (Org.). *Gênero*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002.

<sup>48</sup> A SAÚDE do Ceará. *Jornal O Estado*, Fortaleza, 9 mar. 1941.

As referências ao homem do sertão, à raça sertaneja, bem como as menções a todo tipo de doenças, configuram um discurso de saber médico carregado de preconceitos, naturalizando os indivíduos e sugerindo uma nova conduta “higiênica” que, antes de tudo, deveria ser para um maior rendimento. Ao passo em que se “adaptavam” ao novo estilo de vida, ágil, moderno, as estratégias do poder trabalhavam para que os corpos, ancorados em ideias científicas, cultivassem um Estado forte. Desde a criança até o adulto “saudável”, o corpo só seria útil, se, ao mesmo tempo, fosse um corpo rendoso e submisso<sup>49</sup>.

---

<sup>49</sup> FOUCAULT, Michel. *Resumo dos Cursos do College de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

## **CAPÍTULO II**

### **USOS E SUBJETIVIDADES DOS CORPOS NA CIDADE MODERNA**

#### **2.1 O corpo nos processos criminais**

#### **2.2 Sobre os dispositivos para o corpo: Ciência, Filosofia e Medicina**

#### **2.3 Os médicos e os Outros: degenerados e criminosos**

Atentando para uma escrita da história das percepções, olhares, contradições, preconceitos e estranhamentos, busca-se compreender de que maneira se deu a influência de determinadas ideias a respeito do corpo feminino, pelo trato com as fontes, nas entrelinhas inteligíveis pelo historiador. Discurso médico que interditou e, muitas vezes, aprisionou mulheres em instituições e saberes.

As experiências dos corpos na cidade, mediadas pelos discursos de poder em Fortaleza, contam uma história de estratégias de sobrevivência mediante os ditames dos poderes médicos e jurídicos, experiências de resistências e concessões, dando visibilidade para outras histórias ainda não escritas e suscitando outras questões, tais como o corpo nos processos criminais e os dispositivos para o corpo feminino, dialogando com os saberes da Ciência, Filosofia e Medicina, o que propiciou debates desses saberes com as questões sociais.

Os usos dos corpos, nesta análise, efetuam o seu registro como elemento cultural, histórico e político, em suas diversas práticas e representações.

*“Essa luta noturna de uma sociedade com seu corpo é feita de amor e ódio – de amor por esse outro que a mantém e de ódio repressivo por impor a ordem de uma identidade.”*

(MICHEL DE CERTEAU)

## 2.1 O corpo nos processos criminais

No ano de 1923, na cidade de Fortaleza, a morte da “inglesinha” Edith Davis fez emergir, por meio de discursos médico-jurídicos, um inquérito policial no qual a vida em comum de um casal estrangeiro suscitou um jogo de relações que, por sua vez, traçou o nosso primeiro olhar sobre o que poderiam ser as relações de gênero, poder, instituições e saberes nessa sociedade do início do século XX.

O marido de Edith, Percy Granville Davis, era engenheiro assistente da The Ceará Tramway Light & Power Co. Ltda., empresa responsável pelos serviços de bonde e eletricidade naquele período.

A Light foi uma empresa fornecedora de energia elétrica de capital britânico, que detinha, desde 1912, a concessão pública para a exploração dos serviços de bonde e para a geração e distribuição da eletricidade no município<sup>50</sup>.

Segundo o inquérito, na noite de 22 de setembro de 1923, após o jantar, Edith e Percy recolheram-se em seus aposentos. A versão do processo leva a crer que Edith morreu depois de uma “*syncope cardíaca*”, mas os depoimentos das testemunhas e das pessoas próximas ao casal sugerem que existiu mais do que uma simples morte natural.

Deponentes revelaram que o casal vivia em constantes brigas e que Percy infligia maus-tratos à sua esposa. Uma “*creada*” da casa afirmou que, antes daquela trágica madrugada, à tardinha, Edith e Percy voltaram para casa aparentemente bem, jantaram e, em seguida, começaram a brincar, correndo um atrás do outro em volta da mesa.

---

<sup>50</sup> SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo e. *Entre o fio e a rede: a energia elétrica no cotidiano em Fortaleza (1945-1965)*. 2008. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação da CAPES, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.



Percy, em seu depoimento, sobre os maus-tratos à sua esposa, afirmou:

Que absolutamente nunca infligiu maus tratos a sua esposa, apenas como é costume e natural na Inglaterra, o depoente não por instinto de perversidade empurrava sua esposa ou dava-lhe palmadas no rosto ou nas costas, mas isso por brincadeira. Que o facto de haver feito a barba no dia da morte de sua mulher, não tem a significação mal que querem prestar, por quanto, se aqui no Brasil é isto censurável não o é em sua Pátria, onde constitui um hábito de reconhecido asseio e hygiene, e o depoente, seguindo costume de sua Pátria e esperando a visita de patrícios seus, entendeu de barbear-se<sup>51</sup>.

O processo “Percy Davis” sugeriu um cotidiano do casal cheio de nuances e detalhes. A construção da acusação e o posterior desenrolar das investigações revelaram algumas contradições nos discursos das testemunhas, além da confusão entre os médicos e o poder jurídico<sup>52</sup>. Sobre os processos, percebidos como representações, ideias acerca de uma realidade, podem eles ser entendidos como parte de dispositivos<sup>53</sup> sobre os corpos, que também partiam do crime e das condutas em vida. Nesse caso, o processo, enquanto fonte histórica<sup>54</sup>, é uma

<sup>51</sup> Processo “Edith Davis”. Fortaleza, set. 1923. Material disponível no APEC.

<sup>52</sup> MATOS, Maria Izilda Santos de. Em nome do engrandecimento da nação: representações de gênero no discurso médico – São Paulo 1890-1930. *Diálogos* (Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá), Maringá, v. 4, n. 4, p. 77-92, 2000.

<sup>53</sup> Nesta tese, apropriamo-nos do conceito de dispositivo elaborado por Michel Foucault, a partir da reflexão destes dois filósofos, Giorgio Agamben e Gilles Deleuze: “[...] chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes” (Cf. AGAMBEN, Giorgio. *O que é um dispositivo*. Fala proferida em uma das conferências realizadas no Brasil. Brasil, set. 2005). “Os dispositivos têm por componentes linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força, linhas de subjectivação, linhas de brecha, de fissura, de fractura, que se entrecruzem e se misturam, acabando por dar uma nas outras, ou suscitar outras, por meio de variações ou mesmo mutações de agenciamento” (Cf. DELEUZE, Gilles. *Que es um dispositivo?* In: \_\_\_\_\_. et al. *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa, 1990, p. 4).

<sup>54</sup> “Sobre as discussões atuais no que concerne ao conhecimento histórico, destaca-se que a própria noção do que é histórico também é histórica, variando no tempo e em diferentes sociedades, e, em segundo lugar, porque, potencialmente, todo vestígio do passado pode ser uma fonte histórica, dependendo do que queremos conhecer deste passado”. Cf. ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA (Anpuh). *Texto dirigido ao Supremo Tribunal Federal (STF) sobre o reconhecimento dos documentos históricos para a sociedade*. São Paulo: Anpuh (gestão 2011-2013), 2011.

representação do real, porém não dá conta do que foi por completo essa realidade.

Diversos elementos postos no inquérito, tais como a condição financeira mais favorável, o prestígio social, a origem estrangeira e o idioma do casal, que, de naturalidade inglesa, tinha dificuldade de se comunicar na língua portuguesa, contribuía para o convívio menos próximo de Edith e Percy com a vizinhança<sup>55</sup>. Contudo, algumas poucas pessoas mantinham laços de amizade mais estreitos com os Davis, embora de maneira oportuna, como a vizinha Maria Zilda, que frequentava a casa da família para “*prestar, como costumava fazer, seus serviços à morta*”<sup>56</sup>.

No depoimento de Maria da Conceição dos Santos, 24 anos, solteira, cearense, parda, “*creada*” do casal, a mesma afirmou que os dois viviam em perfeita harmonia e que, naquele dia, logo após o jantar, começaram a brincar, correndo um atrás do outro de forma amistosa. Ela declarou: “[...] *começaram a brincar correndo um atrás do outro, rodeando a meza até que a inglesa sentou-se em uma espreguiçadeira e levando a mão ao coração disse para o marido que estava muito cansada conservando-se um pedaço bom de tempo sentada [...]*”<sup>57</sup>.

A “*creada*” do casal revelou, ainda, que, três dias antes da morte da Sra. Davis, notou que ela chorava numa espreguiçadeira, e que seu marido, naquele momento, “*puxou-a pelo braço e sentou-a em sua perna [...] levando o dedo [à boca] como que impondo silêncio*”<sup>58</sup>. Todavia, ainda que a “*creada*” participasse da vida do casal, ela, segundo o processo, em alguns momentos, poderia não conseguir diferenciar as suas brigas das suas brincadeiras, já que os patrões tinham uma cultura por ela desconhecida. Além disso, a dificuldade na compreensão da língua falada naquela casa pode tê-la confundido, o que, aliás,

---

<sup>55</sup> CAMPOS, Eduardo. *Crime e descrime*. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2005.

<sup>56</sup> Processo “Edith Davis”.

<sup>57</sup> Idem.

<sup>58</sup> Idem.

podia ser usado pelos cônjuges como estratégia para manter resguardada a sua “intimidade”.

O caso Edith Davis chama a atenção para a ocorrência de um “excepcional”, quando se pensa em classes. O engenheiro e a mulher faziam parte de outra parcela da sociedade em Fortaleza, mais abastada; além disso, a diferença também se dava pela nacionalidade, pela língua.

Nos espaços mais periféricos da cidade, os conflitos aconteciam entre familiares ou vizinhos, tornando-se casos de polícia. A própria situação das casas também contribuía para a aproximação. Eram, em sua maioria, bairros periféricos, lugares afastados do centro da cidade, paredes-meias, além de “puxadinhos” no fundo do quintal, propiciando aproximações e trocas de informações sem sequer ser necessário sair do âmbito da labuta diária.

Entretanto, ao mesmo tempo em que tais características podiam fazer com que os vizinhos se ajudassem, também podiam propiciar intervenções nos relacionamentos, tensões entre casais, cenas de ciúmes, brigas por suspeita de traição ou algum tipo de ofensa à honra conjugal e/ou familiar<sup>59</sup>. Pode-se pensar, para além da questão do cotidiano, um aspecto de classe, pois, em sua maioria, eram populares que, perante o discurso, posicionaram-se à margem da sociedade.

Longe de apresentar apenas dados que podem suscitar algumas questões sobre a vivência de tais sujeitos, esses dados, de tão refinados, fragmentos de um todo, reinventam histórias. Desse modo, busca-se sempre o que se quis dizer com o que se havia dito.

Assim, os atestados de miserabilidade são partes componentes nos processos. Neles, encontram-se as declarações oficiais – a maior parte das vítimas, pais ou parentes das mesmas –, apresentando sua condição de miseráveis ou pobres, uma peça importante que compunha um todo no mosaico.

---

<sup>59</sup> BARBOSA, Marta Emísia Jacinto, *Entre casas de palha e jardins: Fortaleza nas primeiras décadas do século XX*.

Nesse bojo, é possível perceber o discurso jurídico como um dos dispositivos que procuravam promover a higiene social; era um meio de “elevação da consciência” pública. Se um marido, namorado, deflorador ou sedutor programava atitudes com esta ou aquela mulher, era admissível a absolvição ou até mesmo desconsiderar a sua acusação, recaindo sobre a vítima todo o discurso moral e a culpabilidade, pois ser mulher, resguardar o seu corpo e a sua figura era dever social. O discurso utilizado, nesse caso, perpassa as noções de circularidade<sup>60</sup>, quando oculta alguns aspectos em detrimento de uma supervalorização de outros.

O interesse em justificar as atitudes de acusados manifestava-se de acordo com os padrões que a narrativa daquele crime se propusera a mostrar para a sociedade. Nesse compasso, a Medicina adquiria notoriedade e *status* de trabalho científico, granjeando aparatos de pesquisa e elevando a figura do médico. Abandonava-se o vocabulário estrito da Medicina para se alcançar um linguajar que mais se aproximasse da fala policial e dos discursos dos juízes.

Quando o inquérito policial era instaurado, várias ideias surgiam sobre o crime. Médicos, juristas, conhecidos, amigos, vizinhos e parentes discorriam sobre o caso, e selecionavam os fatos e os discursos resultantes do encontro com as regulamentações do Estado. Vale dizer que existia uma complexa estrutura para a elaboração do processo, que deveria conter a denúncia do promotor de justiça, o interrogatório das testemunhas, as declarações prestadas pelos acusados e as vítimas, além das declarações dos envolvidos diretamente no crime e do reconhecimento visual desses indivíduos, constituindo um mosaico de discursos.

---

<sup>60</sup> GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Outros elementos que lançavam mão, desta vez, do recurso visual, eram os exames de idade, as fichas de identificação e os atestados de miserabilidade<sup>61</sup>, os quais também construía dispositivos de subjetivação<sup>62</sup>.

Vale notar que havia uma seleção de fatos que deveriam constar ou não dos autos. O acusado, referido no processo sempre na terceira pessoa, falava mediante outras vozes, ou seja, sua fala era transcrita, interdita de acordo com a interpretação, a orientação daquele que ditava ao escrivão as palavras, os gestos, as condutas e as opiniões que ficariam registradas no processo.

Os juristas estavam como os médicos, imbuídos da missão de formar, científica e socialmente, o cidadão completo, interceptando condutas: trabalhador, homem, branco, jovem, membro de uma família, higienizado, sinônimos de moradia, lazer e corpo saudáveis, por exemplo. O aprofundamento das correlações entre honestidade, moral e bom trabalhador, no meio jurídico, formava um triângulo referencial riquíssimo na sociedade que se desejava formar<sup>63</sup>.

No processo que trouxe Francisca Alves Martins, menor de 17 anos, de cor morena, nascida em Tauhape, iniciou-se um discurso sobre a mesma como moça “*recatada e de bons costumes*”. Ela, há algum tempo, era considerada noiva de Antônio Pedro Mendonça, cearense, solteiro, 29 anos. O moço frequentava sua casa com assiduidade, apresentando provas constantes de dedicação e boas intenções. Antônio Pedro havia “*granjeado a sympattia*” dos familiares da jovem Francisca, ao passo que, merecendo a confiança de todos da casa, no dia 16 de fevereiro, última noite de Carnaval daquele ano de 1926,

---

<sup>61</sup> Os atestados ou declarações de pobreza são documentos usados para comprovar que uma pessoa não tem condições de pagar os custos exigidos para ter acesso a alguns serviços, tais como assessoria jurídica, segunda via do RG, entre outros. Não é necessário apresentar nenhum documento junto com a declaração de pobreza, no entanto, garantir que as informações nela presentes são verdadeiras é responsabilidade do declarante.

<sup>62</sup> MATOS, Maria Izilda Santos de Matos. *Âncora de emoções: corpos, subjetividades e sensibilidades*. Bauru: Edusc, 2005.

<sup>63</sup> ESTEVES, Martha Abreu. *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

convidou Francisca e os seus para uma festa: *“Ao chegar a Praça de Pelotas, aproveitando-se da grande aglomeração popular que procurava as diversões do ‘Coney Island Park’, illudiu a vigilância de Petronilla – mãe de Francisca – e levou esta á sua casa, onde com Ella teve relações sexuaes, deflorando-a”*<sup>64</sup>.

Observa-se, segundo as páginas do processo, a fala do poder jurídico, na figura do advogado de defesa, alinhando discursos de desqualificação da conduta da vítima. Na condição de “iludida” perante os autos, ao perder de vista sua filha para a companhia de Antônio, o depoimento da mãe de Francisca é posto em dúvida pelo advogado de defesa do acusado, que sugere uma contradição:

Alli, ela diz sem ardeios, que o denunciado a convidou para uma festa á rua Santa Isabel, e, no entanto, mais adiante um pouco, diz ter ido para o Coney Island Park, armado á Praça de Pelotas... A mentira entra pelos autos, quando ela sabia que a filha e o denunciado destinavam-se a festa na rua Santa Isabel, e contradição pasmosa, assevera que foram para o circo! Qual a razão porque não u elementos importa em se reconhecer a não criminalidade, visto como a existência desses elementos integraliza o delicto<sup>65</sup>.

O artigo 267 do Código Penal de 1890 refere-se ao crime de defloramento, que consistia em deflorar, tirar a virgindade de uma mulher menor de idade, empregando a sedução, o engano ou a fraude<sup>66</sup>. Tal diploma legal se propôs, em tese, a defender a virgindade física (hímen) dessas mulheres. Na transição para o Código de 1940, encontra-se uma divergência no olhar, pois, em uma dada “ruptura”, o último diploma decidiu julgar a virgindade moral,

<sup>64</sup> Processo “Francisca Alves Martins”. Fortaleza, fev. 1926. Material disponível no APEC.

<sup>65</sup> Idem.

<sup>66</sup> Neste trabalho, foram pesquisados, em maioria, processos criminais que compreenderam a primeira metade do século XX em Fortaleza. Desse modo, os casos aqui apresentados datam de meados dos anos de 1920 e 1930, período em que o crime de defloramento ainda era submetido ao Código Penal de 1890. Porém, a partir da promulgação do Código Penal de 1940, a caracterização do crime passou de defloramento para sedução. Contudo, para a discussão dos juristas, entre eles Viveiros de Castro e Afrânio Peixoto, as noções de defloramento e sedução trazem elementos subjetivos muito fortes, pois punham a virgindade feminina submetida a “ideias morais”, muito embora, no Código de 1940, esses critérios morais para os julgamentos tenham se tornado mais rígidos.

relativizando o estado anatômico, a dor ou o sangramento proveniente (ou não) do ato sexual. No entanto, percebe-se, nesta pesquisa, que esse diálogo/acordo entre a Medicina e o Direito, as delimitações de tempo e as invenções dos dois Códigos em questão ainda assim centraram suas avaliações com base nos componentes cotidianos das ofendidas, bem como nos relatos e nas opiniões que as mesmas apresentaram em seus depoimentos.

Outros mecanismos atestavam ideias mais complexas a respeito da sexualidade feminina, fazendo uma análise do corpo como foco de relações sociais:

Além disso, é preciso que a virgem seja recatada, pudorosa. Entretanto, não se compreende que uma virgem vivesse em companhia de meretrizes, seguindo-lhes os passos e os exemplos, com ellas freqüentando festas de caráter suspeito. E, segundo diz a suposta vítima, deixou-se a mesma deflorar em presença de terceira pessoa. [...] É por isso que discordamos da pretendida virgindade de Maria das Dores e ao mesmo tempo negamos qualquer valor probante de idade do exame médico, visto como já acentuamos que essa peça se apoia em meras e inconsistentes presunções<sup>67</sup>.

É possível perceber espaços de delimitação entre a casa e a rua. A honra feminina, ou o “recato”, por sua vez, ligava-se ao exercício de sua sexualidade e ao seu grau de exposição pública. Dentro do discurso, a noção de honra<sup>68</sup> confundia-se com a própria definição de mulher; ou seja, a mulher sem honra não era mulher, transformando-se em outro “ser” qualquer, digno de escárnio e dono de atitudes vergonhosas. O que se costumou chamar de representações, na verdade, para além disso, constituía-se em próprios dispositivos para o corpo feminino.

Mediante parecer, o processo de Francisca Alves Martins seguiu o curso legal, tendo o Ministério Público pedido a absolvição do acusado, devido à falta de provas. Entretanto, restou indagar se o procedimento feito sobre o

---

<sup>67</sup> Processo “Maria das Dores de Oliveira”. Fortaleza, 1936. Material disponível no APEC.

<sup>68</sup> CAULFIELD, Sueann, *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*.

denunciado era punível em face da lei, ou se Francisca fora ofendida. Ainda restavam dúvidas...

Maria das Dores de Oliveira vivia no subúrbio de Fortaleza e, juntamente com outras mulheres, protagonizou um envolvimento amoroso que fora parar nas páginas de um processo. O defloramento aconteceu no ano de 1936.

Pelos médicos, foram feitos exames de idade e coletadas muitas informações à base de olhares que, assim como todo o respaldo acadêmico, atestaram características que a definiam como mulher menor de 21 anos:

[...] de constituição forte, temperamento sadio, encontraram seios grandes, volumosos, simétricos, com argolas pigmentadas e mamilos salientes, monte de Vênus com cabelos pretos e desenvolvidos, grandes lábios espessos, pigmentados [...] si podem os peritos, de acordo com as observações feitas e em face da impressão do conjunto, da fisionomia, da voz, modo de andar da paciente, precisar a idade aproximada da mesma ou pelo menos afirmar se ela é ou não menor de dezesseis ou de vinte anos [...] e por fim, sim, é menor de vinte e um (21) anos<sup>69</sup>.

Mas o olhar médico era contestado, pois estava baseado em dados imprecisos, e abria “brechas” na lei, aliado à conduta e ao modo de se relacionar da ofendida. Dos autos, consta que Maria das Dores concordou em se relacionar sexualmente com o acusado, justamente pelo fato de o mesmo ter lhe prometido o aluguel de uma casa para morar. O corpo da mulher foi analisado, qualificado e desqualificado como corpo de sexualidade, sob o efeito de patologia que lhe seria intrínseca. Para o campo das práticas médicas, deve ser legado para uma comunicação orgânica social (regulada) e familiar (funcional).

Compondo a narrativa do caso, afirmou-se que a moça foi à “república” do acusado, acompanhada de sua amiga Altina Bento da Costa, que ali permaneceu até terminar o ato da cópula, retirando-se com a mesma, depois do fato consumado.

---

<sup>69</sup> Processo “Maria das Dores de Oliveira”, grifos nossos.



*“Amaro Coelho, o acusado, diz que teve relações sexuais com Maria das Dores, porem que esta já não era mais virgem”*<sup>70</sup>.

O Dr. Viveiros de Castro declarava que, quanto à virgindade, toda mulher “*recatada*” presume-se “*honesto*”, enquanto não se prova o contrário. O elemento da virgindade também é essencial, “*porque se a mulher não era mais virgem, não existe criminalidade*”. Nesses casos, a lei tutelava a “*presumpção de inocência*”, e essa “*presumpção*” significa que as moças de família, vivendo no recato do lar doméstico, sob a vigilância materna, sabem conservar a virgindade do corpo e a dignidade dos sentimentos<sup>71</sup>.

---

<sup>70</sup> Processo “Maria das Dores de Oliveira”.

<sup>71</sup> Processo “Francisca Alves Martins”.

## 2.2 Sobre os dispositivos para o corpo: Ciência, Filosofia e Medicina

As práticas médicas, sobretudo a Medicina Social, no início do século XX, integravam-se com outras disciplinas, inclusive o Direito, e, desse modo, elaboraram um discurso social que, entre outras coisas, agia como planejador urbano. Essa articulação merece ser destacada, pois os mecanismos de desenvolvimento dessa intervenção significaram exercer a apropriação desse corpo<sup>72</sup>.

Na tentativa de se construir uma escrita da história desses olhares, subjetividades, preconceitos e estranhamentos, almeja-se investigar de que forma influenciaram as ideias a respeito do corpo feminino, por meio dos documentos médicos, sendo resultados do próprio encontro com o poder. Discursos médicos que interditarão e, muitas vezes, aprisionaram mulheres em instituições e saberes.

Crimes movidos por paixões<sup>73</sup> e cometidos em “defesa” da moralização da família tornaram-se visíveis, e o Estado passou a criar mecanismos no sentido de limitar essas paixões ditas doentias, bem como sentimentos como o ódio, o amor e o ciúme, os quais, segundo os médicos, podiam ser inerentes ao ímpeto humano de controlar o ambiente, rearranjando-se diante de inovações tecnológicas, estéticas, políticas e sociais. A ideia relativa ao crime merece, ainda, uma análise apurada, levando-se em consideração diversos aspectos da vida cotidiana, como, por exemplo, o lazer e o trabalho.

No momento em que um inquérito policial era instaurado, várias ideias surgiam sobre o crime, e os saberes jurídicos sobre o caso selecionavam os fatos

---

<sup>72</sup> VIEIRA, Elisabeth Meloni. *A medicalização do corpo feminino*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

<sup>73</sup> Para ler mais sobre os chamados “crimes de paixão”, ver BORELLI, Andréia. *Matei por amor! As representações do masculino e do feminino nos crimes*. São Paulo: Celso Bastos Editor/Instituto Brasileiro de Direito Constitucional, 1999.

e as testemunhas. Como já foi dito, havia uma complexa estrutura para a elaboração do processo, constituindo-se um verdadeiro mosaico de discursos, que abarcava a denúncia do promotor de justiça, o interrogatório das testemunhas, as declarações prestadas pelos acusados e vítimas, além das declarações dos envolvidos diretamente no crime e do reconhecimento visual desses indivíduos. O sistema penal buscou suportes e justificações em teorias do Direito e, mais tarde, durante o século XIX, em um saber psicológico, médico, psiquiátrico. A palavra da lei agora era tutorada por discursos de verdade<sup>74</sup>.

Os processos criminais passaram a contemplar o discurso médico dentro de análises apuradas no laudo pericial e em exames de idade, na tentativa de entender as ações dos corpos, ultrapassando a barreira da vida, adentrando a morte e difundindo ideias morais, de poder e de controle.

No momento em que o crime acontecia e a denúncia se formalizava, os acontecimentos chegavam ao conhecimento da justiça e o inquérito era instaurado. Percebem-se, desse modo, diversas construções acerca da ideia de crime, devido, em um primeiro momento, ao caráter “apaixonado” das ações. A representação dos papéis dos envolvidos no crime tomava corpo a partir do momento em que se identificavam a vítima, o acusado e as razões para a ocorrência do delito<sup>75</sup>. No entanto, quais os desdobramentos sociais que tais representações criaram na sociedade moderna? Quais tipos de dispositivos surgiram?

Maria das Dores Nunes, conhecida pela vizinhança como Dôra, com 16 anos de idade, possuía ocupação em serviços domésticos, tendo, por vez ou outra, se empregado em casa de família. No âmbito familiar, Maria das Dores vivia em companhia da avó materna, octogenária, no subúrbio da capital, no bairro do Coqueirinho.

---

<sup>74</sup> FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 1996.

<sup>75</sup> CORRÊA, Mariza. *Morte em família: representações jurídicas de papéis sexuais*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

Essa moça, segundo o processo, teria se envolvido com o negociante de uma pequena taberna, de nome Elpídio Corrêa de Araújo, e consumado o ato sexual com o mesmo. No entanto, embora o fato tivesse sido levado ao conhecimento da justiça, a própria Dôra, tida como “*ofendida*”, confirmara que “*o acusado não lhe prometera casamento, por ser casado, mas que a agradava com presentes*”<sup>76</sup>.

O impasse maior no processo, e que traz, por conseguinte, alguns aspectos da vida de Dôra, era sobre quem tinha sido o “primeiro amante” da jovem, o homem que havia “*lhe roubado a inocência*”. Embora, segundo os autos, o defloramento fosse antigo, datado de mais de seis meses, as versões de algumas testemunhas comentavam sobre os outros “*casos*” de Dôra, e, por isso mesmo, foram três os indiciados como autores do defloramento – “*Elpídio Correia de Araújo, Joaquim Soares e um Motorneiro de Bonde*”<sup>77</sup>. Uma testemunha, de nome Manoel Gatinho, ao falar sobre o assunto, afirmara:

[...] numas kermesses de Santa Therezinha, tinha levado a offendida, Maria das Dôres, para a praia, tendo com Ella, nessa ocasião, relações sexuaes: Que, constatou, então, não ser mais Dôra virgem e, indagado desta quem a havia deflorado, ella informou ter sido um Motorneiro de Bonde<sup>78</sup>.

As opiniões, travestidas de depoimentos que davam conta de uma das subjetividades na conduta amorosa e sexual de Dôra, eram sempre prescritas por terceiras pessoas. O jogo didático imposto pelo processo e a busca por uma verdade foram, nesse caso, um mero fetiche frente ao jogo de respostas da “vítima”, submetida a diferentes interrogatórios.

No domínio das declarações prestadas pelas testemunhas, houve sempre uma emissão de valores sobre as “festas”, aspecto marcante para quem era definida como de conduta duvidosa:

---

<sup>76</sup> Processo “Maria das Dores Nunes”. Fortaleza, 1936. Material disponível no APEC.

<sup>77</sup> Idem.

<sup>78</sup> Idem.

[...] dizem as testemunhas que a offendida era encontrada sempre pela rua, ás vezes a horas avançadas, e que era assídua frequentadora de sambas, e, como sabemos, as danças de hoje são lúbricas, corpos collados num atrito constante que espicaça a volúpia e desafia a carranca dos moralistas, tudo predispõe para o declínio da moral social e privada, para o desluzimento do pudor, o acoroçoamento dos crimes sexuaes, o predomínio da lascívia, o afrouxamento do convencionalismo que sustenta a felicidade dos lares, a honestidade das famílias e as purezas das donzellas<sup>79</sup>.

Os discursos morais construídos sobre os corpos, atentando-se para a percepção de um dispositivo dos corpos femininos, estes, embalados pela “volúpia” do samba, foram resultados de práticas sociais oriundas de um saber destinado à vigilância. Na análise desses discursos, a tentativa, num primeiro momento, é desqualificar condutas e, com isso, “educar” a classe pobre, imersa num processo simultâneo que discutiu o sexo, a sexualidade, como centro das políticas de controle das raças no Brasil<sup>80</sup>.

A sexualidade como comportamento corporal foi pensada, também, como dispositivo que criou e recriou o corpo feminino. Não teve uma origem; foi inventada, em meio a um contexto – primeira metade do século XX no Brasil –, e dialogou com as tentativas de “higienização” social, almejando, por meio de mecanismos de Estado, disciplinar pobres, mestiços, homens e mulheres em seus aspectos relacionais.

Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados de maior instrumentabilidade: utilizável no maior número de manobras, podendo servir de apoio, de articulação, às mais variadas estratégias. O dispositivo estrutura-se em torno de um sistema de regras que define o permitido e o proibido, o prescrito e o ilícito, e funciona de acordo com técnicas móveis, polimorfas e conjunturais de poder. Cada vez mais as chamadas

---

<sup>79</sup> Processo “Maria das Dores Nunes”.

<sup>80</sup> FLORES, Maria Bernardete Ramos. A política da beleza: nacionalismo, corpo e sexualidade no projeto de padronização brasileira. *Diálogos Latinoamericanos*, Aarhus, Universidad Autónoma del Estado de México, n. 001, p. 88-109, 2000.

instituições totais<sup>81</sup> (prisões, escolas, hospitais, hospícios) deveriam cumprir o papel de normalização do indivíduo, aliadas a tecnologias disciplinares, construindo um adestramento do corpo.

A análise do corpo propriamente não segura apenas os aspectos fisiológicos em si. Vai mais além e discute um processo de “histerização feminina” e da sexualidade como algo que pertence ao homem por excelência e ordena o corpo da mulher inteiramente para a reprodução. Desse modo, os corpos femininos, juntamente com a sexualidade masculina, formaram-se em um todo mais amplo também como estratégias de poder.

O corpo feminino, enquanto sujeito histórico, produto do discurso médico-jurídico, constituiu-se a partir do entrelaçamento de saberes científicos, legal e socialmente aceitos como realidades objetivas. Sua função foi justamente inventar um corpo, homogêneo e singular, que se ajustasse ao projeto de governamentalidade.

As estratégias de higienização social tentaram atrelar a vida dos indivíduos à ética no convívio em sociedade e ao cuidado higiênico com o corpo, os gestos, as sexualidades e as vestimentas, legitimando a construção de discursos médicos, num processo principiado em meados do século XIX.

As elaborações a respeito do corpo, sobretudo do corpo feminino, adquirem uma historicidade quando se percebe que, no jogo dos dispositivos, fontes como processos criminais, laudos, receitas médicas, relatórios, exames sobre doença e saúde, virgindade e “honestidade” podem situar os sujeitos dentro de suas experiências cotidianas, recuperando alguns traços de suas ações.

No bojo da análise de quem definiu como “comportamentos desviantes”, a estratégia concebe o olhar sobre um corpo feminino ideal, branco, detentor de “civilidade”. Designados pelos saberes da Ciência Médica, tanto quanto na

---

<sup>81</sup> FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história das violências nas prisões*. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

nossa cultura, a masculinidade<sup>82</sup> é representada como o lado da cultura, e a feminilidade como o da natureza. Assim, seja por sua fragilidade e força, ao mesmo tempo, a natureza é percebida como uma poderosa ameaça que se erguerá e absorverá a cultura, a não ser que esta exerça um rígido controle sobre aquela. Nesse sentido, a história do corpo também perpassa as questões e as dualidades sobre natureza/cultura<sup>83</sup>.

O perfil de um tipo de sujeito requerido pelo projeto da modernidade – homem, branco, pai de família, católico, proprietário, letrado e heterossexual – só teria sentido em diálogo com a intervenção médica em cima de uma série de fatos sociais em geral, aqueles relativos ao crime em particular. Os indivíduos que não cumpriam com esses requisitos (mulheres, empregados, loucos, analfabetos, negros, hereges, escravos, índios, homossexuais, dissidentes) ficaram de fora da “cidade letrada”, reclusos no âmbito da ilegalidade e submetidos ao castigo e à terapia por parte da mesma lei que os excluiu<sup>84</sup>.

A cidade dos discursos médicos e jurídicos dialoga com impressões sobre os primeiros anos do período republicano, bem como com suas estratégias de administração, gerindo a diversidade urbana. Os discursos jurídicos sobre a sexualidade no Brasil, de uma maneira geral, incutem aspectos de uma disciplina burguesa, permeando o cotidiano de tensões<sup>85</sup>.

A fim de perceber um breve histórico do que foi a trajetória médica em Fortaleza nesse primeiro quartel do século XX, perpassam os discursos sobre a solidez científica e acadêmica dessa profissão entre os seus e para o restante da

---

<sup>82</sup> Sobre as reflexões a respeito de “masculinidades”, ver as seguintes obras de Maria Izilda Santos de Matos: *Âncora de emoções: corpos, subjetividades e sensibilidades*. Bauru: Edusc, 2005; e *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade*. São Paulo: Nacional, 2001.

<sup>83</sup> HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. *Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 1, p. 1-26, 1993.

<sup>84</sup> CASTRO-GÓMEZ, Santiago, Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”.

<sup>85</sup> ESTEVES, Martha Abreu, *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*.

população, as interlocuções com o poder do Estado dentro de um projeto reformulador de práticas e posturas civilizatórias para os corpos.

Reunidos em universidades, consultórios ou na prática urbana, era necessário um locus onde fosse dada a união dos médicos, farmacêuticos e odontólogos. Desse modo, o Centro Médico Cearense (CMC), fundado em 20 de fevereiro de 1913, era um lugar de pesquisa e reflexão. A primeira fase do CMC, além de buscar legitimar e fortalecer o saber/fazer dos médicos, farmacêuticos e odontólogos, caracterizou-se por um “planejamento” de uma intervenção sanitária no Ceará, que se desenrolou, propriamente, durante a década de 1920 em diante. Os médicos caminhavam principalmente rumo ao campo, pensando em políticas interventivas de saneamento e controle de doenças<sup>86</sup>.

No Ceará, inicialmente, havia uma demanda para a criação de um veículo médico difusor de experiências e de avanços da Ciência Médica que se preocupasse, sobretudo, com os problemas da saúde cearense, constituindo-se como um símbolo difusor do saber médico. Assim, foi criada a revista *Norte Médico*, tendo o seu primeiro número publicado em 17 de abril de 1913. Os redatores da primeira fase do periódico foram Aurélio Lavor, César Cals e Virgílio José de Aguiar.

Cabe ressaltar que a busca por importância e reconhecimento angariava a participação de peritos médicos no desenrolar das investigações, mas podia se tornar motivo de polêmica social, embora esses profissionais fossem considerados competentes, chegando, muitas vezes, a desvendar os casos. Atuaram nas apurações acerca da morte de Edith Davis três médicos: Dr. Eliezer Studart, Amadeu Furtado e Dr. Eduardo Studart da Fonseca<sup>87</sup>. O trabalho desses

---

<sup>86</sup> GADELHA, Georgina da Silva; FERREIRA, Luiz Otávio. O Centro Médico Cearense: lugar de produção, conservação e transmissão do saber médico. *O público e o privado*, Campos do Itaperi, n. 13, p. 51-66, jan./jul. 2009.

<sup>87</sup> Processo “Edith Davis”.



doutores foi noticiado pelos jornais durante vários dias, já que se tratava de um crime cheio de peculiaridades e as divergências entre os laudos eram constantes.

Em trechos encontrados sobre a atuação/formação desses médicos, o Dr. Amadeu Furtado surgiu como de grande importância, trazendo indícios sobre a classe. Nasceu em Ipu (CE), e faleceu em 6 de fevereiro de 1952, em Fortaleza. Médico, formou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1913. Regressou ao Ceará em 1914, onde abriu consultório, dedicando-se totalmente à sua clínica, desfrutando do máximo conceito no exercício de sua profissão. Segundo o texto, o médico dava: “[...] provas de altas benemerências, praticando a caridade em larga escala, atendendo à pobreza, juntamente com sua imensa clientela, muitas vezes adentrando a noite, no seu consultório e na antiquíssima Farmácia Teodorico, a pioneira de Fortaleza”<sup>88</sup>.

Foi o clínico fundador da Associação dos Merceeiros; professor de Química Bromatológica da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará; médico-legista da Polícia e, depois, Diretor do Instituto Médico-Legal; e presidente do Clube dos Diários. Assumiu a Presidência da Constituinte de 19 de março a 11 de abril, com o afastamento do Dr. Joaquim Bastos Gonçalves para assumir o Governo do Estado do Ceará. Como governador interino, passou o Governo para o Dr. Raul Barbosa. Além de médico, abraçou a carreira política desde 1914, e, sobre sua formação cultural, o texto informa:

Possuía vasta cultura, pois era homem de letras e de sociedade, e tornou-se uma das figuras mais populares e bem-quisitas de Fortaleza. Fundou em 1908, com Euclides de Matos, a revista “Eco da Mocidade”, que despertou sucesso no meio estudantil daquele tempo. Cultivou também a literatura, escreveu contos e artigos nos jornais de Fortaleza e do Rio de Janeiro, dentre os quais: “Fé, Esperança e Caridade”, e “Natal dos Pobres”, que tiveram repercussão no sul do País, sendo esse último traduzido para o espanhol por um escritor jesuíta chileno<sup>89</sup>.

---

<sup>88</sup> Fonte: ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO CEARÁ. *Site governamental*. Fortaleza, 2012. Disponível em: <<http://www.al.ce.gov.br/>>. Acesso em: 5 abr. 2012.

<sup>89</sup> Ibidem.

Entre suas publicações estavam, ainda, os seguintes trabalhos científicos: “Psicoterapia” (tese de formatura); “Pesquisas Químico-Legais” (em parceria com o Professor Rodrigues de Andrade, no processo Percy Davis); “Membrana Hímen” (monografia); tendo escrito, também, vários discursos e diversos artigos esparsos em jornais e revistas. Teve o seu nome posto em um bairro e em uma rua de Fortaleza como forma de homenagem.

Mesmo valendo-nos de um pequeno texto biográfico da trajetória desse médico, tendo em vista a escassez de documentos relativos à formação e à atividade médica em Fortaleza, percebe-se que, além de descrever a rotina atribulada que fazia parte da carreira médica, a tentativa maior era trazer sempre à tona a relação do exercício da Medicina com o sacerdócio, destacando elementos como o trabalho filantrópico, a pobreza e o amor incondicional à profissão apesar das dificuldades. A profissão médica construiu-se nesse envolvimento de poder e em uma suposta caridade.

Entre muitas publicações, questões e debates ligados ao exercício da Medicina em Fortaleza, os assuntos e temas tratados e discutidos, na maioria das vezes, diziam respeito ao exercício da profissão e seus desafios, assim como ao encargo social que esta trazia consigo.

O jornal O Estado, fundado em 24 de setembro de 1936, em Fortaleza, como órgão político, iniciando uma existência ao longo da qual mudou de proprietários pelo menos meia dúzia de vezes<sup>90</sup>, além de diversos assuntos ligados à cidade, trazia uma coluna denominada “Ciência & Filosofia”, assinada por Aluísio Pinheiro.

A coluna era de conteúdo exclusivamente médico, no entanto, o fragmento de alguns de seus textos pôde fornecer um pequeno panorama sobre os conflitos e os juízos de valor que esses profissionais elaboravam a respeito de si, da profissão e da sociedade em que viviam. É interessante lembrar que esses

---

<sup>90</sup> NOBRE, Geraldo da Silva. *Índice anotado do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2006, p. 145.

médicos formaram-se em cursos de Medicina cujos pensamentos e pressupostos teóricos são datados do século XIX, período, por excelência, de consolidação de discursos científicos.

No texto intitulado “O médico e a natureza humana”, o autor traça algumas reflexões sobre a constituição humana:

[...] para a medicina moderna o homem é um ser vivo muito imperfeito. Tem órgãos de escassa importância fisiológica, como o apêndice, e que pela sua grande vulnerabilidade põe em perigo a vida. A natureza e o médico são discordantes em certas circunstâncias. Quem está certo? Não é chocante afirmar-se que o clínico conserta uma obra divina, que é o homem? Só se, de propósito, o homem foi feito com várias falhas, para que ele mesmo veja que não é grande coisa, tem uma imperfeição reconhecível por si próprio. Mas em vez de se conformar com a intenção do Criador, está procurando atrevidamente indireitar tudo aquilo que acha mal feito. É um bicho desgraçado...!”<sup>91</sup>

Nesse texto, é interessante perceber o discurso médico em relação à constituição fisiológica do corpo humano, atestando-o, desde já, como “imperfeito”. Dialogar com os “erros e acertos” da natureza era tarefa da qual os médicos se julgavam detentores, já que eles, na maioria das vezes, eram recorridos a “consertar” esses erros.

Em outro artigo, denominado “O médico e o meio social”, o autor expõe:

[...] o desajustamento entre a elevada posição social que se confere ao médico e a renda econômica para a manutenção desta posição [...] No posto de honra que lhe dão, o médico diz para si: como ocupar o lugar que me conferem, se às vezes o ganho está abaixo do salário mínimo? Não se admite maltrapilho na alta sociedade. [...] O desejo supremo é que a medicina seja um sacerdócio, mas apaixonadamente esquecem que o médico precisa comer e vestir bem para não ser humilhado, comprar livros e ter um conforto compatível com a posição que lhe dão. O médico trabalha também nas classes pobres onde o engenheiro e o advogado não intervêm, porque pobres não tem casas a construir nem causas a defender, mas tem muitas doenças a tratar<sup>92</sup>.

---

<sup>91</sup> PINHEIRO, Aluísio. O médico e a natureza humana. *Jornal O Estado*, Fortaleza, 22 nov. 1942.

<sup>92</sup> Idem. O médico e o meio social. *Jornal O Estado*, Fortaleza, 3 jan. 1943.

As discussões e as opiniões acerca da remuneração para o trabalho do médico em Fortaleza eram objeto de controvérsias. No limiar entre o *status* que a profissão dava e o baixo salário beirando a filantropia, a grande crítica travada entre os profissionais da Medicina era: como manter-se no trânsito entre a elite social e cultural, sem desfrutar financeiramente de um bom salário?

Vale acrescentar que os médicos ainda mantinham interlocuções com outros profissionais de áreas distintas, no tocante a comparar suas rendas e suas habilidades, e a entender por onde elas efetivamente estavam sendo úteis. No fragmento de texto transcrito acima, percebe-se que os médicos angariavam para si o amparo à população pobre, emitindo juízos de valor entre pobreza e doença.

Sobre “Os médicos e a Filosofia”, o autor escreve:

Passar a vida inteira a cuidar exclusivamente de doenças torna o homem um mero profissional, sem aprimoramento cultural, sem poder interpretar o que se passa na sociedade de que faz parte. Justamente para evitar essa influência embrutecedora da monocultura intelectual, é que os médicos de hoje, fazem na horas vagas, as suas incursões pelo campo da Sociologia, da Filologia, da História, da Física, havendo mesmo entre nós, brilhantes exemplos sobre o caso. [...] Dizer que a Obstetrícia moderna procura abolir a dor no parto não é querer desprestigiar a bíblia. A medicina tem sido implacável na luta contra a dor, sob qualquer forma ou circunstância, sem levar em conta a opinião dos exegetas<sup>93</sup>.

Discutir as questões sociais também era anseio dos médicos, muito embora já o fizessem por meio de discursos, laudos e teses. Desse modo, conjecturarem sobre como lidar com os corpos demandava outros tipos de conhecimentos. Alguns médicos tinham anseios por um *status* cultural, intelectual, em diálogo com a profissão. No artigo citado acima, além de reivindicar o interesse sobre o domínio de outros campos do saber, a não inédita contenda entre Medicina e Religião era revisitada. Assuntos desse teor eram discutidos e contestados, e alguns procedimentos médicos desencadeavam

---

<sup>93</sup> PINHEIRO, Aluísio. Os médicos e a Filosofia. *Jornal O Estado*, Fortaleza, 26 nov. 1944.

tensões a respeito da “natureza” do corpo humano e dos modos de intervir e gerir esse corpo.

Dizer sobre as práticas médicas é também enveredar sobre um campo de sensibilidades<sup>94</sup>, seja na cena operatória, nas agonias da dor ou simplesmente em procedimentos mais “simples” de tratamento e cura. O médico trata do corpo, e, tendo como ofício tratar, curar uma “obra divina”, não se deve esperar uma rápida laicização de suas atitudes, vide as eternas pelepas entre Medicina e Igreja. Compreende-se, no entanto, que a prática e a formação médica desejaram, por algum tempo, um reconhecimento social, cultural, científico e financeiro, de forma que, em meados do século XX, em Fortaleza, isso precisou ser discutido, exigindo visibilidade. Os jornais, nesse permeio, adquiriram a função de mediadores desses discursos, provavelmente chegando aos olhos de quem deveria enxergá-los.

---

<sup>94</sup> CORBIN, Alain. Dores, sofrimentos e misérias do corpo. In: \_\_\_\_\_; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2008. v. 2 (Da revolução à Grande Guerra). p. 267-343.

### 2.3 Os médicos e os Outros: degenerados e criminosos

Analisando a perspectiva da História como um dos campos privilegiados para o estudo da constituição do homem enquanto sujeito de si, na produção de subjetividades dentro de um processo, no momento em que as relações sociais na cidade, na casa e nas ruas aparecem em sua plena complexidade, um “Outro” sujeito foi possível, pelos olhos do poder, pensado na linha dos darwinismos biológicos e racismos científicos, reconhecimento do mal como parte indissociável de cada indivíduo, considerando o paradoxo da existência humana. Do paradoxo, nasceu a possibilidade da não aceitação de tantas “verdades”.

A elite européia, culta e educada, podia aceitar satisfeita as teses que explicavam a posição privilegiada da Europa no mundo. Mas ao fechar o livro e sair para uma caminhada, o mal-estar seria inevitável ao se deparar com a paisagem de sua própria cidade: o alcoólatra, a prostituta, o indigente, uma infinidade de tipos humanos decadentes... feios, sujos e malvados<sup>95</sup>.

Teorias médicas e mecanismos jurídicos utilizavam representações teatrais, literárias, definindo a essência de mulheres, crianças, loucos, sujeitos. Reconhecidos e tratados, encarcerados em instâncias e instituições, ou até mesmo excluídos da vida, impondo-se a Ciência Médica a seus próprios interesses e representações. Em estudos sobre poder e instituições médicas e psiquiátricas, compete-se reconhecer a existência de um poder médico equívoco.

Em Fortaleza, no âmbito dos discursos e práticas, o Departamento de Saúde Pública do Estado administrava uma política higienista severa. No artigo intitulado “A eugenia da Raça”, o Dr. Ed. Monteiro Gondim referia-se à “constituição evolutiva” da nação:

É verdadeiramente um crime permitir-se que pais e mães desgenerescentes deem ao mundo uma série de rebentos incapazes, doentes, pois um indivíduo raquítico, sífilítico, tuberculoso, canceroso

---

<sup>95</sup> FERLA, Luis. *Feios, sujos e malvados sob medida: a utopia médica do biodeterminismo*. São Paulo: Alameda, 2009.

ou psicopata, só poderá produzir elementos incapazes, verdadeiras cargas inúteis, prejudiciais, fonte de decadência dos povos<sup>96</sup>.

As estratégias de higienização/eugenia<sup>97</sup> social, concepções sobre nascer, ser e estar na cidade, atrelaram a vida dos indivíduos à ética no convívio em sociedade e ao cuidado higiênico com o corpo. O corpo enfermo gera a possibilidade de um corpo indolente. Esse discurso, sob o olhar eugenista e racial, desprezava a ideia de reabilitação e reintegração, o que destacava a interferência moral e social dos médicos sobre uma corporeidade irreparável.

Saberes médicos e jurídicos entravam em consenso, unindo-se para analisar corpos de indivíduos que, muitas vezes, traziam sinais de violência, dor ou prazer. Diversas teorias<sup>98</sup> atestavam sobre o corpo feminino e configuravam mulheres dominadas pela paixão, pela loucura.

[...] os jornais tem estampados mais vários casos deste gênero e os exemplos de tais mulheres não são raros na história. Quando uma mulher é dominada pela paixão, perde o sentimento de pudor, senso moral e domínio próprio, em se tratando de objecto de seus desejos. Salta por cima de tudo quanto se oponha á sua paixão, mas pode ser reservada, cheia de tacto e bondade a todos os outros respeitos<sup>99</sup>.

A noção de loucura existente na sociedade era entendida como aliada a um processo civilizatório, meandros de um governo de si e do outro, uma investigação de como e por que. Trazia, assim, seus elementos para cura: a sujeição à lei do outro, a não inadmissibilidade do desejo.

---

<sup>96</sup> A eugenia da raça. *Jornal O Estado*, Fortaleza, 22 jun. 1941.

<sup>97</sup> Embora dialogassem ambas nos discursos médicos, convém diferir Higienistas ou Sanitaristas, especialistas em gerir a saúde pública, e Eugenistas, responsáveis por uma tentativa de melhoramento genético da espécie humana, condições de reprodução etc.

<sup>98</sup> Desde as imagens construídas pelos cientistas e médicos, ao longo dos séculos, imaginando o útero feminino como um “animal interno”, devido aos seus deslocamentos, as patologias intrínsecas ao corpo feminino, como os “tipos de histeria”, desviaram a mulher do cuidado com o lar e da maternidade, e a transformaram numa louca, viúva negra, de Ovídio à Theda Bara, no início do século XX. Pode-se dizer que os discursos sobre as mulheres, as ditas teorias, como quisemos exemplificar, são discursos “atualizados”, que vão redesenhando-as pelo corpo, de suas funções orgânicas até os seus papéis na sociedade.

<sup>99</sup> FOREL, Augusto. *A questão sexual*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1950.

A Medicina adquiriu notoriedade e *status* de trabalho científico, granjeando aparatos de pesquisa e elevando a figura do médico. Estabelecia-se, dessa forma, um “império do olhar”, mediante as observações, as representações e os diagnósticos, e admite-se pensar, no âmbito das diretrizes médicas e jurídicas, um julgamento de valores ancorados pela prevalência do visível sobre o dizível.

Desse modo, mesclava-se o vocabulário estrito da Medicina, a fim de alcançar um linguajar que mais se aproximasse da fala policial e dos discursos dos juízes. A Medicina Legal institucionalizou-se no campo médico, com as especializações, revistas e teses, um verdadeiro domínio de conhecimento ao longo dos séculos XIX e XX, período em que revistas médicas e teses de doutorado alavancaram as discussões sobre o perfil do criminoso baseado no laudo pericial.

O exame médico-legal, assim como outros aparatos do saber científico, configurou como discursos competentes<sup>100</sup>, ou discursos de verdade<sup>101</sup>, mecanismos de dominação que acompanharam o surgimento e a consolidação do Estado Moderno. O saber médico transmite uma árdua trajetória em busca do monopólio de conhecimento sobre o corpo, no tratamento de doenças e no desenvolvimento de curas ou necessidades de imposição de regras para o convívio em sociedade. A imposição e o reconhecimento sociais dos exames médico-legais podem ser compreendidos nesses contextos.

---

<sup>100</sup> CHAUI, Marilena. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Moderna, 1982, p. 2. Tomando a definição da autora: “O discurso competente se instala e se conserva graças a uma regra que poderia ser assim resumida: não é qualquer um que pode dizer qualquer coisa a qualquer outro em qualquer ocasião e em qualquer lugar. Com esta regra, ele produz sua contraface: os incompetentes sociais”.

<sup>101</sup> FOUCAULT, Michel, *A ordem do discurso*.



Lombroso e seus seguidores transformaram o crime em um ato patológico, construindo a Escola Positiva<sup>102</sup>, no século XIX, o que a análise foucaltiana ousou chamar de um discurso *científico-obuesco*, atuando na formação dos laudos periciais. Em tais laudos, procurava-se perceber os estigmas e os tipos físicos dos criminosos, atentando mais para o sujeito do que para o crime. Os médicos reconheciam a doença, e não os doentes. No caso das mulheres indômitas, transgressoras em sua sexualidade ou paixões, o feminino era definido pelo corpo. O corpo da mulher passou a ser alvo de médicos enclausurados em um “asilo representacional”, imbuídos de práticas diversas e constantes resignificações.

A histerização do corpo da mulher era integrada sob o efeito de uma patologia intrínseca às práticas médicas, sendo recomendado o internamento na esfera da exclusão do espaço público de sair, trabalhar, se expressar.

A identidade médica passa por uma concepção do seu meio social, aliada ao seu saber/fazer, dentro de uma capacidade de unir a teoria e a prática num mundo inteligível<sup>103</sup>. No entanto, essa ambição coincide com os anseios em manipular e controlar o corpo, e abarca o psíquico e o orgânico, a Ciência e o imaginário, a tecnologia e a sociedade. Essas categorias, por sua vez, estão associadas a valores e justificativas que mudam no decorrer dos anos e de acordo com as culturas<sup>104</sup>.

---

<sup>102</sup> Como explicou Luis Ferla, Lombroso desenvolveu a teoria da origem atávica do comportamento antissocial e apresentou o personagem que traria popularidade e controvérsias: o *criminoso nato*. Assim, se o ato criminoso era resultado de desvios físicos e psíquicos do indivíduo delinquente, o crime estaria presente no criminoso mesmo antes de ser cometido, e é por isso que a Escola Positiva reivindicava toda uma série de instituições disciplinadoras, que deveriam estruturar o corpo social. Cf. *Feios, sujos e malvados sob medida: a utopia médica do biodeterminismo*.

<sup>103</sup> GADELHA, Georgina da Silva; FERREIRA, Luiz Otávio. O Centro Médico Cearense: lugar de produção, conservação e transmissão do saber médico. *O público e o privado*, n. 13.

<sup>104</sup> SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Corpo e história. *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 243-266, 1993.

Por seu turno, a cidade adquire um *status* de cidade do anonimato, e, ao longo do século XIX, inaugura-se, também, a noção de indivíduo, que, ancorado em suas experiências, cria e recria modificações. Cotidianamente, utilizar objetos que imprimam sua marca significa estar, habitar, e habitar também é o exercício de deixar rastros. O homem “estojo” está perfeitamente caracterizado com os aspectos morais e culturais da burguesia, e, com isso, traz uma noção atenuada de pertencimento<sup>105</sup>.

Esse homem moderno buscou controlar os lugares por onde se poderia transitar, o cuidado com o asseio e as doenças. Desse modo, a disciplina e o controle foram possíveis por meio da liberdade. Nesse movimento do progresso, documentos como a carteira de identidade e a certidão de nascimento, bem como outros artifícios para a identificação do homem moderno, foram pensados sob os desígnios da Ciência.

A “Secção de Identificação”, que está inserida na análise dos indivíduos que deram entrada na polícia, é um dos domínios da Ciência Médica. Reforçar provas de identidade obriga como nunca explorar todos os seus traços, fixar suas particularidades. O alvo seria descobrir uma identidade que se julgava mascarada<sup>106</sup>.

Vale notar que o exame médico-legal sempre esteve inserido fortemente em um domínio psiquiátrico, juntamente com a Antropometria, que, em meados do século XIX, teve o seu grande respaldo científico: a ideia de poder deter medidas métricas precisas sobre os indivíduos poderia “singularizar”<sup>107</sup> um suspeito.

---

<sup>105</sup> BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XIX. In: \_\_\_\_\_; KOTHE, Flávio R. (Org.). *Sociologia*. São Paulo: Ática. 1990. p. 30-39.

<sup>106</sup> COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. Identificar traços, indícios, suspeitas. In: CORBIN, Alain; \_\_\_\_\_. *História do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2008. v. 3 (As mutações do olhar. O século XX). p. 341-361.

<sup>107</sup> *Ibidem*.

Esses mecanismos desenvolveram dispositivos de “fichamentos”, por meio dos quais identificar era também gerir os corpos. O domínio das dimensões do crânio, bem como de seus contornos e protuberâncias, poderia sugerir autores de violências. A medição dos corpos ainda obtém espaço como janelas da alma, mesmo por meio de releituras, vide os exames de idade e as técnicas de identificação, porém, a dificuldade em se encontrar um parâmetro de “normalidade” condicionava a interpretação desses exames<sup>108</sup>.



Ilustração 11: Processo “Beatriz Barbosa da Silva”.  
Fonte: Processo “Beatriz Barbosa da Silva” (1926).

<sup>108</sup> FERLA, Luís, *Feios, sujos e malvados sob medida: a utopia médica do biodeterminismo*.



Ilustração 12: Processo “Maria Monteiro”.  
Fonte: Processo “Maria Monteiro” (1937).

As fotografias, dominadas pelas chefaturas de polícia parisiense no século XIX, assim como os raios-X, foram bastante utilizadas ao longo dos anos pelos médicos. Com isso, o processo de identificação, pensado como processo pelo qual se determina a identidade da pessoa, sobretudo de um sujeito elaborado a partir de exames descritivos, também suscitou equívocos mediante o universo de referências dissimuladas ou a diversidade de ângulos.

Esse processo pode ser entendido não somente como uma revelação do que estava oculto ou uma espécie de “verdade do sujeito”; trata-se, por sua vez, do aprimoramento de técnicas que buscavam a representação de uma interioridade por meio de propostas visuais ou um dispositivo de representação do corpo<sup>109</sup>.

Os elementos trazidos para o exame descritivo exploram os seguintes itens: Caracterização Sexual, Idade, Sinais Individuais, Sistema Dactiloscópico e Notas Cromáticas.

---

<sup>109</sup> PRECIADO, Beatriz. *Pornotopia: arquitectura y sexualidad em Playboy durante la guerra fria*. Barcelona: Anagrama, 2010.

**ESTADO DO CEARÁ**  
**CHEFATURA DE POLICIA**  
SECCAO DE IDENTIFICACAO  
REGISTRO GERAL N. 3355

Delegacia Regional em \_\_\_\_\_

1.0. - 214 - Mod. 5

**FILIAÇÃO MORFOLOGICA E EXAME DESCRITIVO**

Nome: *Virgilio Cavale de Araujo*  
Idade: *31* anos Nacionalidade: *Brasileira*  
Naturalidade: *Caracae*  
Pai: *Progenitor de Oliveira Cavale*  
Mãe: *Francisca de Oliveira Cavale*  
Profissão: *Mecânico*  
Residência: *Rua Costa Barros, nº 515*  
Instrução: *Sim* Estado Civil: *Solteiro*  
Motivo da prisão: *Por crime de deslocamento, no processo de Francisca Matias dos Santos*  
Identificado em: *5 de Janeiro de 1942*  
Observação: *Guia nº 1, de 2º delegacia*

Estatura: *1,70* Outras particularidades:  
Frente - inclinação: *Frente intermediária*  
Altura: *Mediana*  
Largura: *Regular*  
Subarmelhas: *Escuras*  
Palpebras superiores: *Escuras*  
Nariz - Ditos: *Reto*  
Boca: *Reto*  
Lábios: *Secos*  
Queixo: *Oval*  
Orelhas: *Regulares*

Mão direita  
Mão esquerda  
Cabeça  
Outras

NOTAS CHROMATICAS  
Cabelos: *Castanho escuro*  
Barba: *Raspada*  
Corno ou Bigodes: *Secos*  
Olhos: *Castanhos*

INDIVIDUAL DACTYLOSCOPICA  
Série: *3343 Seção 7-2242*

NOTAS DIVERSAS

O Diretor Geral  
*Progenitor de Araujo*  
Firma da pessoa identificada  
*Virgilio Cavale de Araujo*

IMPRESSÕES DIGITAIS - MÃO ESQUERDA

Polgar	Indicador	Médio	Anelar	Mínimo

IMPRESSÕES DIGITAIS - MÃO DIREITA

Polgar	Indicador	Médio	Anelar	Mínimo

Ilustração 13: Processo “Francisca Matias dos Santos”.  
Fonte: Processo “Francisca Matias dos Santos” (1942).

**ESTADO DO CEARÁ**  
**CHEFATURA DE POLICIA**  
SECCAO DE IDENTIFICACAO  
REGISTRO GERAL N. 17556

Delegacia Regional em \_\_\_\_\_

1.0. - 214 - Mod. 5

**FILIAÇÃO MORFOLOGICA E EXAME DESCRITIVO**

Nome: *Joana Pereira*  
Idade: *31* anos Nacionalidade: *Brasileira*  
Naturalidade: *Caracae*  
Pai: *Virgilio Cavale de Araujo*  
Mãe: *Francisca de Oliveira Cavale*  
Profissão: *Costureira*  
Residência: *Rua Costa Barros, nº 515*  
Instrução: *Sim* Estado Civil: *Solteira*  
Motivo da prisão: *Por crime de deslocamento, no processo de Francisca Matias dos Santos*  
Identificado em: *5 de Janeiro de 1942*  
Observação: *Guia nº 1, de 2º delegacia*

Estatura: *1,60* Outras particularidades:  
Frente - inclinação: *Frente intermediária*  
Altura: *Mediana*  
Largura: *Regular*  
Subarmelhas: *Escuras*  
Palpebras superiores: *Escuras*  
Nariz - Ditos: *Reto*  
Boca: *Reto*  
Lábios: *Secos*  
Queixo: *Oval*  
Orelhas: *Regulares*

Mão direita  
Mão esquerda  
Cabeça  
Outras

NOTAS CHROMATICAS  
Cabelos: *Castanho escuro*  
Barba: *Seca*  
Corno ou Bigodes: *Secos*  
Olhos: *Castanhos*

INDIVIDUAL DACTYLOSCOPICA  
Série: *17556*

NOTAS DIVERSAS

O Diretor Geral  
*Progenitor de Araujo*  
Firma da pessoa identificada  
*Joana Pereira*

IMPRESSÕES DIGITAIS - MÃO ESQUERDA

Polgar	Indicador	Médio	Anelar	Mínimo

IMPRESSÕES DIGITAIS - MÃO DIREITA

Polgar	Indicador	Médio	Anelar	Mínimo

Ilustração 14: Processo “Joana Pereira”.  
Fonte: Processo “Joana Pereira” (1919).

**COMITÊ DE IDENTIFICAÇÃO E ESTATÍSTICA**  
**DO ESTADO DO CEARÁ**

REGISTRO CIVIL N. *149*

31 10 2006  
 Typ. Gadelha—Ceará

**FILIAÇÃO MORPHOLOGICA E EXAME DESCRIPTIVO**

Estatura: 1<sup>m</sup> *66*      Outras particularidades

Fronte: inclinação: *vertical*

Altura: *media*

Largura: *regular*

Sobrancelhas: *espessas*

Palpebras superiores: *espessas*

**NOTAS CHROMATICAS**

Naziz dorso: *recto*      Cór: *branca*

Base: *media*      Cabellos: *pretos*

Boca: *media*      Barba: *raspada*

Labios: *finos*      Como usa: *raspado*

Bigodes: *raspado*

Olhos: *casto*

Outras

**INDIVIDUAL DACTYLOSCOPICA**

Serie *E 4355*      Seção *4222*

**Marcas particulares, cicatrizes e tatuagens**

Mão direita: *grande eye na 3<sup>a</sup> phal. do*  
*med. direito.*

Mão esquerda: *signo isalonião na fa*  
*dorsal da mão esquerda*

Cabeça: *Fronte vertical. grande eye*  
*reg. na reg. parotidea cada*  
*reg. pigm na reg. do psuili*  
*defecto.*

*Menes H*

**IMPRESSÕES DIGITAES—MÃO ESQUERDA**

MÉDIO	ANNULAR	MINIMO

**IMPRESSÕES DIGITAES—MÃO DIREITA**

POLLEGAR	INDICADOR	MÉDIO	ANNULAR	MINIMO

Ilustração 15: Processo “Beatriz Barbosa da Silva”.  
Fonte: Processo “Beatriz Barbosa da Silva” (1926).

A Caracterização Sexual corresponde a características psíquicas ou comportamentais, podendo apresentar elementos anômalos em formações diversas.

A Idade diz respeito ao dia do nascimento. Juntamente com esse tópico, podem ser percebidos elementos como a naturalidade, a nacionalidade, a filiação, a profissão, a instrução, o estado civil, entre outros. Existiam também os exames de idade – no caso de crimes de defloramento, por exemplo, era necessário que a vítima confirmasse a idade inferior a 21 anos. Nesses exames, as informações eram obtidas pelo olhar médico, que confirmava o exame por meio dos seguintes elementos: traços do corpo, fisionomia, voz, modo de andar. O olhar médico ainda pretendia estabelecer uma relação entre o “interior” e o “exterior” da pessoa, e, com isso, talvez apreender indícios criminosos ou vitimais.

Os Sinais Individuais identificam informações singulares na pessoa, tais como tatuagens, cicatrizes, sinais profissionais etc. Alguns desses sinais, mesmo não identificando tal pessoa, servem para excluí-la.

O Sistema Dactiloscópico é um dos métodos mais eficientes de identificação e diz respeito aos desenhos digitais.

Fórmula dactiloscópica:

Sucessão de letras e algarismos que configuram os tipos fundamentais de uma pessoa a partir do polegar direito. A impressão do polegar da mão direita denomina-se fundamental e é a base da classificação do sistema. As letras maiúsculas são adotadas para os polegares, enquanto os algarismos representam os demais dedos Verticilo: V - 4, Presilha externa: E - 3, Presilha interna: I - 2, Arco: A - 1, X: Dedo com defeitos (cicatrizes), Zero: amputação. V - 3334 ----- I - 2221. O numerador da fórmula indica a mão direita. O denominador da fórmula indica a mão esquerda<sup>110</sup>.

---

<sup>110</sup> Fonte: Mapas interativos do curso de Medicina da Universidade Federal Fluminense (UFF). As informações explicitadas referem-se ao estudo da Medicina Legal. Cf. FRANÇA, Genival Veloso de. *Medicina legal*. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

No processo acima citado, apresenta-se, para o réu, uma individual dactiloscópia nas numerações: Série – V - 3333 e Secção – V - 2222. O réu não apresenta nenhuma deformação ou amputação.

As impressões digitais foram pensadas como assinaturas biológicas. Esse processo, inicialmente, não foi desenvolvido exclusivamente para a identificação de criminosos. Nascida na China, a técnica, mais tarde largamente utilizada e aperfeiçoada por ingleses, descobriu a sua utilidade na tarefa de administrar imensas massas humanas. O triunfo das impressões digitais remete a uma profunda mutação no campo do olhar lançado sobre o corpo criminoso, apreendendo uma singularidade que só o próprio corpo poderia oferecer<sup>111</sup>.

As Notas Cromáticas, por sua vez, expõem as características raciais, ou seja, a cor dos cabelos, a cor da pele, a barba, o bigode, a cor dos olhos etc. Nos processos pesquisados, a “identidade racial” apresentada tem a predominância de um alto número de pardos. O sujeito pardo, como construção de um não negro na sociedade cearense, remonta a construções históricas de abolição da escravatura, da suposta pouca presença de trabalho escravo nessa região do Brasil<sup>112</sup>.

Por meio dos interrogatórios dos réus e das formas médicas e legais de interrogatórios, as autoridades médicas e jurídicas usavam o seu jeito de tratar com os doentes para estabelecer um relacionamento humano com os acusados e persuadi-los a darem respostas completas e honestas.

A formação desse campo médico específico passava por debates e espaços de discussões a respeito da profissão. A questão era premente:

Tudo que se exige desse profissional as representações de sua convivência social arrastam-no a serias despesas, ao lado de custeio forçado da sua vida.

É natural que o médico pela natureza mesma da sua profissão, faça caridade: mas tudo tem limite.

---

<sup>111</sup> COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges, Identificar traços, indícios, suspeitas.

<sup>112</sup> Para ver mais aspectos da história do Ceará, consultar: SOUSA, Simone de (Org.). *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000.



Em uma capital como a nossa, com magnífico serviço de assistência pública, com hospitaes, com os clínicos caridosos que nada recebem, indicando somente a pharmacia onde a receita deve ser aviada, por merecer confiança e natural que o medico possa recusar os chamados que lhe não tragam a merecida recompensa<sup>113</sup>.

Cabe perceber a “projeção” adquirida com a profissão, os elementos de convívio social como deveriam ser, sobretudo quando se deparava com uma desigualdade social latente, em que a maioria da população ainda vivia em condições de pobreza.

As análises mesclavam-se numa apreciação complexa da responsabilidade moral e social. Análises de defesa social, como nos debates sobre alcoolismo. Alienistas e estudos sobre a Hipnose demonstravam o domínio do homem e da Ciência sobre a mulher e a natureza, a fim de revelar as necessidades inconscientes do sexo mais frágil e de que forma subjugar-las.

Os estudos sobre a Epilepsia Histórica<sup>114</sup> também desvendaram alguns sintomas, como “contratura”, atitude sedutora, corpos seminus ou nus, braço contorcido, perna esticada. No entanto, esses “sintomas” eram elaborados em cima de posturas e conceitos preconceituosos diante das investigações sobre o corpo feminino, ou seja, uma tentativa de estigmatizar esses corpos pelas ações de loucura.

Os laudos geralmente combinavam aspectos médicos e psiquiátricos, apresentando detalhes sobre os ferimentos, as partes atingidas do corpo, o modo como fora encontrado o cadáver no momento do exame de corpo de delito, além

---

<sup>113</sup> MÉDICOS e clientes. *Revista Ceará Médico*, Fortaleza, 1916.

<sup>114</sup> Os estudos sobre Epilepsia e Histeria, privilegiando o olhar médico nos séculos XIX e XX, são parte fundamental nas pesquisas sobre Ciência e Preconceito da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ). Ver mais informações em: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO (PUC-RJ). *Ciência e Preconceito*. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.historiaecultura.pro.br/cienciaepreconceito>>. Acesso em: 10 mar. 2012.

de questionamentos para o preenchimento de quesitos que permitiam o conhecimento mais aprofundado sobre a vítima<sup>115</sup>.

Dessa forma, teorias e discussões direcionadas para esse âmbito são marcadas por atualizações de discursos que acabaram por tornar o Brasil, sobretudo dentro das elaborações médico-jurídicas, um país de doentes que denotavam classe, cor e gênero definidos, transformados em corpos passíveis de análise e cura, principalmente quando esses sujeitos eram acometidos por sentimentos, ideias e ações perturbadoras de uma ordem estabelecida.

---

<sup>115</sup> CAMPOS, Eduardo, *Crime e descrime*.

## **CAPÍTULO III**

### **PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO DO CORPO: GESTOS, MODA E APARÊNCIAS**

**3.1 Como esculpir o corpo feminino: práticas e intervenções**

**3.2 Roupas, modas em revista: império do olhar**

**3.3 Vestuário e identidades**

Nas páginas de revistas e jornais em Fortaleza, os processos de subjetivação dos sujeitos ganharam uma composição “ideal”, a fim de agradar o olhar de quem consumia as ideias e os produtos. Tendenciosos em aspectos relacionais e padrões de beleza homogêneos para as mulheres, ditavam modos de conduzir o corpo, esculpindo-os de forma “ideal”. A preocupação com a conduta dos corpos, o uso dos dispositivos de poder sobre eles, além das formas de conter os comportamentos desviantes, demonstram um discurso idealizador da cidade e de quem deveria habitá-la, criando e recriando desejos e vontades.

Os anúncios faziam uso de representações homogêneas que articulavam o saber médico em torno de uma linguagem coloquial, mais simples e direta. Esses anúncios de saúde, beleza, bem-estar e aparências, enquanto um discurso de produção cultural, articulavam-se intimamente com as representações criadas sobre o corpo feminino.

Diante desse cenário, questiona-se, neste capítulo, o modo como se processavam essas construções subjetivas sobre os sujeitos, elaboradas por distintos saberes, dialogando com uma dinâmica sociocultural nacional e local.

*“Beira mar... que boa vida  
Junto a graça maior dessa deusa pagã!  
Mal vestida, talvez, ou talvez mal despida,  
mas tout à fait Bataclan.”*

(REVISTA ILUSTRADA BATACLAN – SEÇÃO  
QUADROS E QUADRAS, 1926).

*“Pensar sobre as roupas é, ao mesmo tempo, repensar  
aspectos de memória e posse.”*

(PETER STALLYBRASS)

### 3.1 Como esculpir o corpo feminino: práticas e intervenções

Que corpo feminino os médicos, como figuras masculinas, insistem em reinventar e resignificar?

Subjetividades no olhar lançado sobre o corpo feminino atestam que a mulher foi esculpida pela prática médica, pela cultura e pela sociedade. O corpo como trama cultural. Seria bem certo afirmar que esse processo de reinvenção do corpo feminino já havia sofrido significações, em diferentes momentos na História, sob intervenções diretas no campo das Artes, da Moda e da Medicina, saberes esses, legitimados pelo gênero masculino.

A arte já recortou o corpo no cubismo, distorceu-o no expressionismo, converteu-o em sonho no surrealismo, glamurizou-o de forma comunicativa na pop-art... É no corpo que as metamorfoses e as metáforas se instalam, procurando reconfigurações de formas de expressão, consolidando o diálogo com a cultura<sup>116</sup>.

A análise proposta, que trata dos discursos e subjetivações do corpo feminino ao longo da História – e neste trabalho em particular –, elege Fortaleza no início do século XX, questionando o papel do homem como assíduo propagador dessas ideias, escrevendo, pintando, analisando o corpo feminino sob seus olhares, em diálogo com uma construção cultural e social que se pretendia moderna.

Posto isso, não se intenciona, com essa concepção, afirmar que o olhar ou o saber feminino fosse o ideal para dizer sobre o próprio corpo ou suas condutas, esclarecendo, assim, a análise. O que se busca é perceber e questionar esses discursos (masculinos ou femininos), historicizando suas produções, as quais são simbólicas e culturais.

---

<sup>116</sup> XIMENES, Maria Alice. *Moda e arte na reinvenção do corpo feminino do século XIX*. São Paulo: Estação Letras e Cores, 2009, p. 89.

Os sujeitos eram construídos nos discursos<sup>117</sup>, e, desse modo, entende-se que as práticas dos mesmos devem ser dotadas de historicidade, percepção de suas condições e lócus de criação. A representação como forma de conhecer, validar e significar o sujeito tem sido, desde o Colonialismo, uma das principais estratégias doutrinárias de se conceber a alteridade.

As ideias sobre a sexualidade/corpo, ao longo do século XX, incutem aspectos pedagógicos para adultos, mulheres e crianças, criando novas formações de conhecimentos sobre corpos que produzem e consomem.

Os anúncios publicitários, ancorados em um saber médico que era social, instiga a perceber combinações e diálogos do homem, cientista, político, como agente transformador do corpo feminino. Mas esse processo não é passivo. Percebe-se que as maneiras de olhar e retratar o corpo da mulher – vestido ou despido, são ou doente, triste ou feliz – são mediadores de novos comportamentos e posturas, imersos num processo amplo construtor de dispositivos para o corpo feminino.

A trajetória da publicidade<sup>118</sup> na História do Brasil e, sobretudo, no período aqui estudado, é fruto de um projeto civilizador e adquiriu características pedagógicas. A circularidade desses anúncios e os processos de difusão remetem a modelos litográficos que provinham de uma matriz europeia e norte-americana, porém com circulação abrangente em muitos estados.

---

<sup>117</sup> Para entender o discurso na prática dos sujeitos, parte-se do que Michel Foucault coloca sobre a questão: “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta o poder do qual nos queremos apoderar”. Cf. *A ordem do discurso*, p. 10.

<sup>118</sup> Neste trabalho, as menções à publicidade, propaganda, anúncios e reclames serão analisadas como sinônimas, muito embora seus sentidos e significados para a reflexão sejam diversos.



Ilustração 16: Anúncio de Slogynol.  
Fonte: Revista O Hospital (1934).

Slogynol remédico endócrino: o funcionamento endócrino é fundamental ao organismo feminino, cuja complexidade e sensibilidade já são bem conhecidos... Consiste, portanto, em um medicamento atuante nas disfunções ovarianas além de outras formas de disfunções endócrino-sexuais femininas, por mais intensas que sejam<sup>119</sup>.

O anúncio publicado na revista de competência médica O Hospital<sup>120</sup>, do ano de 1934, projetou uma concepção de corpo feminino bem próximo às obras de arte. Representando a nudez como um motivo principal, é possível desvelar

<sup>119</sup> REVISTA O HOSPITAL. Rio de Janeiro, 1934.

<sup>120</sup> A revista médica O Hospital foi uma publicação da Sociedade Médica São Francisco de Assis, sediada no Rio de Janeiro, e foi selecionada para esta análise entre alguns exemplares veiculados pela Faculdade de Medicina do Ceará. A publicação existe desde meados do século XIX e foi pesquisada nesses arquivos.



alguns dos critérios e convenções pelos quais as mulheres têm sido vistas e representadas esteticamente, cultuadas em nome da beleza, do prazer, da sedução.

O corpo feminino, em sua nudez, para a História da Arte<sup>121</sup>, implica a condição de despido. Na ilustração acima, a imagem atenta para uma fisiologia que prioriza o bom funcionamento dos órgãos e os canais de boa função reprodutiva feminina, não ressaltando, desse modo, sua sexualidade “perigosa”, seus “humores” e oscilações, perpassando, assim, como um discurso aceitável. O corpo, no Ocidente, esteve intrinsecamente representado pela arte, que, na época moderna, herdou traços gregos e legitimou, a todo o momento, esse corpo como “único e verdadeiro”. Dessa maneira, o nu feminino foi, o tempo todo, ao longo do século XIX, ocultado na vida pública e exposto pelas artes plásticas<sup>122</sup>.

Sobre a eficácia do medicamento anunciado e a sua indicação, destacou-se o sistema endócrino. Segundo os dizeres do anúncio, o bom funcionamento de tal sistema era necessário para o organismo feminino. A fisiologia feminina, ainda vista como complexa e sensível, por vezes foi associada às disfunções ovarianas, do baixo ventre, um terreno quase místico, representado pelo saber médico.

Isso remete à história do pensamento sobre o corpo, ou como ele, em muitos contextos históricos, foi analisado e interdito. Os estudos de Leonardo da Vinci sobre o corpo apresentavam-se como pesquisas científicas no sentido de compreender a sua estrutura harmônica. Essas pesquisas forneceram a Leonardo o conhecimento sobre detalhes anatômicos do corpo e que influenciaram a criação de suas obras de arte. No período Moderno, as visões científica, matemática e geométrica da natureza se desenvolveram e também se estenderam

---

<sup>121</sup> Kenneth Clark, em sua obra de História da Arte, esclarece sobre as diferenças entre a nudez e o nu: a nudez implica estar despido, enquanto o nu se relaciona com a sexualidade vivida. Vide: *The nude: a study in ideal form*. Nova Iorque: Pantheon, 1956.

<sup>122</sup> Ver CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Org.). *História do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2008. v. 1, 2 e 3.

ao corpo. Este se tornou objeto de pesquisas e passou a ser interpretado como máquina passível de ser consertado, melhorado, e, a partir desse conhecimento, foram concebidos discursos e práticas de controle e poder.

Vale notar que as formas de controle e poder em torno do corpo visavam a contemplar objetivos econômicos, sociais e morais, de contenção dos impulsos e instintos, bem como de cura de enfermidades, geralmente para fins de produção, em que os corpos são vistos como forças que devem ser preparadas e treinadas para o trabalho. Ou ainda, pensar o corpo, que desde os suplícios e espetáculos punitivos medievais, e muito mais com o advento das prisões (ou mesmo nas indústrias e escolas), a partir do final do século XVIII, tornou-se objeto de controle político, pelo qual se mantém a ordem social e a dinâmica de dominação.

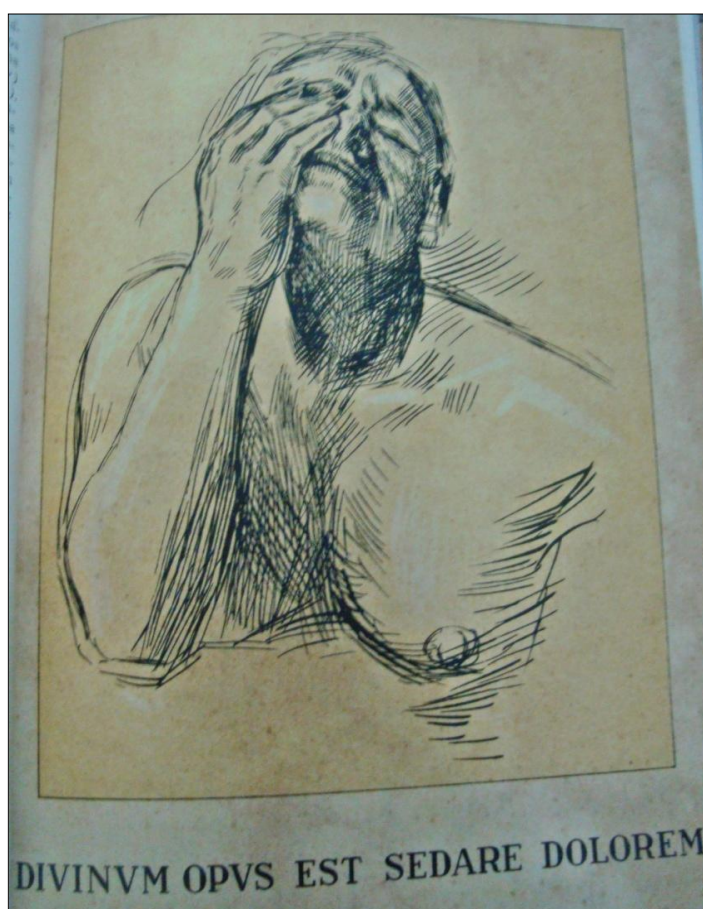


Ilustração 17: Anúncio de Pathergex.  
Fonte: Revista O Hospital (1934/1939).

*“Pathergex: Teraupêtica da dor pelas injeções intradérmicas de histamina. Para reumatismos crônicos, mialgias, nevralgias, plexalgias, no trajeto da dor [...]”*<sup>123</sup>.

Na imagem acima, além da representação novamente do nu feminino, outra questão para chamar a atenção no anúncio do medicamento Pathergex é a frase em latim: *“divinvm opvs est sedare dolorem”* – curar a dor é um ato divino. Essa frase, atribuída ao pai da Medicina, o grego Hipócrates, sugere a importância do alívio da dor na prática médica. Não havendo objetos possíveis de mensuração, como a temperatura ou a pressão arterial, recorre como um fenômeno subjetivo de fundamento social e cultural. Impactos visuais, por meio de figuras socialmente feias, sofridas, associadas a jogos de palavras que ressaltavam o poder (quase divino) médico na cura da dor e demais males do corpo, trouxeram a representação da imagem como “impotência”, “deficiência” humana perante a vida social.

A dor, como uma sensibilidade do corpo, historicamente imprime subjetividades e sempre repercutiu análises mais profundas sobre os discursos a ela concedidos, ao passo que a dor, como experiência cristã, adquire uma representação formativa, sacrificial. A dor, como experiência de sofrimento, de sacrifícios íntimos, pode adquirir sinais de poder e de submissão, um triunfo das percepções do corpo. Os sinais e feições que caracterizam a reação ao elemento doloroso são partes de uma experiência histórica do corpo, na mesma medida em que a dor acompanhou o desenvolvimento da Medicina com as descobertas dos analgésicos e das anestésias em processos operatórios<sup>124</sup>.

O redesenho ou a reinvenção, nessa perspectiva, é uma forma de contemplação e de transformação dos contornos do corpo feminino, resultante de uma cultura material, em objetos de consumo passíveis de serem projetados, construídos, esculpidos, de acordo com os desejos e as convenções de cada

---

<sup>123</sup> REVISTA O HOSPITAL. Rio de Janeiro, 1934/1939.

<sup>124</sup> CORBIN, Alain, Dores, sofrimentos e misérias do corpo.

época. As mutações do olhar para com o corpo feminino ressaltam o que escreveu Charles Baudelaire: “a virtude é artificial e o belo é resultado da razão e do cálculo”<sup>125</sup>.

A associação da mulher moderna com a beleza e a vaidade traduz uma preocupação com o corpo saudável, uma valorização das aparências, proposição outorgada pelos eugenistas. Na formação de diferentes tipos de públicos consumidores, os anúncios tiveram um importante papel por destacar a imagem, e, nesse sentido, os elementos midiáticos podem ser entendidos como instrumentos para concepção e circulação de valores.

Cumprir observar que os jornais<sup>126</sup>, como periódicos presentes cotidianamente na vida das pessoas, além de informar, traziam anúncios e sugestões de consumo para a população que deles fazia uso, e, portanto, nesse contexto, de comum prática na época, anúncios de páginas inteiras para grandes anunciantes, ou em formatos diversos, atestavam, repetitivas vezes, a dinâmica dessa prática comercial moderna, graças ao desenvolvimento das artes gráficas e de novas técnicas de impressão<sup>127</sup>.

As imagens presentes em todo o material do período aqui estudado encontram-se produzidas basicamente por meio da ilustração. Anteriores à fotografia, as ilustrações eram as grandes queridinhas do jornalismo e da publicidade. Como linguagem e técnica para vender e comunicar, as imagens, traduzidas pelas ilustrações, trouxeram esse diálogo constante com as técnicas artísticas.

---

<sup>125</sup> *O pintor da vida moderna*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

<sup>126</sup> Neste estudo, procurou-se perceber a imprensa, no processo de constituição da subjetividade, “enquanto força ativa da vida moderna, muito mais ingrediente do processo do que registro dos acontecimentos, atuando na constituição de nossos modos de vida, perspectivas e consciência histórica”. Ver CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História* (Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP), São Paulo, n. 35 (História e Imprensa), 2007, p. 259.

<sup>127</sup> SANTOS, Luiz César Silva dos, *publicIDADE belle époque: a mídia impressa nos periódicos na cidade de Belém entre 1870-1912*.

As mulheres, por sua vez, ganharam papel de destaque nesse processo. Imaginadas e inventadas, desenhadas pelo olhar masculino, eram apenas mais um recurso para o comércio de tantos produtos. Neste estudo, instigou-se perceber quais foram as representações do corpo feminino impressas na ilustração, associadas às dinâmicas de cores, às formas, aos elementos de discursos convincentes e dispositivos de assimilação de novos hábitos, argumentos e apelos que promoveram o novo e a necessidade, na virada do século.

A circulação de objetos, a moda e o estilo de vida “civilizado” estimularam a propaganda concomitantemente com a imprensa, desempenhando, assim, um papel significativo na invenção da mulher moderna. A ideia de comodidade é um traço marcante do mundo moderno. Anúncios trazem diversas representações de modernidade: ciência, estilo de vida, velocidade, higiene... Tentativas de conceber o homem moderno como ser “civilizado”.

O ser humano que vê e representa o corpo se depara com inúmeras possibilidades: pode dar a sua real dimensão por meio do que a visão apreende ou pode sugerir experiências mais complexas por meio de diversos artifícios, entre eles, a pintura, a escultura, o esporte, a música ou até mesmo a poesia. Criar alegorias sobre esse corpo corresponde a recriá-lo segundo as suas próprias aspirações. Perceber como o homem encara sensorialmente o mundo e por meio da imagem infere subjetividades é também objeto da História.

Da mesma maneira que o nosso acervo linguístico<sup>128</sup>, diverso e dinâmico, o corpo também se constitui como um acervo cultural, ou seja, cada cultura tem o seu corpo, resultando, desse processo reflexivo, conflitos que envolvem norma

---

<sup>128</sup> CERTEAU, Michel de. História de corpos. *Projeto História (Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP)*, São Paulo, n. 25 (Corpo & Cultura), 2005.

ou atividades normativas<sup>129</sup> *versus* como liberar expressões de desejos e sensações. O conflito e a descontinuidade que historicizam esses processos.

O corpo é inscrito e reinventado pela cultura e sociedade. Portanto, para perceber o repertório gestual como simples reflexo de ações biológicas convém certa “ingenuidade”. Desfazendo essa “ingenuidade”, algumas habilidades<sup>130</sup> explicaram gestos como comer, descansar, andar, falar, abraçar, beijar, manter relação sexual, inseridos e organizados em normas coletivas e ritualizadas. O andar das tropas inglesas ou francesas, a maneira como se portar à mesa, cotovelos erguidos ou ocultados, são sintomas de uma forma e de uma definição quanto ao modo gestual competente a cada sociedade.

Levando em consideração a estreita relação entre imagem e subjetividade, o repertório gestual humano, por sua vez, imprimiu uma linguagem imagética específica para quem se utiliza desse acervo como fonte histórica. Texto e imagem são elementos essenciais para quem deseja compreender e interpretar a linguagem publicitária, e isso implica uma análise não menos apurada, complexa, pois a imagem, mesmo que pareça óbvia, permite muitas interpretações e recepções. A imagem pode suscitar experiências de compreensão bem diversas e os sentidos podem se tornar multirreferenciais<sup>131</sup>.

Vale notar que o encantamento presente na publicidade esteve diretamente associado a um universo ideal, de fantasia, de sonho, com elementos que obtinham, por parte dos consumidores, um anseio de conquista. Nessa perspectiva, analisar conjuntos de anúncios publicitários que investiram maciçamente na linguagem imagética é perceber que não apenas o discurso informativo exercia atração sobre os consumidores, no caso, aos textos

---

<sup>129</sup> CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

<sup>130</sup> Vide MAUSS, Marcel. *Les techniques du corps*. Paris: PUF, 1966, p. 365-386.

<sup>131</sup> HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.

associados às imagens couberam significações seguras na decisão sobre a aquisição ou não de determinado produto.

A propaganda, utilizando de seus recursos visuais, também ancora identidades, atributos de gênero, e o faz por meio do corpo ou dos mecanismos e recursos para transformá-lo, mantê-lo vigoroso, belo, eficiente, “normal”. O corpo feminino, como capital cultural<sup>132</sup>, sugere normas entre homens e mulheres que caracterizam aspectos relacionais, tais como, respectivamente: a posse de bens, a agilidade, a segurança, assim como a sedução, a doçura, o cuidado.

As fontes analisadas até este momento apresentam o corpo como sujeito da História, ora ressaltando seus aspectos anatômicos, artísticos ou em sua dimensão subjetiva (a dor). A relação entre a indústria farmacêutica, os anúncios publicitários e a arte resultava num contínuo processo de reinvenção do corpo feminino em uma conjuntura de transformações políticas, econômicas e culturais. As imagens, enquanto campanhas publicitárias, direcionadas ao grande público consumidor da cidade de Fortaleza, expressavam sujeitos corpóreos, o que nos faz crer que a “subjetividade humana necessariamente se expressa por meio do corpo<sup>133</sup>”.

---

<sup>132</sup> BELELI, Iara. Corpo e identidade na propaganda. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 193-215, jan./abr. 2007.

<sup>133</sup> Ver MATTHEWS, Eric. *Compreender Merleau-Ponty*. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 70.

### **3.2 Roupas, modas em revista: império do olhar**

Perceber a História na perspectiva dos jogos das aparências e dos gestos implica entender que esse olhar explora tanto as palavras como as imagens.

Os discursos direcionados à mulher pretendiam dar uma ideia de verdade sobre o corpo, sobre a própria modernidade. No que concerne à moda no século XX, relacionavam-se diretamente com o cultivo da boa aparência, cuidados de si num corpo retilíneo. Para os médicos, a prática de exercícios físicos e o uso de remédios suggestionaram uma panóplia para o corpo ideal. Os cuidados eram consigo, reunidos sob olhares alheios.

Para entender e contextualizar esse processo, analisa-se a Revista Bataclan Ilustrada de Arte e Elegância, que circulou em Fortaleza em meados dos anos de 1920. A publicação, juntamente com outras, tais como “Ceará Ilustrado”, “A jandaia” e “Crestomatia”, tratava de informar sobre os mais diferentes assuntos que envolviam política, sociedade, comportamentos, além, é claro, de muita propaganda publicitária.



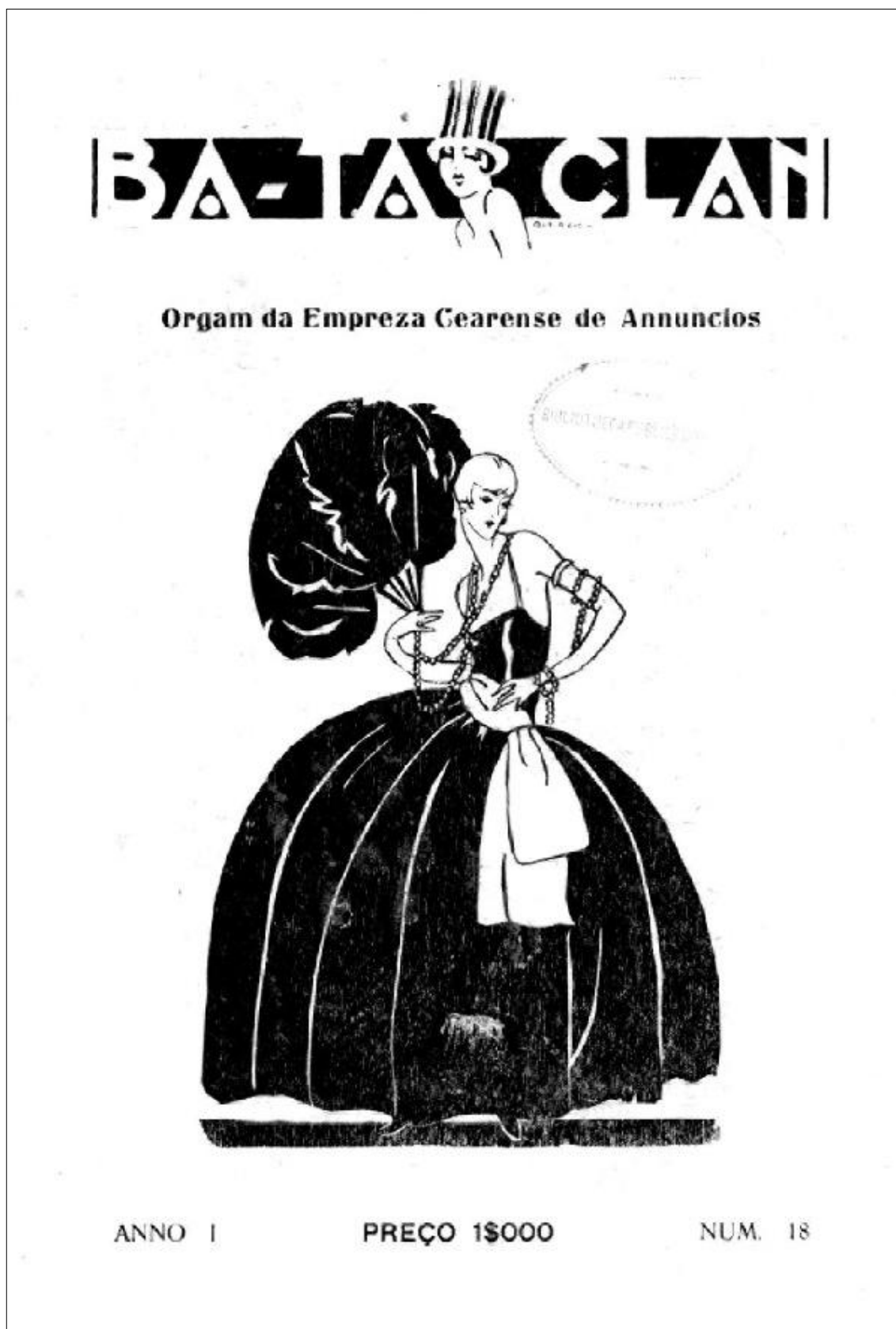


Ilustração 18: Contracapa da Revista Ilustrada Bataclan nº 18.  
Fonte: Revista Ilustrada Bataclan (1926).



Ilustração 19: Contracapa da Revista Ilustrada Bataclan nº 11.  
Fonte: Revista Ilustrada Bataclan (1926).

Entre as publicações da época, a *Bataclan* era a revista de cunho mais feminino, pois trazia, em suas páginas, diversos anúncios ilustrados de moda, beleza e comportamento. Além de seções com matérias sobre a vida feminina, trazia também crônicas e poemas permeados pelo universo de discursos de inspiração europeia moderna, cada vez mais presentes na capital Fortaleza. Ressaltava a verticalidade no anúncio da própria revista, sugerindo uma presença feminina marcante.

Como a cultura francesa predominava na cidade, qualquer referência a ela denotava modernidade, assim, as roupas e a moda trouxeram elementos e significados culturais e sociais para quem as ostentava. A diferenciação não se dava apenas pelos espaços, onde se podia fazer exibição das aparências, mas também pelos tipos de tecidos, modelos, acessórios, marcas, enfim, agindo no sentido de referendar a modernidade desejada.

Por meio da “Página Feminina”, uma das seções da referida revista, é possível analisar indícios desse discurso sobre o universo feminino moderno, que, ao tempo todo, tentava vislumbrar significados para uma prática de exibição do corpo ou o controle perante essa exibição. No artigo intitulado “Ainda e sempre, o amor...”, percebe-se:

A mulher de hoje proclamam todos tem evoluído extraordinariamente. Os costumes, a educação e, sobretudo, a cultura da mulher de outrora era tão diferentes dos de nossos dias...! A mulher moderna ama os sports, o perigo, o *flirt*, e até mesmo o jogo da Bolsa. A mulher embora cultive o espírito e se interesse pelas descobertas científicas, tendo, até mesmo, parte saliente nas mesmas, e se apaixone por aventuras perigosas, ou se dedique aos sports, conserva, ainda e sempre dentro della um orgam pequenino, mas poderoso que, não satisfeito com tudo isso, vem cedo ou tarde, reclamar o que lhe é mais necessário á vida – o amor. O coração que é este o orgam – assim procedendo, é pois, o motivo pelo qual as mulheres continuam a preferir os romances de amor aos livros scientificos e philosophicos... Se ellas foram feitas para amar, e só para o amor... **Anna Maria**<sup>134</sup>.

---

<sup>134</sup> AINDA e sempre, o amor... *Revista Ilustrada Bataclan*, Fortaleza, 1926, grifo do autor. Material disponível em Biblioteca Pública Menezes Pimentel.



Ilustração 20: Contracapa da Revista Ilustrada Bataclan nº 13.  
Fonte: Revista Ilustrada Bataclan (1926).

O discurso sobre o que era ser uma “mulher moderna” em Fortaleza, suscitava elementos que ressaltavam uma dinâmica, um ritmo, temporalidades. A necessidade do corpo sadio, como proclamavam os médicos, além do uso de “remédios de beleza”, também estimulava a prática de “*sports*”. A associação entre modernidade e velocidade trouxe para o corpo o uso de *técnicas*<sup>135</sup> mais eficazes quanto ao rendimento desse “instrumento”.

**A que ama os esportes  
necessita MODESS**

*São toalhas sanitarias de incomparavel commodidade.*

Alguns dias de indisposição não a obrigarão a permanecer em casa. Durante esses dias necessitará sentir-se commoda e segura de sua pulchritude. Modess, a toalha sanitaria moderna, proporcionar-lhe-ha uma tranquillidade até agora desconhecida.

Modess oferece maior protecção porque o seu chumaço é muito mais absorvente que o de qualquer outra toalha, e porque o lado exterior é impermeavel. Modess é muito mais commoda, porque o enchimento é de flocos leves e a gaza está acolchoada

por um processo patenteado. Modess evita as incertezas dos methodos antigos, assim como a inconveniencia da lavagem, porque se dissolve na agua corrente. Além disso, Modess leva o nome de Johnson & Johnson, conhecido e afamado no mundo inteiro como fabricante de artigos sanitarios e higienicos.

Adquira um pacote na sua pharmacia ou loja predilecta e convença-se de suas insuperaveis vantagens. Peça-a pelo seu nome —Modess— e repare que tenha a firma de Johnson & Johnson.




**MODESS**  
A TOALHA SANITARIA MODERNA  
É um producto de Johnson & Johnson, a firma de confiança.

Ilustração 21: Anúncio da Toalha Sanitária Modess.  
Fonte: Revista O Cruzeiro (1930).

A mulher moderna, segundo os médicos, deveria fugir dos males humorais: melancolia, histeria, males esses que a confinava em casa, murcha, ocultada. Entretanto, percebe-se que esses preceitos também foram uma

<sup>135</sup> Marcel Mauss expõe, mediante extensa análise, o corpo como um instrumento natural do homem. No entanto, esse mesmo corpo passa a ser ritualizado e utilizado em ações do cotidiano, de acordo com a lógica cultural de cada sociedade, desmistificando, assim, o repertório gestual como mera causalidade biológica. Ver *Les techniques du corps*.

invenção moderna, na “emergência” desses novos hábitos, visto que o lugar da mulher, historicamente decretado, tinha sido até então o espaço privado.

Enfim, a nova perspectiva das práticas físicas foi pensada como meio para manter um equilíbrio saudável para o corpo, o momento que a mulher evadia-se para a rua, abandonara a visão romântica da espera, embora isso suscitasse opiniões contrárias. A nova cultura dos *sports* aos poucos foi sugerindo um novo padrão de corpo feminino, como se observa no anúncio de Modess: um corpo delgado, fino, esguio, ágil. No século XX, dava-se início aos esforços em busca do corpo magro, exercitado.

Ainda na percepção dos discursos sobre a mulher em Fortaleza, o artigo intitulado “Novidades Elegantes” destaca a moda como grande aliada feminina:

A melhor aliada que as mulheres encontraram, para resolver as suas dificuldades de suas *toilettes*, foi sempre, a Moda e, não raro as inovações creadas por essa grande e poderosa dama, com seus artifícios, têm um fim da maior vantagem para o bello sexo.

Assim é que debaixo de uma grande flor desabrochada sobre a blusa, encontrarão as elegantes, uma pequena saccola, contendo um espelinho, um *sachet* de pó de arroz e um *baton de rouge*.

Com esses objectos, fica resolvido o difícil problema de refazer a *maquillage* feminino, prejudicado muitas vezes no baile ou no campus de *sports*, pela transpiração.

As jovens entusiastas das dansas ou dos *sports* poderão, portanto, onde quer que estejam, entre um *fox-trot* e um *charleston* ou entre duas partidas do *tennis* e do *golf*, com a maior facilidade, passar um pouco de pó de arroz nas faces, ou avivar os lábios de vermelho com um baton<sup>136</sup>.

Os discursos sobre a moda no século XX relacionavam-se diretamente com o cultivo da boa aparência e envolviam os cuidados com o corpo. Para os médicos, as práticas de exercícios físicos, aliadas ao uso de medicamentos que facilitassem o embelezamento, ornamentaram a prática do olhar sobre esse corpo.

---

<sup>136</sup> NOVIDADES elegantes. *Revista Ilustrada Bataclan*, Fortaleza, 1926. Material disponível na Biblioteca Pública Menezes Pimentel.

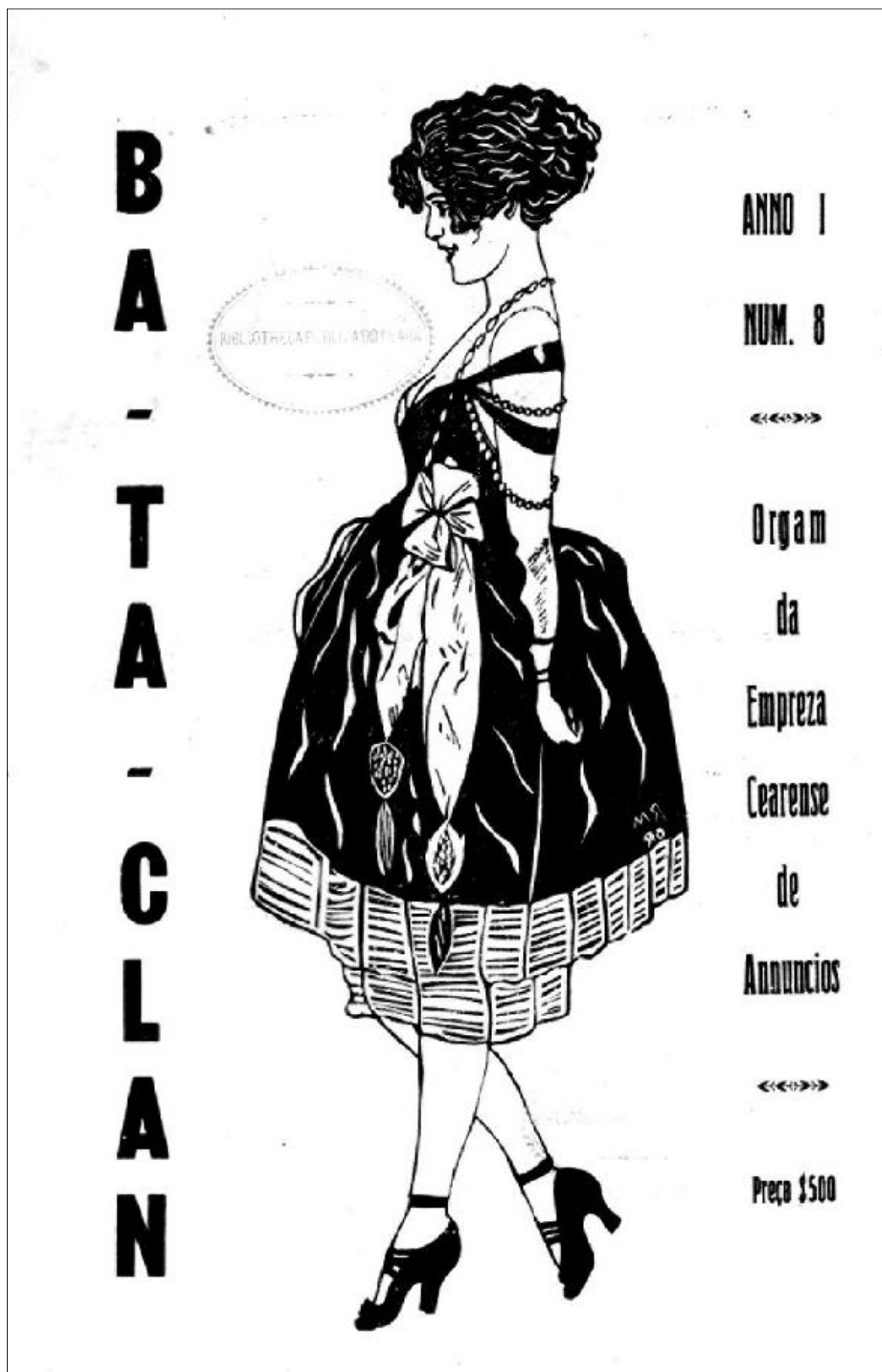


Ilustração 22: Contracapa da Revista Ilustrada Bataclan nº 8.  
Fonte: Revista Ilustrada Bataclan (1926).

A estratégia de interlocução da revista em apreço com as leitoras se fazia por meio de “dicas” sobre as condutas, as relações amorosas, o lazer e demais assuntos semelhantes. As dicas sugeridas pela coluna exprimem e reforçam a construção de uma relação “natural” da mulher com moda, e a fala sobre os elementos que trazem à mulher uma nova dinâmica em seus momentos de lazer e sociabilidade também repercute no alcance de um ideal de beleza por meio da aquisição de novos objetos, produtos que, à primeira vista, “facilitem” o seu cotidiano, portáteis, de simples alcance.

Relacionando com os trechos da revista, a ideia criadora de novas subjetividades desse corpo/mulher também dialogou com o contexto cultural de influência europeia na cidade, no país, sendo provável perceber, em alguns trechos, o supercrédito para com elementos dessa cultura, presentes no que viria a ser o cotidiano feminino em Fortaleza. Desse modo, o discurso difundido pela revista cria uma ilusão de inserção geral de todas as mulheres nesse microuniverso de beleza, de consumo e de lazer, atribui sentidos e opera modificando os hábitos.

Entre as questões, as falas sobre higiene estavam de algum modo presentes nos dizeres sobre o corpo ou comportamentos femininos. Foi o caso do artigo veiculado na Página Feminina, que debatia sobre o corte de cabelos das mulheres:

#### Cabellos curtos

Os cabellos cortados foram, incontestavelmente, uma das modas que causaram maior sensação entre os homens. Todos queriam dar o seu parecer, ora favorável, mostrando as suas vantagens, ora desfavorável, combatendo o seu uso, em nome da *esthética* e até da *moral*. Sacrificar o mais belo adorno da mulher, nunca! Gritavam os românticos. Mas a moda, dessa vez, não se impacientou e pouco a pouco, bem mansamente, não obstante tantas e tantas dificuldades, foi vencendo-as, a todas, uma por uma. As mulheres independentes e as amigas de novidade foram as primeiras a usar os cabelos curtos. Si é *anti-esthetica* como querem alguns, si é profundamente monótona, como afirmam outros, a moda dos cabellos cortados offerece a vantagem, que ninguém pode negar, de ser excessivamente prática e hygiência, no século actual, onde o *Sport*, o desenvolvimento



da cultura physica e o trabalho quotidiano têm papeis tão importantes na vida de uma mulher<sup>137</sup>.

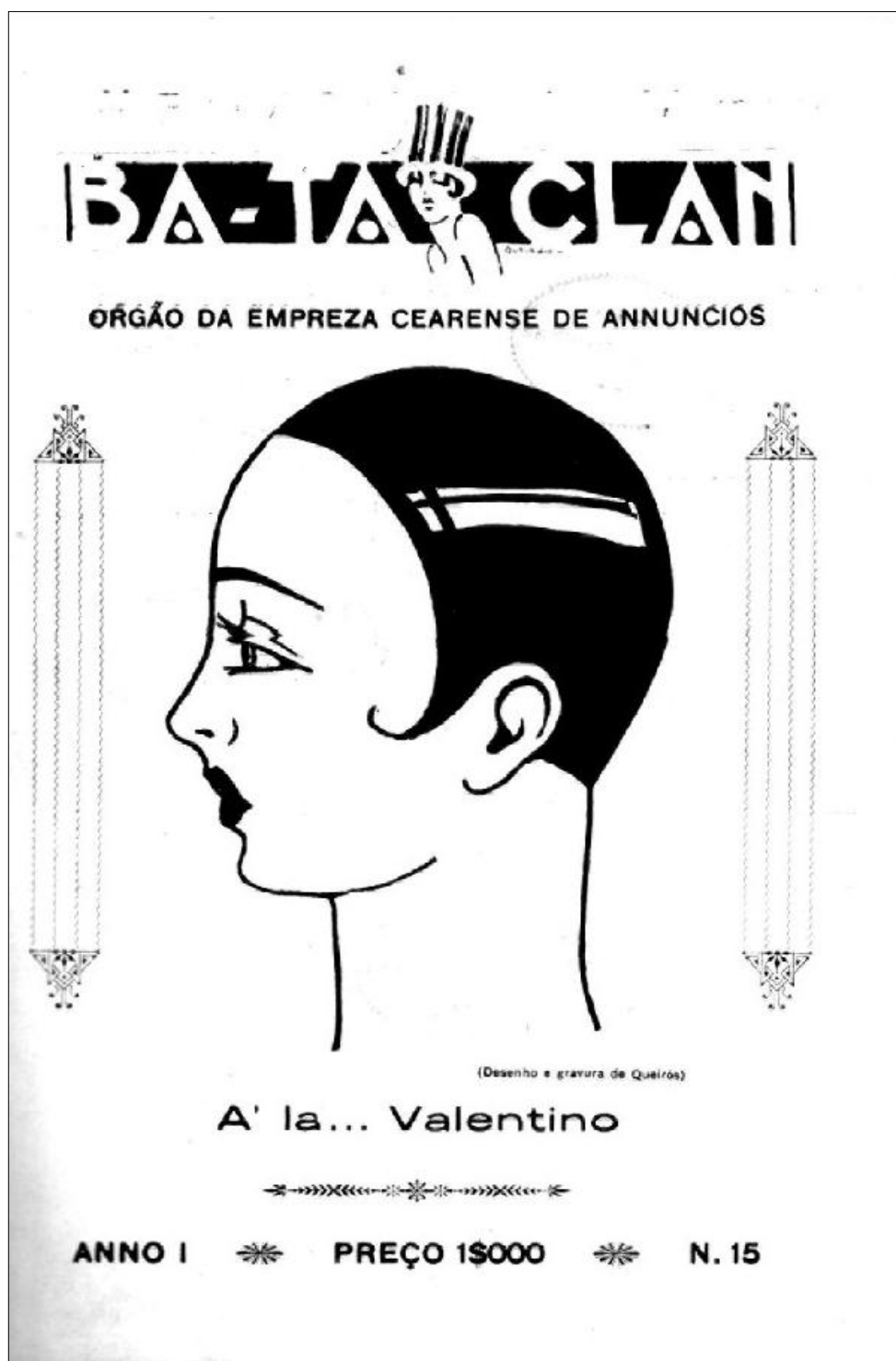


Ilustração 23: Contracapa da Revista Ilustrada Bataclan n° 15.  
Fonte: Revista Ilustrada Bataclan (1926).

<sup>137</sup> CABELLOS curtos. *Revista Ilustrada Bataclan*, Fortaleza, 1926. Material disponível na Biblioteca Pública Menezes Pimentel.

A oferta de novas possibilidades no tocante ao uso da moda implicou novos desafios que a mulher moderna enfrentaria ao exercer, mesmo que sob a névoa de um discurso pronto, o direito de cuidar da própria imagem. No entanto, é possível perceber que a imagem, ou como a mesma deveria se apresentar socialmente, está o tempo todo subjugada ou passível de um “parecer” masculino, que era social.

Por outro lado, a representação da beleza e do corpo feminino, para algumas alas mais conservadoras, deveria estar, por vezes, associada à gênese condição “natural” romântica; os adornos, as posturas, como tenta advertir o texto, deveriam ser preservados e dificilmente arriscados em prol de modas. A moda do cabelo a *la garçone*, corte bastante próximo da estética masculina, causou, ao passo que as mulheres sacrificavam o seu mais belo “adorno”, admiração e falácia, sendo muitas delas consideradas, juntamente com o hábito de fumar: excêntricas e feministas.

Ainda que a moda tenha “vencido” essa batalha com a tradição moral, o uso dos cabelos curtos foi diretamente associado a uma nova conduta higiênica, dialogando, por assim dizer, rigorosamente com a vida agitada da mulher moderna e a rotina do corpo.

Ao passo em que as revistas, afinadas com os padrões estéticos hegemônicos europeus e norte-americanos, traziam um discurso objetivo e vigoroso sobre a vida moderna, de eficaz comunicação na mensagem que se propunha ecoar, a revista, em seu caráter mais lúdico, trazia um tipo de representação sobre o cotidiano feminino em Fortaleza.

Esse discurso normativo, homogeneizador, provavelmente não contemplava muitas práticas femininas na cidade, nos recônditos públicos ou privados, tampouco traduz a realidade do que foi a experiência dessas mulheres, com o corpo “saudável”, moderno e belo, envolvidas entre tramas, percepções e desejos.

A revista parte da premissa representacional das mulheres enquanto uma categoria unificada, privilegiando a dimensão heterossexual, uma unidade totalmente fictícia<sup>138</sup> historicamente. A cidade de Fortaleza apresentava uma diversidade de identidades femininas que esses meios de comunicação de massa menosprezavam, e, assim, silenciava-se. A exclusão dessas mulheres “diferentes” atendia a uma política de normatividade do corpo feminino.

Ainda extraindo aspectos analíticos das colunas na Revista Ilustrada Bataclan, impressões sobre moral e preceitos foram reveladas. Considerando os meados dos anos de 1920 como contexto, nas tentativas de rompimento de valores morais tradicionais, trouxe como mote a valorização e uma suposta liberalização que contrapunha o conservadorismo católico. A revista, como entusiasta e mecanismo que proclamava comportamentos “modernos” para a mulher, sobretudo, traz o *perigo*, o *flirt*, sugestionando possibilidades de ações e gestos ligados ao amor, às paqueras, ou a quantas andavam “os namoros” na cidade.

Sobre as práticas do *flirt* em meados do século XX, João do Rio comentava e classificava esse “*balett*” sensível e gestual:

Há *flirt* do Bond com contatos misteriosos e frases sem olhares. O maior prazer do amor é tocar, é pegar. Há o *flirt* imperativo que começa por ódio e que acaba no prazer delicioso de duas carnes que se espera o outro. Há o *flirt* casado. Oh! Esse! É possível esperar tudo? Há o *flirt* solteiro, sem ponto terminal. Há o *flirt* contínuo, o sujeito que algumas damas trazem como as luvas, sempre opacos, sempre ácidos, sempre tristes. Há o *flirt* exasperadamente que alguns chamam branco e toma às vezes a cor da congestão. Há o *flirt* galanteio: – Como está bonita, hoje! – Acha? – Acho. Há o *flirt* má-língua, o *flirt* inteiramente puro, ela e ele admirando a beleza e procurando um meio de senti-la; há o *flirt* poliglota, em que ele estudou na Àustria, na Suíça, na Inglaterra e ela por lá passou depois de ter frequentado o Sion. Há o *flirt* outonal, o último *flirt* da cidade de amor, já em reflexão, dos quarenta anos loucos de paixão<sup>139</sup>.

<sup>138</sup> SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 130.

<sup>139</sup> Apud DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 278.

João do Rio, atento cronista da cidade do Rio de Janeiro, no contexto dos anos de 1920, com a sua escrita de impressões, abusava em classificar os tipos de *flirt*, refletindo a prática em tom de brincadeira amorosa com toques de perigo. Porém, essa análise jocosa faz uma diferenciação do que possivelmente representasse o *flirt* no julgamento moral para com as mulheres, percebendo que, ainda assim, o lugar social da mulher não está dado pelo produto do que ela faz, mas pelo sentido que adquirem essas atividades<sup>140</sup>.

Outra revista de circulação na cidade, a Ceará Ilustrado, apresentava outro padrão de discurso dirigido às mulheres, inculcando efeitos e consequências sobre o “padrão ideal”, incisivamente vinculado à honra feminina, que, neste caso, era sinônimo de honra na família.

Pela honra a mulher chega a ser o anjo sagrado do lar, o dilecto encanto ao esposo, o supremo ídolo dos ídolos dos filhos, a terna veneração dos paes, o exemplo typico das sociedades bem formadas chega a ser santa e, como tal, reconhecida pela própria religião cathólica<sup>141</sup>.

Seria correto perceber e interpretar essas novas subjetividades femininas inculcadas nesses discursos públicos, direcionados e pedagógicos, sobretudo no que tange aos esquemas de vinculação do ritmo moderno *versus* os novos papéis sociais femininos. As amenas tiranias do cotidiano que resguardaram o lugar da mulher como cuidadora da casa e dos outros (filhos, marido, família) ainda persistiam, o que implica consequências simples dessa proposição, reafirmando, mesmo que implicitamente, a dominação masculina hegemônica nas sociedades diversas<sup>142</sup>.

A estigmatização de uma moral e de preceitos impostos às mulheres seria produto de construções sociais que formariam doutrinas focadas na homogeneização do sexo feminino, manifestando-se em violência simbólica, o

<sup>140</sup> SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 5-21, 1990.

<sup>141</sup> MARTINHO, J. O que penso da mulher? *Revista Ceará Ilustrado*, Fortaleza, 1º nov. 1925.

<sup>142</sup> BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

que justificaria, também, a violência material que as mulheres sofrem pelos homens<sup>143</sup>.

Visualizar uma cidade tão diversa pode significar a desconstrução de muitos padrões de “normalidade” aqui mencionados, personificados por meio da construção de uma feminilidade. No jornal *Gazeta de Notícias*, a nota que alardeava Alice Sampaio como o diabo vivo descrevia:

Mulher desordeira é o diabo vivo!  
Há nesta Fortaleza uma certa mulherzinha que tem o nome de Alice Sampaio, uma doudivana desbragada, que vive a perturbar a ordem com conflictos e a dar trabalhos á Polícia. A marafona tem habitado tudo quanto é “colmeia” “cortiços” e “baiuca” das “zonas” desta capital e em todas ellas a famosa Alice Sampaio tem sahido por desordens<sup>144</sup>.

Enfim, o que significava ser uma “mulher moderna” a partir das enunciações das revistas femininas? Nota-se que a questão da modernidade estava presa ao tempo, ou seja, fazia-se necessário apresentar um comportamento corpóreo, conforme os anúncios, “evoluído”, de acordo com os “dias de hoje”, superando-se, assim, o tempo tradicional. Dessa forma, a mulher moderna encontra-se colocada em meio a uma tensão<sup>145</sup> entre o passado e o seu tempo presente, sendo constantemente interpelada pelo discurso da modernidade. Tal discurso negava os ritmos e as temporalidades diferenciadas das mulheres em seus diversos modos de vida.

---

<sup>143</sup> DOLORES, Juliano. *Excluídas y marginales*. Madri: Ediciones Cátedra, 2004.

<sup>144</sup> Cf. Processo “Júlia Ferreira Souza”. Fortaleza, 1923. APEC.

<sup>145</sup> “Além disso, a palavra [moderno] encontra-se sempre colocada em meio a uma polêmica, em uma briga onde há ganhadores e perdedores, os antigos e os modernos”. Cf. LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994, p. 15.

### 3.3 Vestuário e identidades

Na senda dos trabalhos com as aparências, as roupas constituíram percepções de como as pessoas, em diferentes épocas, demarcaram suas posições sociais e de gênero, e culturalmente constituíram suas identidades. Historicamente associadas às formas mais visíveis de consumo, as mutações da moda e as escolhas de vestuário também destilaram algumas das transformações na sociedade. O corpo, adornado por vestes, ganha formas e configurações diferentes, ao passo que o corpo despido tornou-se inacabado, incompleto. Assim, inegavelmente para o indivíduo, sobretudo a mulher, existe um diálogo constante entre a sociedade e os modos de vestir.

A percepção do uso da moda em Fortaleza tencionava discursos conservadores e progressistas<sup>146</sup>, considerando críticas em relação aos exageros. Maquiagens, por exemplo, foram associadas à promiscuidade feminina, sendo consideradas como artifícios usados por prostitutas. Por outro lado, a necessidade de chamar a atenção por meio do vestuário destacava um *status* de “civilidade” e evidência do corpo. Percebe-se, no entanto, que a “liberdade” feminina ecoava perpassada por nuances imperativas, marcadas, ainda, por discursos morais, estereótipos.

Em Fortaleza, o afluxo de casas de moda, tecidos e modelos caracterizou o novo vestuário feminino inspirado na Europa. Essa dinâmica propagou modelos e inspirações que ocuparam as páginas de revistas cearenses, exaltando o consumo para o “bem-estar”, além de notoriedade social.

As principais “Casas de elegância”, na Revista Ilustrada Bataclan, investiam em estratégias eficazes de publicidade. Entre as principais apareciam as Casas: “A Cearense” e “A Maranhense”:

---

<sup>146</sup> SILVA, Diocleciana Paula. *Do recato à moda: moral e transgressão na Fortaleza dos anos 20*. 2004. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

BA-TA-CLAN



# MODAS





As ultimas criações, re-  
cebidas, directamente.

**Os mais finos ar-  
tigos, pelos meno-  
res preços.**

Na casa em que se abastece

A

Alta elegancia do Ceará:

## A CEARENSE

Ilustração 24: Anúncio da Casa A Cearense.  
Fonte: Revista Ilustrada Bataclan (1928).

A  
tentação

As ultimas novidades em brincos e collares de perolas  
-Sedas as mais modernas e elegantes-Rendas valencianas  
e "guipure"--Aplicações de phantasia para vestidos e  
para chapéus-Meias finissimas-E;as ultimas e originaes  
creações da alta elegancia parisiense, na mais moderna  
e mais frequentada casa de modas do Ceará

**A CEARENSE**  
RUA FLORIANO PEIXOTO, 219

Cop

Ilustração 25: Anúncio da Casa A Cearense.  
Fonte: Revista Ilustrada Bataclan (1928).





Crêpes estampados

Crêpe romano

Chantung

Crêpe Georgette

Damasco Opera

Sêdas

Chales espanhóes

Lamé Damasco

Crêpe radium

E

TODOS OS DEMAIS

ARTIGOS DE MODA

—O QUE

HA

DE MAIS MODERNO E DE MAIOR SUCESSO,  
NAS RODAS CHICS

“A MARANHENSE”

RUA MAJOR FACUNDO, N.º 230

(JUNTO AO CINEMA MODERNO)

Ilustração 26: Anúncio da Casa A Maranhense.  
Fonte: Revista Ilustrada Bataclan (1928).

Crêpes estampados

Crêpe romano

Chantung

Crêpe Georgette

Damasco Opera

Sêdas

Chales espanhóes

Lamé Damasco

Crêpe radium

E

TODOS OS DEMAIS

ARTIGOS DE MODAS

—O QUE

HA

DE MAIS MODERNO E DE MAIOR SUCESSO,

NAS RODAS CHICS

# “A MARANHENSE”

RUA MAJOR FACUNDO, N.º 230

(JUNTO AO CINEMA MODERNO)



Ilustração 27: Anúncio da Casa A Maranhense.  
Fonte: Revista Ilustrada Bataclan (1928).

No domínio das roupas e acessórios que aformoseavam as mulheres, os chapéus demarcavam um *status* “*chic*”, “elegante”. Os rituais do vestir angariavam horas e circunstâncias de suas vidas, além de inscrever as mulheres numa trajetória cheia de sentidos, elementos de uma “memória trajada”<sup>147</sup>. Formatos de chapéus ou simplesmente suas cores poderiam remeter a um encontro amoroso, um passeio, lembranças e representação vivas de acontecimentos tênues, mas de toda a importância.

O uso dos chapéus fez parte de um ritual presente na dimensão pública dos gestos femininos. Uma saída ao cinema poderia provocar desavenças, conflitos, quando, na harmonia dessas técnicas do trajar, o objeto poderia servir como obstáculo à visão de quem se encontrava na cadeira detrás. No entanto, esse mesmo chapéu serviria para demarcar um espaço, um assento de quem ficou por vir, encurtando o momento que aquela moça saía sozinha de casa.

A indumentária feminina moldou o corpo e, ao passo que o ocultava, também serviu para revelá-lo. O corpo do século XIX, sobretudo o corpo da mulher de elite, foi socialmente moldado, corrigido por meio do espartilho, peça que, além de apresentar-se como mero ornamento, tinha também a função de, na vida pública, ostentar as riquezas e os bens dos maridos.

A estética corporal do século XX, influenciada pelos novos modos de andar e gesticular, inspirados numa plasticidade do cinema, da modernidade, privilegiou a cintura delgada, os seios projetados para frente e o traseiro para trás. Não somente as roupas, mas também uma gama de acessórios, como joias, penteados, cremes e perfumes, demarcavam espaços e discursos de poder, uma simbologia que destilava a “boa aparência pública”. A vestimenta e a moda, como um novo código de “civilidade”, dominavam a esfera pública feminina. O universo dos recônditos femininos esteve a muito associado à paixão pelas

---

<sup>147</sup> PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 9-18, ago. 1989, p. 14.

coisas<sup>148</sup>, tanta a matéria mais humilde, uma gama de objetos, como porta-joias, caixas, presentes, bibelôs, assim como o universo da indumentária, tentativas sutis de aprisionar seus corpos e rostos.

As roupas programaram uma subjetividade feminina de diálogo com a sociedade. Percebe-se a moda, assim, não unicamente como um fenômeno social ligado estritamente ao consumo, mas como um âmbito de demarcação social e de classe. O gênero, por sua vez, ganhou notoriedade na frequente “aparição” feminina, um verdadeiro “império do olhar” sobre esses corpos, carregando símbolos de modernidade em suas feições. As roupas podem ser, em um determinado contexto, formas e expressões diferentes que reescrevem o corpo.

O indivíduo é uma construção moderna e a moda acelera o desejo de individualizar-se<sup>149</sup>, de adaptar-se à nova norma, às novas formas de conduta social. A moda apresenta um conjunto de signos que, uma vez internalizados, transformam a identidade do indivíduo. Essas provocações externas alteram o olhar sobre si, pois o “eu” interage constantemente com o social.

Mas o desejo de individualizar-se não é provocado somente pela moda. O conjunto de transformações arquitetônicas e urbanísticas também contribuía para tal desejo. Nas ruas do centro da cidade de Fortaleza, a vida cotidiana foi invadida pelas mais variadas lojas de vestuários, oferecendo ao indivíduo “o que há de mais moderno na moda francesa”. Os jardins e parques públicos, com seus estilos e traços europeus, completavam o imaginário de modernização. A distinção e a descrição da indumentária podiam ser fortes marcadores de diferença quando se caminhava em meio à multidão numa cidade em intenso processo de urbanização. O “progresso” acentuava as divisões de classe.

---

<sup>148</sup> PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*, v. 9, n. 18.

<sup>149</sup> Ver CORBIN, Alain. O segredo do indivíduo. In: PERROT, Michelle (Org.). *História da vida privada: da revolução francesa à primeira guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 392-465.

Diante do exposto, é possível notar o surgimento de uma nova identidade feminina, de um novo processo de subjetivação, forjado no mercado de consumo dos vestuários e na necessidade de demarcar posição de poder. Identidade e vestuário foram entrelaçados como dois elementos constitutivos para o processo de invenção do corpo feminino no processo de modernidade da cidade de Fortaleza.

Os vestuários, com toda a sua complexidade de formatação e sentidos, em seus mais variados adornos, detalhes e descrições, demarcam a diferença, e é por meio das diferenças que as identidades são construídas.

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles”. Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder<sup>150</sup>.

Termos como “*o mais moderno*”, “*de maior sucesso*” ou mais usados nas “*rodas chics*”, presentes na maioria dos anúncios, usados como recurso publicitário para evidenciar a chegada de “novos” produtos e provocar o público feminino para o seu uso, operam como um discurso construtor de identidades. A moda, enquanto instituição, produziu identidades sociais, construiu sujeitos. Os anúncios publicitários mediavam o “chamamento”<sup>151</sup> dos sujeitos a identificarem-se com o discurso que fomentava a criação de identidades.

---

<sup>150</sup> Baseando-se no conceito de diferença desenvolvido pelo filósofo J. Derrida, Tomaz Tadeu da Silva, no artigo “A produção social da identidade e diferença”, analisa como a mesma é produzida no interior da linguagem, no campo das significações. Ver *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, p. 82.

<sup>151</sup> Para Stuart Hall, “as identidades são posições que o sujeito é obrigado a assumir [...] pelo ‘chamamento’ do sujeito pelo discurso”. Ver *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*, p. 112.

## **CAPÍTULO IV**

### **JOGOS DE APARÊNCIAS: VENDENDO SAÚDE, JUVENTUDE E BELEZA**

#### **4.1 Vendendo saúde**

#### **4.2 Juventude e beleza**

Neste capítulo, busca-se perceber a relação entre publicidade e construção do corpo feminino por meio de discursos que primavam pela beleza, juventude, saúde, gestos e aparências.

Esses “cuidados de si” tratam da elaboração de estratégias, recursos e trabalhos que visam a transformar, corrigir os corpos, dialogando, muitas vezes, com a moda e a produção de medicamentos para beleza, criando uma subjetividade nas relações e na própria forma de se perceber no mundo. A elaboração desses discursos também denotava instrumentos pedagógicos que tinham em vista o aproveitamento dos próprios corpos na construção de uma sociedade moderna.

*“A idéia que o homem tem do belo imprime-se em todo o seu vestuário, torna sua roupa franzida ou rígida, arredonda ou alinha seu gesto e inclusive impregna sutilmente, com o passar do tempo, os traços do seu rosto. O homem acaba por se assemelhar àquilo que gostaria de ser. Essas gravuras podem ser traduzidas em belo e em feio; feio, tornaram-se caricaturas; belo, estátuas antigas.”*

(CHARLES BAUDELAIRE)



## 4.1 Vendendo saúde

Com a consolidação do capitalismo, os caminhos e transformações do consumo foram pensados e postos em execução, apropriando-se de novos valores e ideias dentro da sociedade. O novo pensamento no pós-Primeira Guerra trouxe, além da presença feminina no âmbito do trabalho fabril, novas éticas burguesas dentro da sociedade contemporânea, associadas a um ideal de consumo e praticidade que fez emergir a “mulher moderna”<sup>152</sup>.

Aspectos ligados à prática do consumo moderno aliam-se ao desejo, à paixão e ao individualismo, na medida em que saciam vontades em vez de necessidades, ou até mesmo quando estas podem ser criadas, buscamos coisas por elas mesmas ou almejando o benefício que elas possam nos dar<sup>153</sup>.

A busca por identidades associadas ao uso dos artefatos materiais que o indivíduo possa obter também se alia a sonhos de consumo, imagens e símbolos representados a partir de determinados desejos. A utilização da propaganda como meio que compete ao consumidor uma “sensação” de identificação adequada ao seu “modo de ser”, muitas vezes envolve o uso do corpo a fim de provocar valorizações, discurso de gênero, sexualidade, classe, raça, etnia. O corpo, na publicidade, além de dialogar com vários saberes, emprega uma valorização de formas e métodos para conceber imagens<sup>154</sup>.

Utiliza-se o conceito “jogos de aparências”, no intuito de perceber, tendo por base saberes de bases científica, médica e jurídica, todas as construções desses simulacros corporais<sup>155</sup>, as quais criaram conjuntos de características para

---

<sup>152</sup> SILVA, Diocleciana Paula, Do recato à moda: moral e transgressão na Fortaleza dos anos 20.

<sup>153</sup> CAMPBELL, Colin; BARBOSA, Livia (Org.). Cultura, consumo e identidade. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006.

<sup>154</sup> BELELI, Iara. Corpo e identidade na propaganda. *Revista Estudos Feministas*, v. 15, n. 1.

<sup>155</sup> CERTEAU, Michel de. História de corpos. *Projeto História* (Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP), n. 25, p. 408.

os corpos na tentativa de superar o inquietante desconhecimento para com eles. Na forma de discursos, imagens, pinturas e demais maneiras de representar o repertório gestual, naquilo que mostrará à primeira vista modos de comportamento, andar, sentir, vestir, residir, saudar, sexualidades, danças, saúde, doença.

A publicidade tem como principal objetivo vender, e vende muitos conceitos, entre eles, conceitos de amor, sexualidade, romance, êxito, e o mais importante: o de normalidade. O que dizem sobre o corpo feminino nesse contorno é principalmente sobre o seu aspecto “natural” de beleza, saúde e sexualidade. A apresentação da linguagem corporal conferida às mulheres é sempre muito específica, vai da inocência *sexy* à vulnerabilidade, com retoques de passividade, bem diferente dos homens, por exemplo, que, mesmo quando são convertidos em objetos, não trazem as mesmas consequências relacionais. Portanto, perceber como são elaboradas as noções de corpo feminino na publicidade e na propaganda perpassa compreender uma noção de sociedade, de cultura que “remaneja” e “reinventa” esse corpo.

Por meio de pequenas notas ou de grandes anúncios, os discursos sobre a beleza destacavam uma missão de “obrigatoriedade” feminina, como se observa no jornal *O Estado*, em meados da década de 1940:

A beleza é Obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feito quem quer.

Essa é a verdade, os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o Creme de Alface que se caracteriza por sua rápida ação de embranquecer, afinar e refrescar a cútis<sup>156</sup>.

Circulando em jornais, revistas médicas e almanaques, em anúncios dos mais sortidos produtos, a beleza, associada à “boa aparência”, ao “corpo saudável”, à “branquitude”, requereu muitos métodos e técnicas, operando um

---

<sup>156</sup> A BELEZA é Obrigação. Nota sobre o Creme de Alface. *Jornal O Estado*, Fortaleza, 1941.

discurso eugênico proporcional ao “perfeito”, ao “socialmente normal”, ao passo que a feiura, a deformidade, o enfraquecido, o corrompido foram diretamente ligados à degenerescência, ao corpo inútil para o progresso da sociedade.



Ilustração 28: Sobre o uso dos cigarros.  
Fonte: Revista Ilustrada Bataclan (1928).

O consumo do cigarro era um significante masculino, largamente associado a esse gênero como elemento de masculinidade. Nos jornais, nas revistas, entre outros veículos de informação, a propaganda de cigarros assinalava um imperativo de charme:

PARABÉNS FUMANTES  
Chegou a primeira remessa de  
TOM MIX  
O cigarro da atualidade

---

A grande marca popular  
Fabrica Therezita de

Y. Serfaty & Cia., Pará  
Agentes: Saunders, Barbosa & Cia.  
Rua Senador Alencar n. 116 – Fort<sup>157</sup>.

O cigarro “Tom Mix”, fabricado no Pará, tinha esse nome em virtude do sucesso do ator norte-americano que se popularizou atuando como *cowboy*. O filme “Fama e Fortuna”, no qual ele atuava, foi reprisado, em Fortaleza, seguidamente, durante nove anos, de 1926 a 1934. Ao se denominar tal cigarro de “Tom Mix”, buscava-se também relacionar o ato de fumar ao charme e à aventura, que eram características marcantes dos filmes protagonizados por aquele ator. Comerciantes locais aproveitavam-se da veiculação do ato de fumar nas telas do cinema, para promover seus anúncios e vendas. Nesse caso, o cinema também desempenhava um diálogo com as estratégias de reprodução do “estilo moderno” e do consumo.

O desenho era amplamente utilizado, produzido por artistas plásticos, gráficos e ilustradores que, de algum modo, dialogavam com um discurso de modernidade, sendo a mensagem comercial popularizada por meio de um tom irreverente e com elementos que reafirmavam a qualidade do produto. Desse modo, o discurso trazia enunciados que reforçavam a memorização dos reclames e, conseqüentemente, dos produtos por ele veiculados.

Muitos anúncios vinham prontos das matrizes de Paris, das agências americanas ou, então, eram adaptações de propagandas estrangeiras, como, por exemplo, a Emulsão de Scott. Ao passo que o nosso material iconográfico foi centrado principalmente no eixo Rio-São Paulo, na mesma medida em que se confirma no predomínio da produção de anúncios comerciais, ilustradores e cartunistas, se comparado aos artistas plásticos<sup>158</sup>.

---

<sup>157</sup> JORNAL GAZETA DE NOTÍCIAS. Fortaleza, 14 jun. 1928.

<sup>158</sup> BRUNELLI, Silvana. *Diálogo entre as artes plásticas e a publicidade no Brasil*. 2007. Tese (Doutorado em Artes) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

É possível perceber, nesses anúncios, modos de interpretação da alteridade, da diferença sexual, das subjetividades de discursos, bem como a construção cultural do papel social feminino. Um mundo de sonhos glamourizado, concebendo ideais de beleza e saúde, porém voltados para o consumo.

As propagandas de produtos que fossem ligados às atividades do corpo, como loções, cremes e talcos, proporcionavam uma beleza plástica, branca, “parisiense”, amplamente difundida em Fortaleza. Por sua vez, o uso de elixires, depuradores e remédios em geral que cuidavam internamente do corpo também demonstrava essa associação propagada pelos médicos entre corpo saudável e beleza. Sendo assim, a beleza, em vez de um aparato divino, segundo o discurso médico, passava a ser sinônimo de boa saúde. Podia-se dizer, nesse intento, que alguns remédios “curavam” a feiura<sup>159</sup>.

Os anúncios do Xarope Mistol, reproduzidos a seguir, apresentam pequenas narrativas sobre o universo do *flirt*, do namoro entre um homem e uma mulher, em que o pronto restabelecimento do corpo doente favorece o clima de romance. As roupas que vestem o casal são dignas de uma festa de gala. Embalados pela dança, o vestido longo sugere uma doçura feminina e recato, já o *smoking* masculino ostenta polidez, prestígio social...

---

<sup>159</sup> SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: \_\_\_\_\_. *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. p. 121-139.

GAZETA DE NOTÍCIAS

4

É incrível!  
**ACABEI  
 COM O MEU  
 RESFRIADO!**

Passel mal esta noite. Tinha as vias nasais obstruídas e estava certa de haver apanhado uma forte gripe.

Lembrei-me que Mistol cortou o resfriado de meu marido e decidi experimentá-lo também.

Pinguei nas narinas algumas gotas de Mistol. A obstrução nasal cessou logo e pude respirar de novo com facilidade. Pela manhã, graças a Mistol, o meu resfriado havia desaparecido.

Mistol dá alívio rápido a catarro, obstrução das vias nasais e inflamação da garganta. Os médicos aconselham a usar Mistol regularmente, porque elimina do nariz e da garganta o muco portador de microbios. Assim se evitam muitas enfermidades que ali se originam.

Siga o meu conselho!  
**CÓRTE OS RESFRIADOS COM  
 Mistol**

À venda em todas as farmácias e drogarias

**ACONSELHADO PELOS MEDICOS DO MUNDO INTEIRO**

Ilustração 29: Anúncio do Xarope Mistol.  
 Fonte: Jornal Gazeta de Notícias (1928).

DE JULHO DE 1941. DE JULHO DE 1941.

# Ninguém diria que estive resfriado á noite passada!

Na véspera deste baile tão desejado, senti os primeiros sinais de uma forte gripe: coriza e obstrução das vias nasais.

Á hora de deitar-me, as minhas narinas estavam tão congestionadas que eu mal podia respirar. Apliquei Mistol—e quasi imediatamente senti alivio á congestão.

Quando pela manhã me levantei, o resfriado havia desaparecido. Aconselho, pois, com friados, catarro e inflamação da garganta. Os medicos aconselham a usar Mistol regularmente, porque elimina do nariz de microbios. Assim se evitam muitas enfermidades que ali se originam.

Ao primeiro espirro  
CÓRTE O RESFRIADO COM  
**Mistol**  
Á venda em todas as farmacias e drogas

ACONSELHADO PELOS MEDICOS DO MUNDO INTEIRO

Ilustração 30: Anúncio do Xarope Mistol.  
Fonte: Jornal Gazeta de Notícias (1928).

## 4.2 Juventude e beleza

Os anúncios publicitários nos quais a presença da mulher era sempre marcante e sedutora redefiniram a sensualidade e a beleza como elementos de um novo discurso para o corpo feminino.

Embora esses anúncios fossem recorrentes nos principais jornais da cidade, nas primeiras décadas do século XX, foi nas revistas de comportamento que eles adquiriram maior rigor estético, importando uma formatação da matriz e difundindo valores “nacionais”.

Os anúncios da marca Kolynos, por exemplo, permearam o universo feminino, trazendo o sorriso como principal elemento de sedução. Em algumas de suas ilustrações, é curioso perceber a manutenção de um belo sorriso como “arma” para se alcançar uma beleza que “enfeitiça” os homens. O produto final seria um bom casamento.



*Conquistou-o com o seu sorriso*



**U**M sorriso radiante é qual flexada de Cupido. E, claro, para se ter um sorriso radiante é preciso que se tenha também dentes claros e lindos.

Por isso se deve usar o Crème Dental Kolynos todos os dias. Porque Kolynos limpa melhor os dentes, dando-lhes maior brilho e beleza e revelando todo o "feiticeiro" encanto de seu sorriso.

Embeleze o seu sorriso com Kolynos.

*Custa menos porque rende mais*



Ilustração 31: Anúncio do Creme Dental Kolynos.

Fonte: Jornal Gazeta de Notícias (1928).

[“Um sorriso radiante é qual flexada de Cupido. E, claro, para se ter um sorriso radiante é preciso que se tenha também dentes claros e lindos.”]

O discurso que diz sobre o “feitiço” que a mulher lança sobre o homem remete a mais um elemento místico, de encantamento que só a “natureza” feminina resguarda, revelado, quando necessário, para “ardilosos fins”.

*Se os seus dentes não forem lindos*  
**NINGUÉM OLHARÁ MAIS PARA VOCÊ**

**N**ÃO arrisque o seu encanto—use o Crème Dental Kolynos, e de novo será olhada com admiração. Ao escovar os dentes com Kolynos, desaparecem a seguir essas manchas amarelas que os afeiam e fica logo revelada a sua natural brancura e beleza. Ao mesmo tempo, a espuma borbulhante e aromática de Kolynos lava toda a bôca, deixando-a deliciosamente fresca e perfumada.

*Custa menos porque rende mais*

**KOLYNOS**  
 CRÈME DENTAL

LEBORGAN

Ilustração 32: Anúncio do Creme Dental Kolynos.

Fonte: Jornal Gazeta de Notícias (1928).

[“*Se os seus dentes não fôrem lindos NINGUÉM OLHARÁ MAIS PARA VOCÊ.*”]

**ADORÁVEL  
BEIJÁVEL  
CATIVANTE**

*porque usa  
Kolynos*

**A** SENHORA também pode mostrar um sorriso radiante, que revele dentes preciosos como pérolas. Compre um tubo de Kolynos e use-o segundo as instruções que vão na bula. Os resultados deixá-la-ão maravilhada, pois verá quão claros e reluzentes seus dentes podem ser. Kolynos limpa, refresca e dá esplendor!

*Custa menos  
porque  
vende mais*

**KOLYNOS**  
CREME DENTAL

Ilustração 33: Anúncio do Creme Dental Kolynos.

Fonte: Jornal Gazeta de Notícias (1928).

[“A SENHORA também pode mostrar um sorriso radiante, que revele dentes preciosos como pérolas.”]

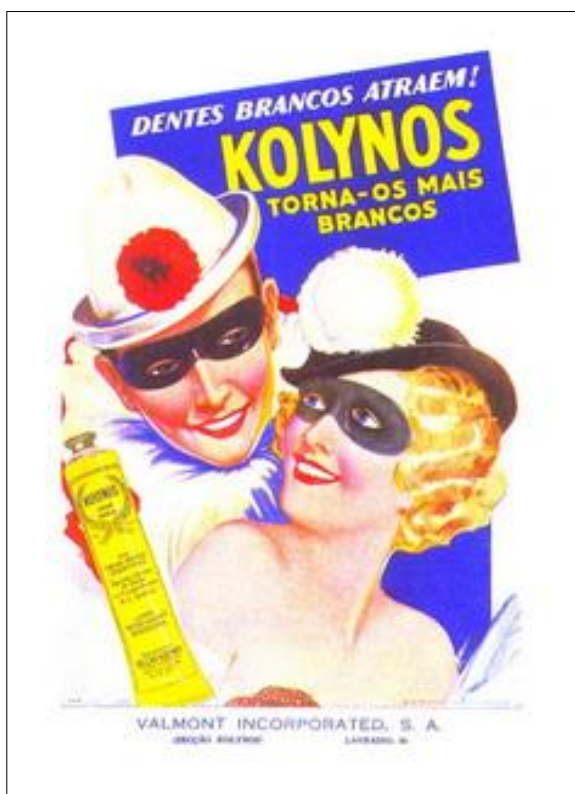


Ilustração 34: Anúncio do Creme Dental Kolynos.  
 Fonte: Revista O Cruzeiro (1930).



Ilustração 35: Anúncio do Creme Dental Kolynos.  
 Fonte: Revista O Cruzeiro (1930).

**KOLYNOS**  
CREME DENTAL

*Como a minha bocca se sente limpa*

O KOLYNOS torna os dentes bellos e brancos, dissolve a mucina, remove as particulas de alimento em decomposição e destróe os pestigosos germes que deterioram os dentes.

Experimento KOLYNOS — a sensação de limpeza e de frescura que produz é deliciosa. Basta um centímetro sobre a escova secca.

A VENDA EM TODAS AS PERFUMARIAS, DROGARIAS, PHARMACIAS E NAS FILIAES DE PAUL J. CHREPPON CO. OUVIDOS, 98 - RIO S. BENTO, 35 - S. PAULO.

**VALMONT INCORPORATED, S. A.**  
(SECÇÃO KOLYNOS) LAVRADIO, 183

Ilustração 36: Anúncio do Creme Dental Kolynos.  
Fonte: Revista O Cruzeiro (1930).

As alusões à sedução associadas ao uso de produtos para limpeza bucal, aos cuidados com o rosto e os dentes, dialogavam com um universo de romance, proporcionado quase que unicamente devido à limpeza e à assepsia. Algumas marcas trouxeram ilustrações que, na tentativa de representar tipos de mulheres,

diversificaram seus referenciais: loiras e morenas, vestuários étnicos, festividades brasileiras etc. Ainda assim, o mesmo padrão de beleza prevalecia: uma simetria do rosto, sorrisos contidos, faces rubras, ingênuas, elementos gestuais tipicamente europeus.

Falando-se em lugares, representações de tipos e gestos, é importante perceber, dentro do contexto metodológico da pesquisa, como se deu a circulação desses anúncios. A figura da melindrosa sempre protagonizava diversos anúncios. Independente de serem referentes a produtos das indústrias de alimentos, limpeza, higiene, saúde, os anúncios trouxeram, por meio das técnicas litográficas americanas e europeias, um mesmo padrão de corpo feminino, a fim de vender os mais variados artigos. O alcance no Brasil, em vários estados, era notável, sendo comum encontrar, no Ceará, no Rio de Janeiro ou em São Paulo, as mesmas figuras femininas, em diferentes periódicos, representando produtos de distintas empresas.

Frente às técnicas introduzidas pelas indústrias farmacêuticas, laboratórios e seus parceiros na publicidade, a sedução que invadia os olhos do público consumidor pelas cores e imagens fez com que até cartões-postais viessem em grandes lotes, da Europa e Estados Unidos, impressos com nomes de anunciantes, desfilando grandes marcas de medicamentos, objetos esses que tiveram um uso resignificado, sendo colecionáveis por quem foi apaixonado por essa arte.

O anúncio, além de dizer sobre a composição ideal para agradar o olhar de quem consumia revistas e produtos, tende a expor sempre relações de gênero e um padrão de beleza quase único para as mulheres. A beleza, a ternura e o asseio estavam ao seu alcance e era quase que uma obrigação para todas as mulheres. Além da juventude, a beleza está associada à cor alva, ao frescor e à leveza, traços marcantes na representação feminina, sendo difícil encontrar etnias ou modos diferenciados de conceber a beleza nesse âmbito. Pode-se dizer que o dispositivo criado para o corpo feminino por meio do saber médico,

presente nessas revistas, ancora-se na mulher moderna, branca e bela. O discurso aliava o ritmo da vida moderna ao cuidado com o corpo, sempre saudável e “vendendo” saúde.

O discurso hegemônico que desqualifica as culturas locais, característico de regiões colonizadas, também presente no meio popular, vê, no corpo mestiço feminino, o lócus da degeneração moral e social. O erotismo e a coreografia do corpo que samba, de base cultural negra, sempre esteve em conflito com a cultura racional eurocêntrica. O corpo que samba não pode escapar ao controle social, por sua vulgaridade, vadiagem e malandragem. O corpo, nesse contexto histórico, constitui-se numa contranarrativa à disciplinarização e ao adestramento.

Nos anúncios, em revistas, jornais e almanaques, o corpo surgia transformado em objeto de consumo, de desejos, um mundo de sonhos suscitando o sujeito a um “império do olhar”, alvo direto de mensagens publicitárias permeadas pelos interesses de mercado e pelas flutuações da moda. Assim como a linguagem das imagens ilustradas trouxe sensibilidades inspiradas em um contexto real, também idealizado com a influência de elementos externos.

As ilustrações chamam a atenção para a manutenção do corpo feminino saudável. Por outro lado, o corpo acometido por doenças poderia privar-se de momentos importantes no que se entendia por plena felicidade feminina: o lar, o cuidado com os filhos, o lazer, o encontro com as amigas. Em nenhum momento, é destacada a possibilidade de a mulher realizar as suas próprias escolhas, como uma carreira profissional, por exemplo.

*É um prazer...*

e tem o perfume  
que deixa saudade.

**TALCO ROYAL BRIAR:**  
ao amaciar a pele,  
deixa em todo o corpo  
uma fragrante sensação  
de frescor.

A vintage advertisement for Talco Royal Briar. The central illustration shows a woman from the waist up, wearing a white towel, with her hands behind her head, looking over her shoulder. To her right is a large, ornate tin of Talco Royal Briar talc. A trail of talc powder curves from the tin towards the woman's back. The background is a light, warm yellow. The text is in various fonts, including a large cursive script for the headline and a bold serif for the product name.

**TALCO**  
**Royal Briar**

Ilustração 37: Anúncio do Talco Royal Briar.  
Fonte: Revista O Cruzeiro (1947).





Ilustração 38: Anúncio do Talco Royal Briar.  
Fonte: Revista O Cruzeiro (1947).

Como elemento de beleza e asseio do corpo, o talco Royal Briar utilizava a ilustração muito próxima da imagem de *pin ups*<sup>160</sup>, mulheres belas, de pele

<sup>160</sup> As *pin-ups* revelaram um traço da cultura norte-americana na forma de representar algumas mulheres. Desenhos, ilustrações e pinturas imitavam as formas e as poses de mulheres reais, em grande parte atrizes e dançarinas, revelando uma sensualidade ingênua, com ênfase em situações do cotidiano. Muitas apareciam em forma de calendários, com a finalidade de serem pendurados (em inglês, *pin-ups*) em paredes. Alguns nomes de *pin-ups* entre os anos de 1920, 30 e 40 cuja fama ainda permanece são: Theda Bara, Greta Garbo, Clara Bow, Josephine Baker, Ginger Rogers, Dolores Del Rio, Ava Gardner, Judi Garland e Rita Hayworth.

clara e cabelos arrumados, em poses provocantes e curvas ressaltadas. Muitos anúncios publicitários que traziam a mulher como maior suporte visual, mantinham o corpo como baluarte de suas mensagens. Mudanças nos penteados e ousadia que revelava (ainda) mais o corpo são características de mais uma representação feminina nos anos de 1940/50.

A semelhança com cartazes *de pendurar* dão o sutil encanto no ato de olhar. A ausência de roupas, além de revelar uma ideia de perfeição e brancura, por meio do olhar de quem desenha, também submete ao corpo o “proveitoso” ato de torná-lo limpo, leve e sensual. A sensualidade e a beleza impunham-se como norma, sutilezas embutidas em simples ações do cotidiano.

Percorrendo essa historicidade, observa-se que os sentidos ligados aos discursos proferidos ancoravam-se, inicialmente, em fortes referências médicas, bastante associadas à construção de uma “aparência/beleza” feminina ideal. Os cuidados de si<sup>161</sup>, personificados no sorriso, rosto, cabelos e asseio, remetiam à ideia de beleza como sinônimo de saúde.

No entanto, nessa mesma trajetória, os produtos e os valores os quais pretendiam difundir foram agregando novos significados, fazendo com que a mulher moderna, nessa perspectiva, desfrutasse de um bem-estar “higiênico”, dialogando com aspectos de prazer do corpo, exalando aromas perfumados.

Discursos elaborados sobre a noção de *prazer consigo mesma*, com o próprio corpo, além do elemento da sensualidade, ganharam força, segundo será

---

<sup>161</sup> Michel Foucault explica que a cultura de si é um dos princípios de poder, em que os sujeitos são incentivados a “ter cuidados consigo”, visando à transformação/correção, purificação e salvação. O cuidado de si seria, portanto, uma forma de poder que “estimularia” os sujeitos a controlar e a conhecer seu próprio corpo para uma vivência mais regrada do mesmo. E é nesse sentido que a expressão será usada aqui. Ou seja, o cuidado de si será entendido, neste trabalho, como uma forma de investimento em que os sujeitos são “convidados” a cuidar de si e de seus corpos para uma apresentação mais adequada. Cf. FOUCAULT, Michel, *História da sexualidade*, v. 3 (O cuidado de si).

visto mais à frente. Persistia, contudo, a noção de embelezamento como a construção de uma imagem feminina, demarcando esse gênero<sup>162</sup>.

**Não  
deixe que  
manchas  
lhe roubem  
esse  
tesouro  
de beleza!**

**RESGUARDE** o encanto natural de sua pele com **LEITE DE COLONIA**

Se há manchas, sardas, cravos ou espinhas na sua cutis, não pense em demasiados artificios para encobri-las. Corrija as manchas, sardas, cravos, espinhas e outras erupções da pele com Leite de Colônia. Leite de Colônia também protege a cutis contra o sol, o frio e intempéries, ao mesmo tempo que fixa o pó de arroz. Leite de Colônia limpa, alveja e amacia a pele. Use-o sempre para defender e conservar esse precioso tesouro de beleza: cutis alva e assetinada.

*Leite de Colônia* 1 WT.

Ilustração 39: Anúncio do Leite de Colônia.

Fonte: Jornal O Povo (1928).

[“Não deixe que manchas lhe roubem esse tesouro de beleza. **RESGUARDE** o encanto natural de sua pele com **LEITE DE COLONIA**.”]

<sup>162</sup> OLIVEIRA, Núcia Alexandra Silva. A beleza que se compra... o gênero que se constrói. Uma análise de anúncios publicitários de produtos de beleza para homens e mulheres (1950-1990). ST 43 - Corporalidade, consumo e mercado. *Fazendo Gênero*, 2008.

**NÃO  
DESFIGURE**

**OS ENCANTOS NATURAIS  
DO SEU ROSTO**

Se há imperfeições na sua pele produzidas pelo Sol... Frio... Poeira... ou intempéries não recorra ao "maquillage" para escondê-las. Este artifício é apenas útil para avivar sua beleza. Utilizado, porém em excesso, desfigura os encantos do seu rosto.

**-CORRIJA**

**AS MANCHAS E SARDAS DA SUA CUTIS!**

**L**EMBRE-SE, enquanto é cedo, do Leite de Colônia. Siga o exemplo de milhões de lindas mulheres que entregam o tratamento da sua cutis ao Leite de Colônia.

Leite de Colônia limpa, alveja e amacia a pele. É também excelente fixador do pó de arroz. Leite de Colônia é a consagrada fórmula do Dr. Studart para evitar e remover as imperfeições da pele.

Realce o encanto natural do seu rosto com Leite de Colônia.

**Leite de Colônia,**

 **STAFIX** fixa o penteado e dá brilho ao cabelo de senhoras e cavalheiros.



Ilustração 40: Anúncio do Leite de Colônia.

Fonte: Jornal O Povo (1928).

[“NÃO DESFIGURE OS ENCANTOS NATURAIS DO SEU ROSTO – Se há imperfeições na sua pele produzidas pelo Sol... Frio... Poeira... ou intempéries, não recorra a “maquillage” para escondê-las. Esse artifício é apenas útil para avivar sua beleza. Utilizado porém em excesso, desfigura os encantos do seu rosto.”]

Essa construção histórica sobre as subjetividades do corpo feminino criou um conjunto de regras de como ser/tornar-se bela e, com isso, adquirir a “preferência”, sobretudo, masculina. A beleza, vista do “alto”, privilegiava a contemplação dos olhos, testa, colo, seios, lábios. Alguns emissários, no século VI, como expõe Georges Vigarello, admiravam o corpo “empilhado”, ressaltando a função da coluna como sustentáculo de uma bela “edificação”<sup>163</sup>.



Ilustração 41: Anúncio do Sabonete Palmolive.

Fonte: Revista O Cruzeiro (1950).

[“*Juventude e Beleza Na Espuma Cremosa do Sabonete Palmolive – Palmolive: o sabonete da juventude deixa a cútis aveludada como pétala de rosa...*”]

<sup>163</sup> VIGARELLO, Georges. *História da beleza*. São Paulo: Ediouro, 2006, p. 134.

Sobre os olhos, recaiu a importância de “iluminar” o corpo. Como fachadas, janelas, os olhos têm força própria, orientam os caminhos, analisam e, juntamente com as sobrancelhas, constroem arcos que estruturam a face, agregando beleza singular. Por outro lado, a força do olhar pode sugerir mistérios, feitiços, tão comuns na literatura como a ardileza “necessária”.



A Belleza depende dos olhos

Nada empresta mais encanto á mocidade do que olhos reluzentes e radiantes. Todos procuram accentuar a sua personalidade attractiva pelos olhos fascinantes e expressivos. Não é o tamanho e a côr das pupillas que constitue a formosura dos olhos, mas a luz mysteriosa que delles irradia. Embelleze os seus com

**MURINE**  
Para os olhos

Em qualquer Pharmacia

Ilustração 42: Anúncio da Máscara para Olhos Murine.

Fonte: Revista O Cruzeiro (1940).

[“Nada empresta mais encanto á mocidade do que os olhos reluzentes e radiantes. Todos procuram accentuar sua personalidade attractiva pelos olhos fascinantes e expressivos. Não é o tamanho e a côr das pupillas que constitue a formosura dos olhos, mas a luz mysteriosa que delles irradia. Embelleze os seus com **MURINE**. Para os olhos. Em qualquer Pharmacia.”]

O anúncio da Pasta de Dentes Odol, visto a seguir, atesta a beleza concebida pelos médicos, o asseio e a “saúde” bucal. Na imagem, o sorriso com Odol é igualado ao sol, elemento centralizador de força e beleza. A figura da mulher como “melindrosa” ressalta e denuncia os padrões da época, sobretudo no que concerne às técnicas da publicidade.



Ilustração 43: Anúncio da Pasta de Dentes Odol.

Fonte: Revista O Cruzeiro (1930).

[“Dentes que enfeitam o riso com brilhos claros de sol... Pouco, para isto, é preciso: a Pasta e o Líquido Odol”.]

O cinema, tido como um dos signos visuais da modernidade, programou uma sociabilidade ambígua na cidade de Fortaleza<sup>164</sup>. Nos anos de 1920, quando as primeiras salas chegavam à capital, eram também percebidos os primeiros envolvimento do público com a sétima arte, porém, não com a projeção da película por si só, mas com um conjunto de sociabilidades que partilharam as idas ao cinema. Para os frequentadores, além do aspecto lúdico e social, alguns conflitos e desavenças também marcaram o local. Entre as principais reclamações, estava o uso do cigarro nas salas, a gritaria, a cusparada no assoalho, além de outros comportamentos ditos como impróprios para o local. Havia, até mesmo, recorrência à polícia devido à improbidade dessas condutas.

O público dos cinemas, nessa época, era uma elite local que recorria aos Clubes e Cafés como forma de sociabilidade. No entanto, essa sociabilidade operava sob regras e normas, de modo que esses espaços também se configuravam como mediadores de condutas e comportamentos.

---

<sup>164</sup> Para saber mais sobre os cinemas em Fortaleza, consultar: SILVA, Márcio Inácio da. *Nas telas da cidade: salas de cinema e vida urbana na Fortaleza dos anos de 1920*. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.



1 — Infelizmente, amor como esse só mesmo no cinema. Sei por experiencia...

2 — O meu Julio, antes tão amoroso e dedicado, mostra-se agora indiferente. Quanto daria para que a nossa vida fosse como aquela da fita!...

3 — Mas Elsa, isso só depende de ti. Sem saude não podes prender teu marido. Não sabes que o teu atractivo depende em grande parte...

4 ...do bom funcionamento do utero e dos ovarios? Ahi é que está o segredo. Por que não procuras tratar-te com o remedio maravilhoso que é A SAUDE DA MULHER ?

5 UM MEZ DEPOIS — Não; não é só no cinema que existe o amor...

Numa saude perfeita, isenta de incommodos e perturbações reside o maior encanto da mulher. A SAUDE DA MULHER tonificando e regularizando o aparelho utero-ovariano é uma garantia contra as irregularidades menstruaes e suas consequencias, affecções hystericas, moléstias da pelle e dos cabellos. A SAUDE DA MULHER é o remedio que traz no seu nome a synthese das suas qualidades.

## A Saude da Mulher

Ilustração 44: Anúncio do medicamento A Saude da Mulher.

Fonte: Revista O Cruzeiro (1940).

[“Numa saúde perfeita, isenta de incommodos e perturbações reside o maior encanto da mulher. A SAUDE DA MULHER tonificando e regularizando o aparelho utero-ovariano é uma garantia contra as irregularidades menstruaes e suas consequências, affecções hystericas, moléstias da pelle e dos cabellos. A SAUDE DA MULHER é o remédio que traz no seu nome a synthese das suas qualidades.”]

A Saude da Mulher, pensada e desenvolvida pelos laboratórios Daudt, tratava-se de um remédio para sanar os males do corpo feminino, intensificados pelos ovários, períodos menstruais, aflições do cotidiano... A Saude da Mulher também circulou como um almanaque, lançado em meados de 1906, atingindo tiragens históricas de 1,5 milhão de exemplares, tendo uma longa circulação que data até 1974.

Vale notar que as estratégias para publicidade e massificação desse produto foram inovadoras e eficazes, ora em cartazes que circularam em bondes, *outdoors* e painéis luminosos (os primeiros dos quais se teve experiência no Brasil), adquirindo *status* de um produto bastante popular, sobretudo no que se referia à divulgação.

Os Almanques de Farmácia surgiram como publicações que, inicialmente, tinham como missão propalar remédios e produtos ligados a essa indústria. Sob a égide dos grandes laboratórios, os almanques eram produzidos em escalas nacional e internacional, e incorporaram estratégias de propaganda, entretenimento e generalidades, vinculadas à noção de modernidade/modernização. A autoridade ligada ao desenvolvimento de produtos farmacêuticos e medicamentos transmitia à população, por meio de uma linguagem popular, cômica, simples, os progressos científicos e urbanos, no entanto, o significado que as pessoas atribuíram à leitura e à aquisição desses almanques ultrapassou as fronteiras dos aspectos médicos, visto que a aquisição dos exemplares suscitou características lúdicas, práticas de leituras, informações.

No século XX, a maioria dos laboratórios (grandes, médios, pequenos) teve os seus almanques:

- Granado (laboratório brasileiro): consta de 1887 o lançamento do Pharol da Medicina, com tiragens de 50 a 200 mil exemplares, tendo circulado até meados dos anos de 1940;

- Laboratórios Daudt (laboratório brasileiro): com A Saúde da Mulher, atingiu tiragens de até 1,5 mil, persistindo a circulação até os anos de 1970;
- Bayer (laboratório alemão): posterior ao invento da Aspirina, os laboratórios Bayer aportaram no Brasil e ganharam intensa repercussão, adquirindo uma linguagem própria. A Bayer imprimiu um *slogan* que marcou a história publicitária no Brasil: “se é Bayer, é bom”;
- Fontoura (laboratório brasileiro): o Biotônico Fontoura, como a intenção de ser um tônico fortificante para toda a família, repercutiu muitos anos no Brasil associado à figura do Jeca Tatu, personagem de Monteiro Lobato, doente, preguiçoso, caipira. Esses elementos “degenerados” do personagem marcaram uma linha de pensamento sanitário e moral, controverso, na sociedade brasileira.

Ao citar e nomear caracteristicamente a presença dos Almanques de Farmácia no Brasil, o feito tende a suscitar uma percepção para além da circulação de anúncios ou a busca por uma “melhora/cura” para um país cronicamente doente. O que eleva o interesse é perceber a circulação/relação que o discurso texto-visual provocava nas pessoas, os interesses na informação em meio aos mais diferenciados usos e práticas de leitura que esse instrumento obteve.



Ilustração 45: Rita Hayworth, estrela de Hollywood, em anúncio do cosmético Pan Cake Make-Up.

Fonte: Revista O Cruzeiro (1946).  
 [“Ser bela como as estrelas...”]

Em meados dos anos de 1920, a produção norte-americana havia superado a europeia, enfraquecida após a Primeira Guerra Mundial. Dialogando com essa emergência do cinema, uma das práticas adotadas pela indústria cinematográfica dos Estados Unidos foi a criação do conceito “estrela de cinema”, que valorizava a figura de suas artistas, destacando os seus aspectos de beleza, sensualidade, jogos de aparências.

Operando em uma grande rede, nessa perspectiva, as estratégias publicitárias relativas ao cinema serviram também para difundir “tipos” femininos, como a “*vamp*”, a “ingênuas”. Foram discursos simbólicos, construções homogêneas para realidades distintas. Atrizes como Rita Hayworth, Theda Bara, Pola Negri, Greta Barbo e Collen Moore adquiriam *status* de “divas do cinema”, repercutindo em suas épocas e, com isso, venderam determinadas imagens, colaborando no reforço desses estereótipos.

A beleza emerge no século XX como uma construção discursiva que interdita a pintura e a fotografia. Inspirada em um mundo de sonhos, trouxe discursos com efeitos de verdade. Frente ao espelho desse século, capta o nu em sua verdade anatômica<sup>165</sup>, ao passo que veste de acordo com determinadas circunstâncias. A circularidade dos discursos conjuntos com as ações do Estado, Igreja, Medicina, Publicidade e Mídia realçaram padrões constitutivos de sociabilidade – amorosa, sobretudo –, abrangendo até maneiras de beijar, coisa que antes não era permitida pela moral vigente.

O cinema, como grande difusor de comportamentos, mediatizava as experiências sociais das mulheres dessas décadas, manifestando novas subjetividades femininas.

---

<sup>165</sup> MICHAUD, Yves, Visualizações: o corpo e as artes visuais.

**LOURA  
ou  
MORENA**

...a graça encantadora de sua feminilidade, aprimora-se ao toque mágico desse remate de sedução que é Lingerie Valisère — O traje divinal das formas divinas. Lingerie Valisère — corte individual rigoroso, em tecido indismalhável.

Lingerie Valisère, em todos os seus vários e elegantíssimos peças, apresenta linhas e tons modernos, realçando a formosura da mulher.

LINGERIE  
*Valisère*  
CONTACTO QUE É UMA CARÍCIA

SALAM • Casa de Anjo

Ilustração 46: Anúncio da *Lingerie Valisère*.

Fonte: Revista O Cruzeiro (1948).

[“...a graça encantadora de sua feminilidade, aprimora-se ao toque mágico desse remate de sedução que é *Lingerie Valisère*.”]

Quando se fala em  
CONTACTO que é uma carícia...  
não se esqueça de fazer que se trata de

LINGERIE  
*Valisère*

Tecido indismalhável  
Forte individualíssimo

... e a mulher está completa com *Valisère*. *Blond*

Ilustração 47: Anúncio da *Lingerie Valisère*.  
Fonte: Revista O Cruzeiro (1948).



Ilustração 48: Anúncio da *Lingerie Valisère*.  
Fonte: Revista O Cruzeiro (1948).



Ilustração 49: Anúncio da *Lingerie Valisère*.  
Fonte: Revista O Cruzeiro (1948).

Os anúncios das *lingeries* Valisère apresentam como principal sedução ao olhar um conjunto de poses, no qual o corpo feminino é representado sob traçados sinuosos e envolventes que denotam, sobretudo, o corpo sensualizado, dispositivo de sedução.

No trabalho das poses, o desejo de idealizar as aparências provém de uma teatralização das atitudes, gestos e expressões faciais: o corpo cheiroso, cuidado, macio, preciosa reafirmação na construção de uma imagem feminina. O produto que se almejava vender com o anúncio, a *lingerie*, além de explorar pela imagem o reduto íntimo feminino, inscreve, por meio da peça do vestuário, traços marcantes da sensualidade, segredos individuais e um conjunto de encantos, prestes a serem desvendados.

O lugar é, por vezes, o quarto ou a casa, contudo, por ser um anúncio publicitário de destino e alcance público, remete a um universo de tempo e espaço puramente feminino, trabalhos “necessários”, espécie de ritual, cujo objetivo era a atração/sedução do sexo oposto, tudo com muita “naturalidade”.

A criação de uma subjetividade para esse “novo” momento feminino junto ao seu corpo encontrava-se, agora, estampada nas aparências. Novas percepções foram evidentes na experiência do corpo como um acontecimento do ser no mundo<sup>166</sup>. Nesse sentido, as políticas para o prazer e o bem-estar aguçaram as aversões à dor e ao sofrimento humano. Para tanto, a publicidade angariou intenso destaque no sentido de aprimorar os novos significados do mundo sensível, multiplicando os ideais de prazer no lar, no trabalho, na alimentação, nos cuidados com o próprio corpo, gerenciando, assim, novos controles<sup>167</sup>.

---

<sup>166</sup> MACHADO, Bernadete Franco Grilo. Corporeidade e existência em Merleau Ponty. *Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia*, v. 2.

<sup>167</sup> SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Corpo e história. *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo, v. 3, p. 243-266, 1995.





Ilustração 50: Anúncio do Sabonete Gessy.  
Fonte: Revista O Cruzeiro (1940).



Ilustração 51: Anúncio do Sabonete Gessy.  
Fonte: Revista O Cruzeiro (1940).

A mulher de meados da década de 1940, personificada em ilustrações com tipos de cabelos, poses, gestos, sugerindo certa emancipação, prazer, sensualidade, trouxe, para os anúncios da empresa Gessy, elementos que distinguem identidades dessa “nova” mulher.

A Gessy começou a circular no mercado em meados de 1913, com uma pequena linha de produtos de higiene pessoal, gerida por José Milani, um modesto industrial do interior de São Paulo, empreitando, mais tarde, uma parceria com os irmãos Lever, da Inglaterra, o que significou investimentos futuros para o Brasil, em novidades no âmbito da publicidade e do desenvolvimento da propaganda.

O consumidor brasileiro, até então não familiarizado com as investidas publicitárias, frente ao mercado cada vez mais competitivo, viu surgir, nas principais revistas de renome nacional, uma enxurrada de produtos e “necessidades” que iriam influenciar os comportamentos e hábitos da população. Ao longo dos anos de 1930 e 40, viu-se uma enorme disputa por consumidores no cenário da propaganda brasileira, aliada a uma construção de novas doutrinas de civilidade.

Associadas aos anúncios e firmando-se como símbolos de “confiança” perante o público consumidor, as marcas, impressas em nome de uma filosofia dos produtos a serem comercializados, traduziam, dialogando com o contexto sociocultural da época, valores e práticas de representação. A marca, como um diferencial na disputa entre consumidores, funcionando como estratégia de destaque, elaborava ações planejadas com o intuito de introduzir novos hábitos e costumes no cotidiano das pessoas.

Propagando o uso contínuo de padrões análogos, clichês<sup>168</sup>, as imagens dos anúncios provinham de um referencial comum. Nos casos aqui estudados, a mesma representação de corpo feminino (melindrosas, *pin-ups*), por conseguinte, criou e recriou, para diferentes contextos, vários sentidos e instruções pedagógicas cotidianas sobre mulher, feminilidade, beleza, saúde, namoro, casamento, solteirice, prazer, bem-estar.

Nessa perspectiva, a beleza foi pensada como sinônimo de civilidade, enquanto aspectos de feiura igualam-se à anormalidade<sup>169</sup>. As associações entre saúde e beleza foram transpostas à doença e fealdade. Porém, percebendo a historicidade das práticas publicitárias, assim como essas operaram no cotidiano dos indivíduos nessa época, a mulher aqui exposta já anunciava o prazer de estar consigo mesma, e a beleza, por sua vez, representou além, atestando os caminhos da sensualidade, da sociabilidade no espaço público, a exposição mais “liberada” da sua figura, percursos modernos do “ser/sentir-se mulher”.

Os anúncios publicitários incitaram os cuidados e destinavam-se ao corpo, este antes considerado um mistério. Na tarefa de abrir-se pelo “conhecimento”, sugerindo comportamentos e investidas no campo social desprovidas de ingenuidade, o corpo feminino foi destacado como centro de olhares, suscitando experiências de paquera, desejo, sensualidade e satisfação.

Ao mesmo tempo em que os atrativos visuais conferidos às mulheres, como nos anúncios do sabonete Gessy, remetem às virtudes da beleza, ao corpo saudável, também buscam incutir os benefícios e prazeres de uma “sociedade

---

<sup>168</sup> Em sua tese de doutorado sobre publicidade na *belle époque*, destacando a mídia impressa nos periódicos da cidade de Belém, Luiz César Silva dos Santos esclarece sobre o que vem a ser o uso dos clichês na prática da publicidade: “É possível propor que o uso repetitivo dos clichês, devia-se, não raro, às dificuldades relacionadas ao tempo e ao custo para produzir um novo clichê; assim, o próprio jornal tinha como estratégia o uso do mesmo clichê (imagem) na montagem do layout (arte) da peça publicitária (reclame ou anúncio) a ser impressa”. Cf. *publiCIDADE belle époque: a mídia impressa nos periódicos da cidade de Belém (1870-1912)*, p. 147.

<sup>169</sup> DIWAN, Pietra Stefania. Do feio ao belo: os caminhos da desumanização. *Projeto História* (Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP), São Paulo, n. 5 (Corpo & Cultura), p. 423-429, 2002.

jovem”, imersos num universo de felicidade inabaláveis. A saúde é tendenciosamente confundida com a juventude, esquecendo-se que a velhice é um estágio normal da vida. Contudo, esse discurso resguarda uma contradição: a doença também seria uma reação dentro dos padrões normativos do corpo, pois tal reação fisiológica a determinadas ações do meio nada mais é que uma “norma biológica”<sup>170</sup>, ou seja, a doença surge como uma contrarresposta do corpo e diversifica as leis e os acontecimentos que gerem esse corpo. É legítima ao ser humano a possibilidade de abusar da saúde.

O corpo, inscrito visualmente, numa linguagem não verbal entre aspectos de doença ou saúde, beleza ou fealdade, dor ou felicidade, precisa ser revisto além de tais aspectos, como se estivéssemos diante de um espelho, para que se enxergue o mesmo corpo.

---

<sup>170</sup> Tendo como suporte os estudos de Georges Canguilhem sobre os aspectos normativos e patológicos do corpo, as discussões no âmbito da Medicina debatem a doença e a saúde em parâmetros filosóficos. É possível que, dentro de um contexto sobre os discursos que desqualificam o corpo doente, a doença, segundo o referido autor, possa sugerir também aspectos benéficos, pois gozar de boa saúde significa estar doente e poder se recuperar. Assim, o corpo pode mostrar seu preparo e força em aspectos normais. Em suas palavras: “Se há inflamação, é porque a defesa antifecciosa é, ao mesmo tempo, surpreendida e mobilizada. Estar em boa saúde é poder cair doente e se recuperar; é um luxo biológico. Não é tanto da doença propriamente dita que se cuida, mas, sobretudo, das doenças que podem sobreviver à primeira, pois há uma precipitação de doenças, mais do que uma complicação da doença. Cada doença reduz o poder de enfrentar as outras, gasta o seguro biológico inicial sem o qual não haveria nem mesmo vida”. Cf. *O normal e o patológico*, p. 160.

## **CAPÍTULO V**

### **PURGATÓRIOS DO CORPO: DOR E FELICIDADE**

#### **5.1 Imagens da dor: desumanização das aparências**

#### **5.2 Imagens da felicidade e seus imperativos**

Propõe-se, neste capítulo, pensar uma história das sensibilidades situada entre a dor e a felicidade, investigando como os corpos reagiram aos “purgatórios” característicos dos períodos considerados doentios, às tramas íntimas, assim como aos imperativos de felicidade legislados pelo mundo moderno, por meio de anúncios publicitários com ilustrações veiculados na cidade de Fortaleza nas primeiras décadas do século XX.

*“Estou em meu corpo e não posso deixá-lo”.*

(ALAIN CORBIN)

## 5.1 Imagens da dor: desumanização das aparências

A dor parece ter fundamento social e cultural, ser subjetiva, podendo ser percebida como um fenômeno existencial, além de fisiológico. Nesse processo, subjetivo e cultural, foram desumanizadas as aparências, por meio da representação dos sofrimentos fisiológicos e psíquicos, a cura e a promessa de sanar o “mal-estar” de não ter um corpo saudável, belo e feliz.

A dor pode ser pensada como fenômeno sociocultural, supondo o corpo – interlocutor maior nesse fenômeno – como fabricado, produzido, politizado, em cultura e sociedade.

A *Internacional Association for Study of Pain (IASP)* define a dor como “uma experiência sensorial e emocional desagradável, que é associada ou descrita em termos de lesões teciduais”<sup>171</sup>.

O corpo, permeando as dimensões entre a natureza e a cultura, entre o indivíduo e a sociedade, acaba por criar elementos de subjetividade fabricada e modelada no trato social<sup>172</sup>. É a percepção da dor como um “escudo” do corpo que se revolta, nem que seja por meio da doença.

Comparando a arte de legislar com a Medicina, Jeremy Bentham, por meio de estudos que contextualizaram um pensamento filosófico-natural de sua época, descreveu:

A medicina é um instrumento para eliminar a dor, legislar corretamente, é um instrumento para eliminar as dores das pessoas; para ambas, o valor de sua utilidade está na quantidade de dor que elas

---

<sup>171</sup> Fonte: ASPIRINA. *História da dor*. São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.aspirina.com.br>>. Acesso em: 10 ago. 2012. Na linha do tempo do *site* da Aspirina, existem algumas informações sobre a origem do produto, sua comercialização e as estratégias de publicidade no Brasil, assim como um breve texto sobre a história da dor.

<sup>172</sup> GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely, *Micropolítica: cartografias do desejo*.



eliminaram ou evitaram menos as dores que elas produziram ou prazeres que excluíram<sup>173</sup>.

Valorizando os sentidos, é importante perceber a relevância dada aos sentimentos de prazer e dor, introjetando esses conceitos no mundo prático e real, analisando, em aspectos de governo, as práticas ou interesses que afetariam uma coletividade ou o indivíduo, segundo a apreciação desses elementos.

O século XX destacou o corpo como objeto de estudo. O entendimento do corpo percebido como um todo, analisado, privilegiado por várias áreas do saber humano. O inconsciente, a dor, o prazer, a angústia e o sofrimento propiciando entendimentos inéditos na Medicina, na Psicanálise.

A dor como sensibilidade do corpo geralmente foi representada pela Psicanálise como suplício do ser, não afetando apenas o local ou determinado membro, órgão. Na história, além de prever esse diálogo com a Medicina, a Psicanálise e a Filosofia, a dor é representada, sobretudo no corpo feminino, como momento de explicitação, sendo reservado às mulheres, em detrimento dos homens, esse espetáculo “*Salpêtrière*”<sup>174</sup>, seja na angústia, no aspecto físico, no luto ou até mesmo tangenciando o prazer.

---

<sup>173</sup> Em um artigo sobre como Jeremy Bentham, filósofo inglês (1748-1832), desenvolveu estudos em torno da tentativa de se medir as ações humanas, além do conhecido conceito de Panoptismo, Márcia Cristina Otaviani buscou desvendar a ideia de Ciência em torno desse projeto, aliado às leis e métodos da filosofia natural. Cf. Jeremy Bentham: prazer e dor - como mensurá-los? *História da Ciência e Ensino: construindo interfaces*, São Paulo, v. 1, p. 7-15, 2010.

<sup>174</sup> Hospital de Paris, do qual o renomado médico Jean-Martin Charcot foi diretor. Inicialmente pensado como fábrica de pólvora (daí deriva o nome em francês, *salpêtre*; em português, salitre, componente da pólvora), foi convertido em depósito de mendigos, loucos, doentes, epiléticos e marginais que perturbavam a ordem de Paris. Eventualmente, serviu como prisão para prostitutas, sendo que algumas foram lá assassinadas (provavelmente mulheres com doenças mentais). Desde a Revolução Francesa, foi transformado em asilo e hospital psiquiátrico para mulheres. Atualmente, tornou-se um hospital universitário, atendendo a todas as especialidades médicas.

Esses fatos refletem-se, inequivocamente, na formação do médico atual: ela é voltada, predominantemente, a equipá-lo, técnica e cientificamente, a ampliar a sua capacidade na “*objetivação da dor*”<sup>175</sup>.

Por culpa, na sociedade, é mais comum observar manifestações de dor do que de desejo. O corpo moderno precisava ser curado de qualquer mal que viesse a prejudicar suas funções numa sociedade do trabalho, capitalista: uma verdadeira invenção do corpo na modernidade.

Percebe-se a emergência de um novo processo conjuntural para o corpo, em que a saúde, os medicamentos e os alívios para novas e antigas dores podem transcender os aspectos corporais. A nova utopia do corpo é a saúde, lugar onde não se pode mais sentir dor.

A Medicina preventiva vai buscar e transferir desse corpo suas desordens fisiológicas. A doença não residirá mais no corpo, e a solidão, como mal do século, irá atenuar as questões existenciais, experimentando e inventando novos modelos de sensibilidade.

Para o pensamento cartesiano, o homem como ser que carregava consigo uma alma, uma verdade, exercia pelo poder do *cogito* uma legitimidade no pensar, no existir, tratando assim o corpo como matéria.

Por meio de metáforas para o corpo sofrido, percebeu-se a dor em suas diferentes abordagens, apenas sentida ou provocada. Mas o que haveria de social em um sentimento tão único, singular? Como perceber a experiência da dor dentro de um determinado grupo?

Nesses questionamentos, permite-se, mesmo sem elucidá-los por completo, interpretar a dor como uma experiência corpórea e sensorial, portanto social, ocidental, restrita e compartilhada, política, cultural. O ato de marcar, cicatrizar, “corrigir” o corpo sugere um conjunto de significados, uma iniciação social, uma penitência divina, estética, torturas, guerras, coerções. Inquietações

---

<sup>175</sup> FRANCO FILHO, Odilon de Mello. A civilização do mal-estar pela não felicidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 43, n. 2, p. 183-192, 2009.

do ser e do sentir. Politizar o corpo seria também perceber os instrumentos que emergem da dor como símbolos ou construções. A linguagem dos acontecimentos de guerra, no governo e na submissão dos corpos, no anseio de transformá-los, implica parcerias com o desenvolvimento técnico<sup>176</sup>.

A consciência do sofrimento que se acumula em um elenco seletivo de guerras travadas em terras distantes é algo construído. Sobretudo na forma como as câmeras registram, o sofrimento explode, é compartilhado por muita gente e depois desaparece de vista<sup>177</sup>.

Vale notar que o sofrimento na guerra é singular, adquirindo uma notoriedade visual por meio de câmeras destinadas a todos os tipos de públicos e podendo “ferir” mais fundo, mesmo que por alguns instantes. São imagens de dor em corpos compartilhados que, ao longo dos tempos, vão resignificando seu poder de chocar, sensibilizar, mas que dependem, sobretudo, da forma como são percebidas.

Sobre a dor dos corpos na contemporaneidade, as inquietações e os desgostos com a aparência implicam sofrimento em prol de certo tipo de corpo, o qual passa a ser objeto de um *design epidérmico*, e o reconhecimento do olhar alheio é essencial na definição do que se verdadeiramente é<sup>178</sup>. Portanto, a busca por novas técnicas na gestão de si vem afetando as subjetividades. São proclamados defeitos, ao passo que a solução já vem a serviço, no mesmo pacote.

Assim, a “naturalização” da dor, no horror das guerras tanto quanto nos processos de intervenção anestésica, estética, e o incentivo maciço do uso de remédios para beleza ou simplesmente sacrifícios em prol do corpo perfeito atenderam a requisitos e subjetividades de cada época.

<sup>176</sup> KOZAK, Cláudia. Marguerit Duras: el cuerpo del dolor. *Artefacto*: pensamientos sobre la técnica, Buenos Aires, 1998. Disponível em: <[http://www.revista-artefacto.com.ar/pdf\\_notas/141.pdf](http://www.revista-artefacto.com.ar/pdf_notas/141.pdf)>. Acesso em: 10 ago. 2012.

<sup>177</sup> SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 21.

<sup>178</sup> SIBILIA, Paula. Em busca da felicidade lipoaspirada: agruras da imperfeição carnal sob a moral da boa forma. In: FREIRE FILHO, João (Org.). *Ser feliz hoje*: reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2010. p. 195-212.

A Medicina e o Direito, por exemplo, imprimiram a formação do século XIX, apreendidos por uma linguagem, qual seja a dos processos ou relatórios médicos.

Vivemos em uma *cultura da analgesia*. A procura de prazer cria projetos explícitos, não de se minimizar a dor, mas de se abolir a dor em todos os níveis em que ela possa aparecer. Talvez nunca a intolerância à dor tenha sido tão evidente. E o curioso: a dor é “atacada” numa perspectiva de ação religiosa, como um ato de *exorcismo* com o qual as pessoas tentam se defender das forças demoníacas que as assaltam<sup>179</sup>.

Em Fortaleza, em meados do século XX, gerida por ideias de modernidade, as campanhas em torno do “bem-estar”, assim como de comportamentos assépticos, destacavam, por meio da campanha publicitária, um outro lado da moeda: o lugar da dor, sendo essa percebida e interpretada como estorvo, feiura, demência, ausência de força, disposição para o trabalho e “infelicidade” nas famílias.

Na publicidade, os discursos demonstraram recursos de um biopoder instaurado, capaz de diagnosticar corpos doentes ou sãos, além de emitir conceitos de saúde, reinventando as estratégias, bem como os modos de intervenção. Os recursos visuais, por meio de ilustrações, assim como os discursos cientificizados, são elementos importantes desse processo.

Cumprе ressaltar que as doenças, desde a Idade Média, eram consideradas como desregramentos do corpo; já na modernidade, os homens e seus corpos estavam submetidos a controles/regras sociais e ao máximo da alusão a não “cometerem” doenças<sup>180</sup>.

A imagem traz os contornos do corpo feminino como forma de esboço artístico que lembra algumas pinturas ou esculturas. Mostra uma expressão de intenso sofrimento e desespero, aspectos infligidos à mulher como depositária

---

<sup>179</sup> FRANCO FILHO, Odilon de Mello. A civilização do mal-estar pela não felicidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 43, n. 2, p. 188.

<sup>180</sup> ALMEIDA, Miguel Vale de. Manifesto do corpo. *Revista Manifesto*, [S.l.], v. 5, p. 17-35, 2004, p. 23.

de males oriundos da dor e de moléstias internas. O diálogo presente também faz perceber a importância da interferência médica para alívio imediato da dor, destacando os procedimentos “terapêuticos”, além da importância do saber médico como mediador nesse processo de análise-intervenção-cura nos estados patológico e doloroso.

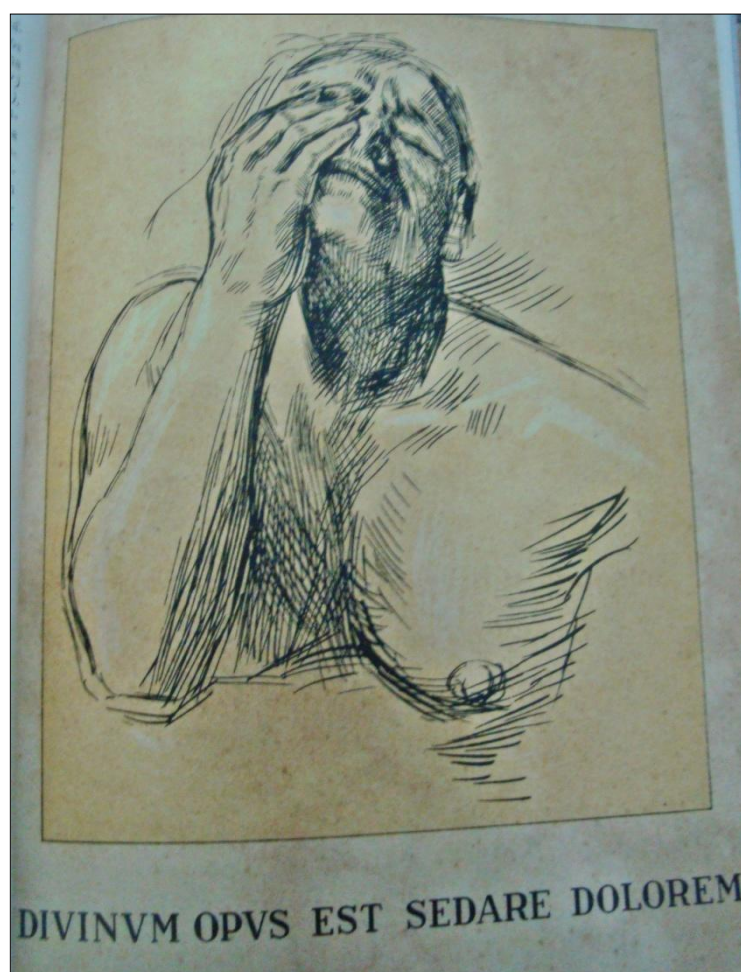


Ilustração 52: Anúncio de Pathergex.

Fonte: Revista O Hospital (1934/1939).

[“*Pathergex: Teraupêtica da dor pelas injeções intradérmicas de histamina. Para reumatismos crônicos, mialgias, nevralgias, plexalgias, no trajeto da dor... DIVINVM OPVS EST SEDARE DOLOREM – CURAR A DOR É UM ATO DIVINO.*”]

Na Grécia da época de Hipócrates, acreditava-se que fatores como o clima, o ambiente, a dieta e o trabalho poderiam provocar o desequilíbrio dos humores (sangue, flegma, bile amarela e bile negra), causando doenças. Cabia, então, ao médico, prestar assistência ao doente e utilizar produtos naturais e ópio

para o alívio da dor. Sob a frase de Hipócrates, “curar a dor é um ato divino”, transcrita na ilustração acima, do já citado anúncio de Pathergex, destaca-se a importância e a valorização do saber médico nos cuidados com a dor.



Ilustração 53: Anúncio de Cafiaspirina.  
Fonte: Jornal Gazeta de Notícias (1928).

Carregando a intenção na venda do produto, a imagem acima se utiliza da expressão feminina que remonta à enxaqueca, intensas dores de cabeça “naturalizadas” como um mal feminino. Mesmo a moça jovem pode tornar-se abatida, sem ânimo perante esse estado. Expressão chorosa, músculos da face contraídos, mau humor, tristeza, aspectos que irradiavam na casa, na família e nas relações pessoais em geral.

No final da Primeira Guerra Mundial, em meados de 1918, a Bayer patenteou a marca Aspirina nos Estados Unidos. A Aspirina e a Cafiaspirina encontravam-se estampadas em todas as revistas e jornais, um grande investimento em publicidade que tornou a Bayer uma empresa “brasileira” com estratégias de publicidade que se aproximavam da cultura e da “identidade” nacional. Até meados de 1943, a empresa foi uma das maiores anunciantes no Brasil.

Os anúncios da Cafiaspirina – que apresentam unidade conceitual e visual, característica incomum na criação publicitária da época [...] fazem referência a dois tipos de Brasil: um agrário, afeito à medicina popular – empírica e crédula –, e outro, no início da industrialização, que valoriza a medicina científica. Trata-se do início de uma transição nos cuidados com o corpo: a crença na sujeição do corpo à doença será paulatinamente afetada pela ideia de que a ciência pode controlar a doença e salvar o corpo<sup>181</sup>.

Na publicidade, a apresentação dos elementos de dor e sofrimento surtiram efeitos de convencimento para a compra do produto. A cura para dor ou para o corpo doente é diretamente proporcional ao alcance de um estado de felicidade, felicidade essa livre do “mal-estar”, embora nem sempre tão explicitada. Portanto, na publicidade que segue os primeiros anos do século XX, encontra-se um verdadeiro cortejo de seres sofredores<sup>182</sup>, destacando, nesse período, os elementos patológicos de padecimento, desânimo e tristeza como finalidade da compra e eterna prevenção desses males. São descrições científicas sobre o corpo adquirindo um caráter pedagógico, do “como fazer” ou “o que usar”, sobressaindo à figura do médico, bem como aos componentes químicos e efeitos dos remédios.

---

<sup>181</sup> LUCAS, Luciane; HOFF, Tânia. Da ortopedia ao controle do corpo: o discurso da saúde na publicidade. *Dossiê*, São Paulo, v. 3 (Comunicação, Mídia e Consumo), p. 81-103, 2006, p. 96.

<sup>182</sup> SANT’ANNA, Denise Bernuzzi. Uma história da construção do direito à felicidade no Brasil. In: FREIRE FILHO, João (Org.). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2010. p. 181-193.

Nesse sentido, longas descrições da dor e representações de imagens sofridas foram testemunhos das doenças que precisavam de cura.

Além disso, são percebidas, no decorrer do século XX, ideias que visavam a “aprimorar” o desempenho tanto nos esportes, no trabalho e na vida doméstica, como no âmbito das pesquisas históricas, científicas e estéticas. A expectativa de saúde plena tentava superar a questão da dor fisiológica, fruto das intervenções anestésicas; por outro lado, a Psicanálise passou a tratar as “dores da alma”, um entre-lugar entre o corpo e o espírito.

A percepção que se teve e que se tem sobre o corpo é de que o mesmo é uma promessa, sempre em vista de melhoramentos, intervenções, correções, reinvenções. Supliciado às vezes, em nome de um culto pelas aparências, fonte inesgotável de inquietação e desgosto<sup>183</sup>. Avultado pela publicidade e pelo consumo, assim como pelo próprio desejo, servira de modelo, obedecendo a determinados padrões trabalhados em sua visualidade, em seus discursos.

Para as mulheres, historicamente, a convivência com a dor ou com demais aspectos patológicos, por sua vez, sempre foi associada aos estados mentais, humores, transformações que vinham “de dentro pra fora”, estendendo-se a “desarmonia natural” da essência feminina e da vida doméstica. As mulheres interditas pelo saber médico carregavam, em sua história corporal, expressões, relatos e relatórios que denotavam a “fragilidade” do seu corpo, sendo caracterizadas, assim, pelo martírio, pelos padecimentos, pelos sangramentos.

A ação de regular demonstra um efeito que põe em ordem, corrige, normaliza<sup>184</sup>. Na função que era comum dos reguladores femininos, a principal característica era a normatização dos estados hormonais, segundo o anúncio publicitário do Regulador Gesteira, a seguir.

---

<sup>183</sup> SIBILIA, Paula, Em busca da felicidade lipoaspirada: agruras da imperfeição carnal sob a moral da boa forma.

<sup>184</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. São Paulo: Positivo, 2004. Edição eletrônica.



## Os Nervos Pegando Fogo



Em muitos dias as mulheres amanhecem tristes, tão nervosas e desanimadas, tão aborrecidas, inquietas e irritadas que parece que todos os nervos estão pegando fogo!

Êstes sofrimentos intoleráveis dos nervos, e outras alterações mais graves da saúde, são causados por perturbações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Para tratar isto, use **Regulador Gesteira** sem demora.

**Regulador Gesteira** trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêsso, dôres e cólicas no ventre durante o período menstrual, as perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêsso, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

**Regulador Gesteira** trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes dessas inflamações.

Comece hoje mesmo  
a usar **Regulador Gesteira**

Ilustração 54: Anúncio do Regulador Gesteria.

Fonte: Jornal Diário do Ceará (1927).

[“Os Nervos Pegando Fogo. Em muitos dias as mulheres amanhecem tristes, tão nervosas e desanimadas, tão aborrecidas, inquietas e irritadas que parece que todos os nervos estão pegando fogo! Êstes sofrimentos intoleráveis dos nervos, e outras alterações mais graves da saúde, são causados por pertubações dos importantes órgãos útero-ovarianos. Para tratar isto, use Regulador Gesteria sem demora. Regulador Gesteria trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêsso, dôres, cólicas no ventre durante o período menstrual, as pertubações da mestruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêsso, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualuqer trabalho, cansaços e todas as perigosas alterações da saúde causadas pelos congestões e inflamações do útero. Regulador Gesteria trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes dessas inflamações. Comece hoje mesmo a usar Regulador Gesteria.”]

A característica do anúncio do Regulador Gesteria reside na densa descrição, num primeiro momento, acerca dos males do corpo feminino oriundos dos “nervos”, enfatizando as alterações de humor. A mulher nervosa, ideia “científica” iniciada no século XIX, aprisionada dentro de seu próprio corpo, impotente e desacreditada para administrar a casa, os filhos, a família, o trabalho, tornou-se fruto de lascivas perturbações nervosas.

O anúncio, apesar de ilustrar com uma figura pequena a expressão feminina, o faz com a imagem que, por vezes, tornou-se comum representar: mulheres feias, abatidas, fracas e infelizes serviam como elementos de uma pedagogia do medo<sup>185</sup>, no sentido de impactar as leitoras na manutenção ou cura rápida.

Por sua vez, o anúncio do remédio *Ventre-Livre*, reproduzido na Ilustração 55, a seguir, apresenta apenas uma densa e crua descrição acerca de alguns órgãos internos, ressaltando os males que determinadas impurezas e infecções podem causar no desempenho das atividades do corpo. Existe, em um primeiro momento, uma sequência que serve como alerta, em tom dramático, para somente depois incentivar o uso do produto em tom imperativo, expondo todos os benefícios da fórmula.

---

<sup>185</sup> SANTOS, Chislene Carvalho. História e propaganda: análise de corpos femininos em imagens publicitárias na década de 20. *Revista História Hoje*, São Paulo, v. 3, n. 9, abr. 2006, p. 22.

# Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os medicos conhecem e confirmam:  
Dentro do estomago e intestinos há sempre impurezas e substancias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações toxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando dôr de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, colicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa de estomago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ansias e vontade de vomitar, biliosidade, arrotos, mau gosto na boca, indigestão, muita sede e quentura na garganta, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, lingua suja, mau halito, certas coceiras e irritações da pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolencia e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar estes males use **VENTRE-LIVRE**, remedio serio e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequencias.

**VENTRE-LIVRE** estimula, tonifica o estomago e intestinos e os limpa das impurezas, substancias infectadas e fermentações toxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **VENTRE-LIVRE**

\* \* \*

**LEMBRE-SE SEMPRE:**

**VENTRE-LIVRE não é purgante**

\* \* \*


Tenha sempre em casa  
**VENTRE-LIVRE**

Ilustração 55: Anúncio do Ventre-Livre.

Fonte: Jornal Diário do Ceará (1927).

*[Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substancias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações toxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo organismo, causando dôr de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, colicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa de estomago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ansias e vontade de vomitar, biliosidade, arrotos, mau gosto na boca, indigestão, muita sede e quentura na garganta, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, lingua suja, mau hálito, certas coceiras e irritações da pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolencia e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado. Para evitar e tratar estes males use VENTRE-LIVRE, remedio serio e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequencias. VENTRE-LIVRE estimula, tonifica o estomago e intestinos e os limpa das impurezas, substancias infectadas e fermentações toxicas e assim evita e trata tão penosos sofrimentos. Use VENTRE-LIVRE. LEMBRE-SE SEMPRE: VENTRE-LIVRE não é purgante. Tenha sempre em casa VENTRE-LIVRE.]*

**Até o Gênio!**  
**Uma Calamidade!**



Muitas mulheres sofrem de moléstias que fazem da vida um verdadeiro inferno.

Uma Calamidade!

Em certas doenças, até o Gênio da Mulher pode ficar alterado e ela, de alegre e bem disposta que era, passa a ser triste, aborrecida, desanimada, sem vontade nenhuma de trabalhar e zangando-se facilmente pelas cousas mais insignificantes.

Um martírio!

Para tratar êstes padecimentos, consequências do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, use **Regulador Gesteira**.

**Regulador Gesteira** é o tratamento indicado.

**REGULADOR GESTEIRA** é o Remédio de Confiança para tratar inflamação do Útero, o Catarro do Útero causado pela inflamação, Debilidade, Palidez e Perturbações nervosas provocadas pelo mau funcionamento dos órgãos Útero-ovarianos, a Pouca Menstruação, as Dôres e Cólicas do Útero e Ovários, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, as Dôres da Menstruação e as irritações causadas pelo peso do Útero congestionado.

Comece hoje mesmo a usar **Regulador Gesteira**

Ilustração 56: Anúncio do Regulador Gesteira.

Fonte: Jornal Diário do Ceará (1927).

*[Até o Gênio! Uma Calamidade! Muitas mulheres sofrem de moléstias que fazem da vida um verdadeiro inferno. Uma Calamidade! Em certas doenças, até o Gênio da Mulher pode ficar alterado e ela, de alegre e bem disposta que era, passa a ser triste, aborrecida, desanimada, sem vontade nenhuma de trabalhar e zangando-se facilmente pelas cousas mais insignificantes. Um martírio! Para tratar êstes padecimentos, consequências do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, use Regulador Gesteira.]*

As imagens e o discurso trazidos pelo anúncio do Regulador Gesteira, além de apresentar uma biologização das ações femininas, mediante intensa descrição dos estados internos do corpo, trazia imagens de mulheres sérias, infelizes, preocupadas com a “calamidade” do sentir-se assim, mulheres jovens e mais experientes.

Destacando o “gênio” feminino, sua índole ou temperamento afetado pelos estados hormonais, a dor feminina confundiu-se com uma sensação física

e emocional, ideias bem próximas do que usualmente se pensou sobre a histeria<sup>186</sup>. Relacionando comportamento e corpo, os elementos desse discurso utilizavam argumentos a fim de estabelecer o que é “ser mulher”, destacando o útero como centro de tudo. A representação feminina imposta pela publicidade nesse período é a própria imagem do sofrimento, alertando para o uso do Regulador Gesteira no combate a todos os problemas da vida da mulher que “sofre mais que o homem”.

O discurso em questão, bastante influenciado pelas ideias de contenção da sexualidade feminina difundidas pela Psiquiatria, pela Medicina Legal e pelos higienistas, opera em benefício de certo controle, na eterna cruzada ao “sul do corpo”. A sexualidade, dotada de uma instrumentabilidade<sup>187</sup> nas relações de poder, foi percebida como um viés de alcance na produção de subjetividades femininas, incitamento de desejos, e o arrolamento de uma gama de saberes proporcionou um adestramento do corpo, na dimensão do sentido e vivido. O sofrimento íntimo concebido como a manifestação de um “corpo estranho” dentro de si faz alusão não apenas à intimidade do corpo, mas também à intimidade da vida privada, em que a mulher podia fazer-se centro de atenções também pelos seus mal-estares ou perturbações<sup>188</sup>.

As doutrinas sobre o feminino, assentadas numa base psicanalítica, construíram uma essência feminina “passiva e masoquista”, atrelando as ideias de sacrifício e culpabilização ao sentimento da dor. A reprodução de discursos médicos é dotada de uma submissão que alude à mulher a capacidade de suportar sofrimentos e até, muitas vezes, de transformá-los em prazer<sup>189</sup>.

---

<sup>186</sup> SILVA, Paulo José Carvalho. Uma história da noção de dor em Freud. *Latin-American Journal of Fundamental Psychopathology Online*, [S.l.], ano IV, n. 1, p. 46-69, maio 2007.

<sup>187</sup> FOUCAULT, Michel, *História da sexualidade*, v. 1 (A vontade de saber).

<sup>188</sup> CORBIN, Alain. Gritos e cochichos. In: ARIËS, Philippe; DUBY, Georges (Org.). *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 525-572.

<sup>189</sup> NUNES, Silvia Alexim. *O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha: um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 96.

**DÔRES**  
*na*  
**CINTURA**  
*Quando me verei livre dessas DÔRES?*

O tormento das Dôres na Cintura, do Reumatismo, da sensação de "envelhecimento", das dôres nas juntas, é devido exclusivamente ao funcionamento anormal dos rins. É importante conservar os rins em perfeito estado de funcionamento e combater imediatamente quaisquer sintomas de alteração do mesmo. Todo adiamento é perigoso. Os rins executam o trabalho importantíssimo de reter por filtração as substâncias nocivas ao organismo. Dia e noite se produzem elementos como ácido urico, bactérias vivas e mortas, células diversas bem como outros produtos que acarretariam rapidamente a vossa morte se lhes fosse permitido permanecer no vosso organismo. Cada articulação dos membros, cada movimento respiratório ou batimento cardíaco, mais ainda, cada pensamento e emoção concorrem para a produção desses tóxicos. Quando sãos, os rins filtram esses elementos nocivos e os eliminam do organismo, sob forma de urina. As Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga são fabricadas para o fim especial de ajudar os rins doentes. De modo brando mas seguro, elas tonificam os rins de tal maneira que estes possam executar o trabalho que a Natureza lhes confiou. Os tóxicos acumulados são filtrados e eliminados do organismo e novamente podereis desfrutar saúde e gozar a vida. Alterada a saúde dos Rins devido a causas como abalos, resfriamentos, manifestações secundárias da gripe ou outras doenças, surgem embaraços ao seu funcionamento e eles não mais conseguem eliminar todos os tóxicos. Estes tóxicos e principalmente o ácido urico, se acumulam nos músculos e nas juntas e são responsáveis pelas dôres intensas do reumatismo, pelo lumbago, pela prostração geral e pela sensação de "velhice". Os primeiros sintomas são em geral as torturantes dôres nas costas. Os rins estão então sobrecarregados e inflamados — e como consequência vos assaltam estas terríveis dôres nas costas. As Pilulas De Witt vão ter à sede de todos os vossos males — aos Rins. A sua ação é indicada e segura em todos os casos de:

**DÔRES NA CINTURA -  
REUMATISMO - LUMBAGO - DÔRES NAS  
COSTAS E JUNTAS  
ou de quaisquer  
IRREGULARIDADES  
URINARIAS**

**PARA OS RINS E A  
BEXIGA**  
**Pilulas De WITT**

O vidro grande de Pilulas De Witt, contendo duas vezes e meia a quantidade do tamanho pequeno, custa proporcionalmente muito menos.

Ilustração 57: Anúncio das Pilulas de Witt.


Fonte: Jornal Correio do Ceará (1932).

[DÔRES na CINTURA. Quando me verei livre dessas DÔRES? O tormento das Dôres na Cintura, do Reumatismo, da sensação de envelhecimento, das dôres nas juntas, é devido exclusivamente ao funcionamento anormal dos rins.]

A dor, assim como os elementos visuais a ela associados, trazia aspectos da vida cotidiana opostos ao bom desempenho social, familiar. Contrária à noção de juventude, a desumanização do corpo provoca imagens de estrago, negativas, ao passo que constrói uma retórica de reações e impressões, detalhando diferencialmente quem sofre, quem chora, provocando consternação, elementos postos, e apontando que, graças aos saberes médicos, esse “teatro” do sofrimento é ou poderá ser abolido.

## Mocinhas e Mulheres

*As congestões e inflamações de certos órgãos internos*



Certos órgãos internos das mulheres congestionam-se e inflamam-se com muita facilidade.

Para isto, basta um susto, um abalo forte, uma queda, uma raiva, uma comoção violenta, uma notícia má ou triste, molhar os pés, um resfriamento ou alguma imprudência.

Moléstias graves podem começar assim.

Justamente os órgãos mais importantes são os que se congestionam e inflamam mais depressa, sem que a mulher sinta nada no começo.

Nada sentindo no começo da congestão interna ou da inflamação, a mulher não se trata a tempo de evitar que a doença se agrave e vá piorando cada vez mais.

É esta a causa das moléstias mais perigosas!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use **Regulador Gesteira** sem demora.

**Regulador Gesteira** trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, peso no ventre, dores, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo provenientes do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

**Regulador Gesteira** trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo  
a usar **Regulador Gesteira**

Ilustração 58: Anúncio do Regulador Gesteira.

Fonte: Jornal Diário do Ceará (1927).

*[Mocinhas e Mulheres. As congestões e inflamações de certos órgãos internos. Certos órgãos internos das mulheres congestionam-se e inflamam-se com muita facilidade. Para isto, basta um susto, um abalo forte, uma queda, uma raiva, uma comoção violenta, uma notícia má ou triste, molhar os pés, um resfriamento ou alguma imprudência. Moléstias graves podem começar assim. Justamente os órgãos mais importantes são os que se congestionam e inflamam mais depressa, sem que a mulher sinta nada no começo. Nada sentindo no começo da congestão interna ou da inflamação, a mulher não se trata a tempo de evitar que a doença se agrave e vá piorando cada vez mais. É esta a causa das moléstias mais perigosas. Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use Regulador Gesteira sem demora. Regulador Gesteira trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, peso no ventre, dores, cólicas e períodos da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo provenientes do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, calor e dores de cabeça, enjôos, dores nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero].*

Por se tratar de dores oriundas de órgãos internos, esses sofrimentos íntimos eram difíceis de precisar. No corpo feminino, sob a égide de reações hormonais, essas decorrentes de *fortes abalos, sustos*, isso foi para a publicidade utilizada uma estratégia discursiva, falando, por inúmeras vezes, pelo sujeito.

Por meio de uma linguagem nada suave, percebem-se as associações a estados psicológicos: *tristezas súbitas, palpitações, falta de ânimo*, características que denotavam outros tipos de dores: a dor do ser, a dor na alma – feminina.

Assim, se para os médicos do século XIX e seus seguidores as recomendações de banhos e massagens faziam parte do processo de cura, neste século XX, o uso de reguladores, cosméticos e afins, instrumentos oriundos de um saber científico-farmacêutico, certamente alcançaria maiores êxitos. Já as prisões ou instituições correcionais, psiquiátricas, também se reinventaram, sendo substituídas pelos próprios lares, as obrigações domésticas como “terapia”.

Alguns sentimentos têm múltiplos aspectos. Sentimentos como a solidão, a dor nostálgica, o remorso e a saudade estreitam uma relação geral com a dor, porém particularizam os aspectos femininos na subjetivação desse sentir.

A dor é explicitada pelo pranto, que está associado ao martírio; na paixão, o pranto é garantia de sua sinceridade. O chorar acrescido à queixa pode provocar piedade por parte de quem ouve e com isso conquistar apoio social. A confissão e a publicidade da dor reafirmam a sinceridade dos sentimentos, mas também mostram as dúvidas que pairam sobre eles<sup>190</sup>.

---

<sup>190</sup> MATOS, Maria Izilda Santos de, *Âncora de emoções: corpos, subjetividades e sensibilidades*, p. 125-126.



A dor e suas construções subjetivas, mesmo partindo de experiências individuais, perpassam significados construídos no coletivo, em sociedade. A dor, assim como outras formas de introspecção, demonstra aparatos de algumas sensibilidades íntimas, o existencialismo ou a experiência com o pranto<sup>191</sup>.

Uma cartografia emocional pode ser traçada por meio das experiências da dor. Assim como o derramamento de lágrimas, a dor pode ser interpretada como um complexo conjunto de regras não ditas, interditas, representadas pela arte ou pela publicidade, orientadas pelas relações consigo e com o outro.

---

<sup>191</sup> VICENTE-BUFFAULT, Anne. *História das lágrimas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

## 5.2 Imagens da felicidade e seus imperativos

A felicidade, apesar de ser um tema que a Psicanálise se encarregou de discutir e orientar seus rumos, pode ser pensada como uma forma de “governar” os desejos, seja por interesses pessoais ou coletivos.

A felicidade esteve cada vez mais associada ao consumo, ao saber médico-científico. As técnicas de elevação desse patrimônio moral, reforçadas pela publicidade, e o “mal-estar” por não ser feliz, compõem uma dimensão do mundo moderno, inserida numa cultura terapêutica<sup>192</sup>, um pêndulo de oscilação entre a felicidade e o cuidado com o sofrimento.

No mundo contemporâneo, fala-se em “gestão emocional”, atitude que pretende não moderar a busca pela felicidade, por meio de mantras e *performances*. Difícil é competir com tais pessoas imersas num importante processo de subjetivação<sup>193</sup>.

O *self-government* dos corpos dialoga com discursos que buscam legitimar a felicidade. A percepção de elaborações médico-científicas configura roteiros na tentativa de historicizar esse tema, pois, ao passo em que os vínculos com as possibilidades de felicidade estabelecem-se com as questões íntimas, do ser, o ambiente público também desperta o diálogo sobre as inquietações do homem moderno, seus desejos por transformação, caminhos para um “bem-estar” coletivo e individual.

A busca pela felicidade é posta como “inerente” ao ser humano; daí esse objetivo tender a evitar as tensões de dor e sofrimento, admitindo apenas sensações de prazer. A felicidade é complexa e ambivalente, ou seja, atribui

---

<sup>192</sup> VAZ, Paulo. A vida feliz das vítimas. In: FREIRE FILHO, João (Org.). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2010. p. 135-164.

<sup>193</sup> FREIRE FILHO, João. A felicidade na era de sua reprodutibilidade científica: construindo pessoas cronicamente felizes. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2010. p. 49-82.

outras percepções que incluem a dor como “aliada”, como, por exemplo, na religião, com os jejuns, penitências e castigos, ou até mesmo no parto, quando a mulher “prova”, por meio de seu sofrimento, uma “capacidade”<sup>194</sup> de ser mãe.

As perspectivas das formas de consumo moderno contribuíram para pensar uma sociedade hedonista e movida por práticas de consumo estético, simbólico, na qual a valorização das características do produto passa a ser maior do que a sua própria funcionalidade.

Nesse sentido, consumiram-se imagens e mensagens de felicidade, valorizando a construção de identidades para esse homem moderno, ficando evidente que, nos meados do século XX, novas experiências na forma de conceber o mundo, profundamente ligadas à lógica do consumo capitalista, ressaltaram dimensões da representação, do simbólico, sob a cultura publicitária e de consumo.

Para a Psicanálise, a condição de ser feliz torna-se restrita devido ao convívio com os seres humanos, e daí emerge a culpa, sintomas antagônicos que impedem esse projeto<sup>195</sup>.

Recorrendo à Filosofia, é possível perceber as várias associações e percepções sobre os diferentes estados de felicidade para o homem. Aristóteles pensou a felicidade como atributos interiores e exteriores, como ter virtudes e atitudes virtuosas:

Podemos definir a felicidade como a associação entre a prosperidade e a virtude; ou como a independência da vida; ou como a garantia do desfrute máximo do prazer. Ou como boa condição de propriedade e do corpo, junto como o poder de proteger a propriedade do corpo e de fazer bom uso deles. Praticamente todos concordam que a felicidade é uma ou mais entre essas coisas. Dessa definição de felicidade retira-se que suas partes constituintes são: bom berço, grande número de

---

<sup>194</sup> O termo “capacidade” foi usado no texto, a partir dos significados atribuídos a se ter um parto normal – com dor – em nossa sociedade, como sentido de bravura, de ser mulher. Para muitas, a possibilidade de vivenciar esse processo é imerso num sentimento de felicidade.

<sup>195</sup> Os estudos de Freud sobre Psicanálise foram elaborados no início do século XX. Portanto, trataram de analisar e compreender o comportamento, a civilização moderna. Ver FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira de obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 21, p. 67-73.

amizades, bons amigos, riqueza, bons filhos, quantidade de filhos, uma velhice feliz e também excelências corporais como saúde, beleza, força, grande estatura, potência atlética, junto com fama, honra, sorte e virtude. É impossível ao homem não ser completamente independente se possuir esses bens internos e externos; além deles há outros. (Os bens do espírito e do corpo são internos. Bom berço, amigos, dinheiro e honra são externos). Achamos, também, que ele deve possuir recursos e sorte, para tornar sua vida realmente segura<sup>196</sup>.

O filósofo mantinha uma concepção de felicidade arraigada ao complexo sistema sociocultural do mundo antigo, talvez uma primeira reflexão pela busca interna da felicidade, privilegiando o espírito e, conseqüentemente, o corpo.

Ainda na Filosofia, para os epicuristas, a felicidade constituía-se centrada na ausência de dor física e na elevação do prazer. Sanidade do corpo e serenidade na alma.

É importante destacar que os novos modos de compreender e imprimir formas de agir perante os ideais de felicidade esteve relacionada às expectativas de vida das pessoas, ao seu bem estar, criando-se um hedonismo e leis de disponibilidade – partindo do pressuposto de que quanto mais se pode consumir, mais se é feliz.

A publicidade funciona como dispositivo, pois, ao criar certas “necessidades”, por meio de imagens e discursos, sua função última seria um desejo demasiadamente humano<sup>197</sup>.

As ilustrações que seguem não indicam, nesta análise, o aprofundamento nas marcas ou produtos apresentados, mas dialogam como fontes históricas, produzidas em determinado tempo, obedecendo a específicos interesses em comum ou divergentes, na construção de um ideal imperativo de felicidade feminina e dos diferentes sentidos para a mesma, o que abrange algumas categorias que relacionam o corpo com a casa e as relações afetivas e conjugais.

---

<sup>196</sup> ARISTÓTELES. *Metafísica; Ética à Nicômano; Poética*. São Paulo: Civita, 1984.

<sup>197</sup> Ver AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009. Pp. 44.

Destaca-se, assim, a publicidade como um forte produtor cultural. Dessa forma, os profissionais da publicidade não eram simples intermediários culturais<sup>198</sup>, que, por meio da linguagem e da imagem, transmitiam ou apresentavam ideias de felicidade, fazendo do consumo o seu eixo central<sup>199</sup>. Eles o fazem sim, no entanto, esse consumo não é passivo e contempla os deslocamentos dos desejos e a sedução na qual os sujeitos permanecem envolvidos. A “produção” sugere resignificar esse processo descontínuo.

O anúncio reproduzido na Ilustração 59, a seguir, sugere um tônico para o esgotamento nervoso, aplicando-se, portanto, à categoria de medicamentos. A promessa de cura para os “problemas de nervos” tencionava as atitudes da mulher “geniosa”, ameaçando a prática cuidadosa feminina em relação ao outro, sua índole “natural”.

O referido anúncio foi construído sobre a ideia de infelicidade e o alerta categórico para o perigo da mulher “geniosa”, logo, adverte cuidados. A estratégia discursiva remete à imagem “ameaçadora” de impacto, interpelando o consumidor diretamente. O mau humor, a tensão e o “esgotamento nervoso” personificam, por meio da imagem, o perigo do “lar infeliz”.

---

<sup>198</sup> Categoria descrita por Pierre Bourdieu, em que se incluem os profissionais de *marketing*, relações públicas, publicidade, produtores e apresentadores de programas de rádio e televisão, jornalistas, profissionais ligados à moda e às atividades de caráter assistencial que promovem e transmitem o estilo de vida dos intelectuais a um público mais amplo. Cf. *O poder simbólico*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

<sup>199</sup> CARVALHO, Camila da Silva. *O consumo e a representação da felicidade em 40 anos de propaganda brasileira*. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

**MULHER GENIOSA...  
LAR INFELIZ...**

*pode ser a consequência  
do esgotamento nervoso*

Não se entregue  
ao desespero...  
Combata as crises  
de nervos  
que ameaçam  
sua felicidade,  
fortifique o cé-  
rebro, recupere  
as energias, dê  
vitalidade ao seu  
organismo, com  
Neuro Fosfato  
Eskay, à base de  
Cálcio e Fósforo.



**NEURO FOSFATO  
ESKAY**



★  
O TÔNICO DOS  
QUE USAM O  
CÉREBRO

Ilustração 59: Anúncio do Neuro Fosfato Eskay.

Fonte: Revista O Cruzeiro (1930).

*[MULHER GENIOSA... LAR INFELIZ... pode ser a consequência do esgotamento nervoso. Não se entregue ao desespero... Combata as crises de nervos que ameaçam sua felicidade, fortifique o cérebro, recupere as energias, dê vitalidade ao seu organismo com Neuro Fosfato Eskay, à base de cálcio e fósforo. NEURO FOSFATO ESKAY. O TÔNICO DOS QUE USAM O CÉREBRO.]*

Nestes anúncios de Palmolive, a seguir, a categoria é o corpo e as relações afetivas, conjugais. Os sorrisos e o ambiente de felicidade sugerem romantismo, e o anúncio é baseado na sedução entre homens e mulheres.

OS MÉDICOS PROVAM:

## 2 de cada 3 mulheres podem ter

# Uma cutis mais linda em 14 dias!

**VOCÊ TAMBÉM pode obter em 14 dias estes benefícios para sua pele!**

- Menos poros...
- Poros mais finos...
- Clor mais sadio...
- Mais macia...
- Menos sardas...
- Menos olheiras...
- Mais jovem e mais bonita...

**PALMOLIVE EMBELEZA DA CABEÇA AOS PÉS**

Cursos Palmolive no Brasil: Teresopolis e São Paulo em 1940. São Paulo, 1940.

Ilustração 60: Anúncio de Palmolive.  
 Fonte: Revista O Cruzeiro (1940).  
 [OS MÉDICOS PROVAM: 2 de cada 3 mulheres podem ter Uma cutis mais linda em 14 dias!]

PROVAM OS MÉDICOS:

## 2 entre 3 mulheres

# podem ter

# Cutis Linda em 14 dias!

**VOCÊ TAMBÉM pode obter em 14 Dias estes benefícios para a sua pele!**

- Menos poros...
- Poros mais finos...
- Clor mais sadio...
- Mais macia...
- Menos sardas...
- Menos olheiras...
- Mais jovem e mais bonita...

**PALMOLIVE EMBELEZA DA CABEÇA AOS PÉS**

Cursos Palmolive no Brasil: Teresopolis e São Paulo em 1940. São Paulo, 1940.

Ilustração 61: Anúncio de Palmolive.  
 Fonte: Revista O Cruzeiro (1940).  
 [OS MÉDICOS PROVAM: 2 de cada 3 mulheres podem ter Cutis Linda em 14 dias!]

As ilustrações desses anúncios têm como estratégia unir os aspectos da boa aparência feminina, como é o caso da “*cutis*”, com a conquista admirável, sedutora<sup>200</sup>. O desempenho dos personagens sugere enlaces afetivos. A representação feminina relaciona a felicidade com a beleza e a jovialidade, tendo como finalidade a apreciação masculina.

Seguindo a promessa de uma “*cutis mais linda em 14 dias*”, os anúncios destacam a economia do tempo feminino atestada pela *aprovação* do médico, figura pequena no canto esquerdo do anúncio. A constatação médica de que “2 *entre 3 mulheres*” podem ter a pele mais bonita seduz o consumidor a possuir determinado produto, elementos característicos de um discurso publicitário.

Percebe-se que a circulação dos discursos médicos, publicitários, assépticos, articulados com instituições como a família, o Estado e a escola, opera tanto na transmissão de informações como na “educação” dos desejos e subjetividades. Os processos de construção histórica dos usos dos corpos inscrevem-se na tentativa de justificá-los.

Os cuidados com os elementos da casa constituem a categoria do anúncio seguinte, do Corante Guarany.

---

<sup>200</sup> MATOS, Maria Izilda Santos. Cabelo, barba e bigode: masculinidades, corpos e subjetividades. *Locus - Revista de História*, Juiz de Fora, v. 17, n. 2, p. 125-143, 2011.



"Temos uma caixa de surpresas para fazer **VESTIDOS NOVOS!**"

"Esta é a minha mais sensacional descoberta!" afirma uma dona de casa - Basta um recipiente, fogo, um pouco d'água e um tubo de Guarany - Corante Popular, para que meus vestidos estejam sempre novos e diferentes! Milhares de donas de casa em todo o Brasil já faziam de Guarany - Corante Popular um passatempo agradávelíssimo, que permite renovar rapidamente os trópicos, de modo simples, seguro e econômico. Faça também uma experiência, para verificar como vai a pouca coisa em casa com Guarany - Corante Popular!

Para tingir em casa  
**GUARANY**  
CORANTE POPULAR

Para tingir **SÊDAS ARTIFICIAIS** é muito melhor usar um corante especial!

O Corante Azul-Guarany demonstra especialmente no tingimento das fibras artificiais, com uma fórmula que garante os melhores resultados. Tem a vantagem de ser muito mais econômico e econômico e é ideal para tingir lã, seda, algodão e fibras sintéticas em qualquer corante. Tingir com este corante é econômico e seguro, com um custo mínimo e sem qualquer risco de manchar ou danificar as fibras. Por isso, se você quer tingir com segurança e economia, use o Corante Azul-Guarany para obter um resultado perfeito!

Ilustração 62: Anúncio do Guarany Corante Popular.

Fonte: Revista O Cruzeiro (1940).

[Temos uma caixa de surpresas para fazer **VESTIDOS NOVOS!**]

A mensagem do anúncio do Corante Guarany é construída sobre o tema da descoberta, possibilitando aliar economia, cuidados domésticos e a aquisição de “novos” vestidos. O ambiente da casa e a figura de mãe e filha unidas, quase que idênticas (a filha sugere uma mulher em miniatura, com as mesmas roupas e repetindo os gestos), trazem esse ambiente familiar e legitimam essa felicidade

doméstica, além de seduzirem pela possibilidade do ter/fazer que aproxima o discurso e entusiasma o consumidor.

Para o universo feminino da época, o domínio de técnicas e o uso de materiais que reforçassem a destreza doméstica poderiam causar admiração por parte de outras mulheres. Portanto, o desejo feminino, seja ele de consumo ou de “reconhecimento”, pôde ser encarado como sinônimo de felicidade.

Ainda permeando a categoria lar e cuidados domésticos, o anúncio de Bom Bril, em seus primórdios, já se utilizava das suas “mil e uma utilidades”.

Conheça  
estas aplicações  
de

**BOM BRIL**

Macia, prática, inconfundível,  
Bom Bril – a esponja mágica da limpeza  
– limpa qualquer objeto sem  
riscar, a seco ou com água e sabão.

Mas para aproveitar tôdas as  
vantagens que Bom Bril oferece,  
certifique-se de que está comprando  
o legítimo Bom Bril em seu rótulo  
vermelho de garantia.

PARA LIMPAR  
CAMURÇAS

PARA POLIR  
ESPELHOS!

PARA DAR BRILHO  
AO ALUMÍNIO!

**BOM BRIL** a esponja mágica que limpa sem riscar!

Ilustração 63: Anúncio de Bom Bril.

Fonte: Revista O Cruzeiro (1940).

[Macio, prático, inconfudível... Para limpar camurça! Para dar brilho ao alumínio! Para polir espelhos!]

As imagens femininas que faziam diferentes usos da “*esponja mágica*” ancoram seus sentidos na analogia entre os vários usos do produto, assim como nas inúmeras tarefas que cumpre a mulher, essa “fada feliz” do lar. A cenografia da labuta diária, mesmo que em *flashes*, encoraja e enseja identificação.

Disposição e felicidade no cumprimento das atividades do lar também são evidenciadas no anúncio do sabão em pó Rinso, reproduzido na Ilustração 64.

**ALEGRIA NO TANQUE !**

**CHEGOU REVOLUCIONÁRIO  
SABÃO GRANULADO FEITO  
ESPECIALMENTE PARA**

- 1. LAVAR COM METADE DO TRABALHO**
- 2. DEIXAR A ROUPA MAIS BRANCA**
- 3. CONSERVAR MAIS A ROUPA**

**RINSO LAVA MELHOR DEVIDO AO SEU "MÔLHO SUPER-ESPUMOSO"**

**SIM! EU JÁ ADOTEI RINSO!**  
Dr. Sebastião Telles da Souza - R. Voluntários da Pátria, 147 - 3.º Andar

**VEJA COMO É FÁCIL!**

**PÓLHO DE MÔLHO**  
Fazemos o RINSO em pó de lavar, de modo que se dissolve no banho. Basta colocar o "Môlho Super-Espumoso" no tanque e lavar no mesmo 2 minutos, para que a roupa se lave pouco e durável.

**DOU LÍZDA ESFREGADA**  
Depois, basta lavar com o "Môlho Espumoso" para acabar a mancha, limpando-a ao mesmo tempo. Sim, pois assim a roupa permanece limpa.

**PÓLHO NO LÍZDA**  
É o mesmo "Môlho Espumoso" que é usado em pó. Basta lavar a roupa com o "Môlho Espumoso" e a mancha sai logo. É muito mais fácil, não é? Fácil, não é?

**E NÃO CUSTA MAIS QUE O SABÃO COMUM!**

Além de tirar as manchas, seu pouco dinheiro de RINSO faz muito mais porque o RINSO custa menos que o sabão comum.

Em 2 toneladas  
C/5 5,00  
C/5 15,00

**MAIS UM BOM PRODUTO LEVER**

Ilustração 64: Anúncio do Sabão em Pó Rinso.

Fonte: Revista O Cruzeiro (1940).

[ALEGRIA NO TANQUE!]

Com destaque para os recursos linguísticos que implicam revolução, reduzir pela metade o trabalho doméstico, a mulher passa a encontrar a felicidade na “brancura” de uma roupa, assim como no “*seu mólho super-espumoso*”.

A ideia do anúncio de Rinso também é constituída por meio da imagem da dona de casa já não tão jovem, que transmite uma competência nos cuidados da casa e da família. A imagem ocupa a maior parte do anúncio, além de trazer um “passo a passo” na utilização do sabão em pó, enfatizando sua economia em comparação com as outras marcas.

Reproduzido na Ilustração 65, a seguir, o anúncio de Toddy, na categoria culinária/lar, apesar de ser um produto pré-pronto, mais uma vez faz alusão aos cuidados femininos para com a saúde da família. A mulher, mais uma vez destinada aos cuidados de si e dos outros, fornece, segundo a linguagem do anúncio, a certeza de que, usando Toddy, os problemas alimentares de toda a família serão resolvidos.

Assim como muitos outros produtos do segmento alimentício, as informações que dizem respeito aos componentes proteicos do produto vêm em destaque. A jovem dona de casa mais uma vez atesta prazer e alegria na culinária, assim como em servir.

**ÀS DONAS DE CASA**

A melhor solução para o problema alimentar de toda a família, é a que lhe oferece TODDY, o complemento alimentar perfeito, que nutre e vigoriza. TODDY é de sabor agradável, e sua composição foi cientificamente estudada, de modo a prover o organismo de crianças e adultos com os elementos indispensáveis a uma perfeita nutrição. TODDY alimenta mais e melhor, e é fácil de preparar.

Contém: Cálcio  
Carbohidratos  
Ferro  
Fósforo  
Vitaminas

**TODDY**

De Janeiro a Dezembro, frio ou quente, TODDY é o melhor alimento.

Ilustração 65: Anúncio de Toddy.

Fonte: Revista O Cruzeiro (1938).

*[ÀS DONAS DE CASA. A melhor solução para o problema alimentar de toda a família é a que lhe oferece TODDY, o complemento alimentar perfeito, que nutre e vigoriza.]*

Exposto na Ilustração 66, o anúncio de Frigidaire, na categoria objetos para o lar, remete ao *way of life* de meados dos anos de 1940/1950. Produto da GM (General Motors) vendido no Brasil, Frigidaire trazia para o lar brasileiro a utilidade e a confiança dos produtos GM.

# Frigidaire

novο modelo OMM-74

*- o refrigerador de Confiança!*

Os milhões de possuidores de FRIGIDAIRE em todo o mundo confirmam a superioridade do refrigerador que refrigerar mais, consumindo menos!  
 E a confiança merecida, depositada em FRIGIDAIRE tem base no seu perfeito funcionamento, no seu todo elegante e na sua durabilidade prolongada.

o novo modelo OMM-74  
- mais espaço, em menos lugar!

**FRIGIDAIRE**  
marca exclusiva do  
**GENERAL MOTORS**

**General Motors do Brasil S/A**  
+ Concessionárias em todo o país +

Ilustração 66: Anúncio de Frigidaire.  
 Fonte: Revista O Cruzeiro (1949).  
 [Frigidaire: o refrigerador de Confiança!]

O eixo principal do anúncio, além da ênfase no modelo do eletrodoméstico (interna e externamente), encontra-se na família, inclusive no pai, no papel de provedor, que seria o responsável pela aquisição dos objetos de

valor durável dentro do lar. A mulher, neste anúncio, encontra-se completamente caracterizada, sob o uso do avental, além de estampar a felicidade pela aquisição do novo objeto. Família reunida ao redor da nova geladeira.

Diante da aquisição dessas “maravilhosas” máquinas, o aprendizado na forma de manuseá-las, os novos modelos e as funcionalidades cada vez maiores permitem perceber os novos significados que a obtenção desses aparelhos adquiria tanto na vida cotidiana como na sociedade de maneira geral. Com agilidade e rapidez, racionalizaram a vida doméstica, gerenciando novas maneiras de ser e estar no mundo.

Sob a análise desses anúncios, além de tantas questões que denotam os diferentes aspectos de felicidade, nota-se que o fetiche desses objetos trouxe uma surpresa e curiosidade diante da tecnologia. Esse misto de encantamento e curiosidade fez do consumidor uma presa fácil para a publicidade, que injeta “doses de realidade” à sua disposição.

Fortaleza e muitos de seus habitantes, embevecidos pelo progresso e pela modernidade viram a paisagem sonora, cultural e material entrar em transformação, pela intensificação do tráfego motorizado, pela conduta de *chauffeurs*, pelos semáforos, e até pelos “postes luminosos” que precisavam ser carregados de um cruzamento a outro ao encontro dos pedestres<sup>201</sup>.

Durante os anos 40, em Fortaleza não faltaram experiências com o fetiche dos objetos. Ao olhar as vitrines, sorver as mercadorias pelas telas do cinema, adquirir um artefato pouco importando qual sua utilidade prática, os habitantes exprimiram fascínio por uma modernidade precária, eivada de sonho e fabulação<sup>202</sup>.

---

<sup>201</sup> SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo e. *Paisagens do consumo: Fortaleza no tempo da segunda grande guerra*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002, p. 33.

<sup>202</sup> *Ibidem*, p. 11.

A relação entre nós seres humanos e os objetos de uso cotidiano coopera para a própria construção da vida. As coisas podem não se tornar apenas coisas, também podem ser resignificadas como instrumentos de memória.

As reflexões em torno dos objetos ou de como se dão os processos de aquisição por parte dos sujeitos, a relação direta com o consumo e a publicidade, também permitem resignificações e não constituem processos passivos, criando novos mecanismos de sedução.

Nesse sentido, o corpo pôde se tornar testemunho latente, manifesto, nesse conjunto de percepções, seja como lugar da dor ou da felicidade, legisladas por representações que tendiam aos olhares/saberes médico-científicos, técnicos, recriando antigos e novos desejos, atestando a complexa existência dos sujeitos na vida cotidiana.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se como tese central, neste trabalho, perceber e historicizar os dispositivos criados para o corpo feminino, que reinventaram o campo das subjetividades, construindo novos desejos e vontades dos sujeitos, e resignificando os já existentes. Convém ressaltar que esse processo contextualizado pelas noções de modernidade fez da cidade de Fortaleza lócus no projeto que modificou o modo de pensar/agir no mundo.

Fortaleza, nessa trama, figura entre o moderno e o provinciano, pois, ao passo que a modernidade sugeria mudanças, nem todos os habitantes estavam inseridos e movidos por esse desejo. Assim, a modernidade aqui problematizada esteve marcada pela ruptura e pelo descompasso.

Na verdade, pode-se afirmar que não existiu apenas uma modernidade, e sim modernidades (no plural), e suas formas variam entre diferentes localidades, dependendo das circunstâncias, conjunturas ou práticas sociais. Essa afirmação não implica a ausência de influências e confluências com a modernidade europeia. Os estudos culturais têm demonstrado que, “aos nos ensinar a empregar os métodos da razão, a modernidade universal nos permite identificar as formas de nossa própria modernidade particular”<sup>203</sup>.

Destacando a relação do estudo que dialoga com Corpo e Cidade, é possível assegurar que este corpo tornou-se metáfora para a cidade, na medida em que transferiu todos os anseios de pleno funcionamento orgânico, produtivo, normativo, reedificado.

Embora siga a efervescência dos trabalhos ligados a problematizar as histórias dos corpos perpassados pela Medicina, beleza, saúde, bem-estar, dor e felicidade, a importância em investigar as técnicas e os discursos responsáveis

---

<sup>203</sup> CHATTERJEE, Patha. *Colonialismo, modernidade e política*. Salvador: EDUFBA/CEAO, 2004, p. 51.

por inventar as aparências, cada vez mais ganha tons imperativos e permite perceber tentativas de corrigir as imperfeições de um corpo indesejável<sup>204</sup>. Elemento central como fonte histórica, reflexão filosófica, elaboração de discurso, o corpo como sujeito registra as mediações de inquietações permeadas pelo olhar/saber médico-jurídico, interditas pela prática publicitária.

O processo de subjetivação do corpo feminino por meio dos variados dispositivos criados é descontínuo, portanto, não é passivo e demonstra os aspectos das reinvenções do corpo, politizando-o, mostrando que suas modificações não operam “naturalmente”, são construídas no âmbito sociocultural.

Os discursos médicos, elementos que permearam toda a pesquisa, configuraram-se pela atribuição de significados, perceptíveis nas representações do corpo feminino. Para tanto, o controle das práticas e as tentativas de homogeneizar as condutas sugerem efeitos de verdade, além de estéticas consideradas corretas, constituindo-se, além de tudo, como intervenções pedagógicas.

As ações dos indivíduos “ganham corpo”, seja na casa ou na rua, nos conflitos levados à polícia, que registra práticas corporais em meio a aspectos relacionais. Foi o que se observou nos processos-crime: envolvimento amorosos, encontros, brigas, todos arrolados pelo jurídico como defloramentos, demarcaram ações que puseram o corpo passível de análises médicas e jurídicas, em busca de verdades que apontaram modelos de condutas.

Nos processos-crime, a construção de um tipo de verdade passa por esquemas de perguntas e respostas, palco onde as condutas são interditas por várias vozes, e são também inúmeros personagens que lançam desafios, uns sobre os outros<sup>205</sup>. Os casos de crime sexuais como o estupro, por exemplo, embora trouxessem elementos de maior investida, sobretudo no que tange à

---

<sup>204</sup> MALYSSE, Stéphane Rémy. Além do corpo: a carne como ficção científica. *Revista de Antropologia da USP*, São Paulo, v. 43, n. 2, p. 271-278, 2000.

<sup>205</sup> FOUCAULT, Michel. *As verdades e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau, 2003.

violência carnal e contra os desejos da mulher, segundo o conhecimento jurídico, não ofendia o pudor feminino, em se tratando de mulheres “*decahidas*”. As alusões perante tais crimes merecem uma forma analítica que leve em conta a pluralidade de vivências, na casa, na rua, no trabalho, no lazer. Considerando-se o comportamento sexual como que abrigo para uma instrumentabilidade corporal, as nuances são ainda mais sutis.

Foram estabelecidas discussões sobre pudor, honra, atributos de determinados indivíduos em detrimento de outros, levando-se em consideração as práticas sociais “marginais” implementadas por esses sujeitos. Esses discursos orientavam-se por uma linguagem que denotava práticas de uma sociedade construtora de ética moral para homens e mulheres por intermédio de uma disciplina dos corpos, mesmo que esse projeto fosse idealizado em meio a subjetividades tão diversas. Essas investigações corroboraram também para conceber, por meio de exames médicos, outras “tendências”, impelidas pela cultura de análise e entendimento do corpo, sobretudo os corpos desviantes: bêbados, prostitutas, loucos, nesse sentido, a raça e a sexualidade estiveram cada vez mais ligadas ao desejo de “imaginar” a nação em termos biológicos, invenção de novas práticas do Estado para pensar os indivíduos<sup>206</sup>.

A análise desses corpos propriamente não assegura apenas os aspectos fisiológicos em si. Vai mais além e discute um processo de invenção da sexualidade como algo que pertence ao homem por excelência e ordena o corpo da mulher inteiramente para a reprodução. Desse modo, os corpos femininos juntamente, com a sexualidade masculina, se formaram em um todo mais amplo também como estratégias de poder. Enveredar pela prática jurídica perpassa também um campo de subjetividades reiteradas pela Medicina. Examinar, identificar, descrever tornaram-se discursos de verdade sobre os sujeitos.

---

<sup>206</sup> STEPAN, Nancy Leys. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

Percebendo as aventuras históricas por meio da modernidade e da técnica, mediante o plano de produzir efeitos, ser eficaz, nesse ensejo, ao longo do século XX, foi-se destacando a imagem ilustrativa e posteriormente fotográfica como produtores de uma narrativa, elementos que definiram uma linguagem visual sobre contextos históricos, produzindo diferentes sentidos. Procurou-se interpretar os significados presentes nas fontes imagéticas, pois os mesmos eram “controlados”; a posição de poder da publicidade procurava ter o controle sobre os meios de significar. O significado é infinitamente<sup>207</sup> diferido, mas isso não implica que os diferentes significados esvaziem o poder de interpretação e análise, de forma que resulte num infinito jogo de linguagem. O discurso da publicidade procurava construir um significado particular e fixá-lo, de forma a tornar hegemônico o campo das relações de poder, e esta pesquisa procurou romper com essa posição.

Para o corpo feminino, percebe-se que o enorme culto às várias formas de “ser mulher” criou propostas de novas maneiras de servir: como estar na casa, ser feliz, ficar bela, lutar contra a dor e o sofrimento, ser sedutora e amante, elementos de discursos que irão reproduzir gestos e construir aparências, sob uma eterna busca de transformação. Essas mais variadas formas de “ser mulher” tinham consequências práticas na medida em que eram capazes de legitimar a modernização da cidade de Fortaleza. O discurso imperativo da modernização procurava disciplinar o corpo por meio dos mais variados dispositivos de saber/poder.

Nesta pesquisa, optou-se pela categoria corpo feminino como sujeito, e não gênero ou mulheres. Estas duas últimas categorias apresentam problemas políticos que o feminismo custa a entender. O primeiro deles é de que tais termos denotam uma identidade comum, e o segundo, de uma forma mais complexa, é de que o gênero não se constitui num todo orgânico e coerente. Alerta-se que, em diferentes contextos históricos, o gênero pode estabelecer

---

<sup>207</sup> HALL, Stuart, *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*, p. 347.

“interseções com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente construídas”<sup>208</sup>.

Cumprir observar que a relação estreita entre a publicidade e o uso do corpo feminino pode ser um viés de definição na fixação de identidades “adequadas” a um modelo de ser no mundo. O aperfeiçoamento da imagem de um corpo publicamente pode colaborar com discursos de amor, felicidade, normalidade. Por meio da expressão de uma linguagem corporal destinada às mulheres: doçura, leveza, sedução, cuidado, pode fixar gestos considerados naturais femininos que contribuem na reprodução de determinados papéis na sociedade. O “cuidar” feminino passa a resignificar a ideia de que cada indivíduo é gestor<sup>209</sup> do próprio corpo, pois a mulher recebe a função de zelo sobre o corpo do filho, do marido, valorizando excessivamente a higiene do lar.

A exaltação do prazer é outro elemento forte na constituição da “libertação” feminina segundo a publicidade. Além de a higiene ser prescrita no lar, na família, é preciso ressaltar o processo de sentir prazer nos atos mais banais de limpeza e cuidado, estendendo-se à conquista dos amores, no jogo da sedução. O incentivo no consumo dos objetos de “prazer” dialoga com esse imperativo do “sentir-se feliz”. A relação com os objetos para o lar, para uso pessoal, também exerceu uma utilidade frente à vida social e demonstrou o domínio do saber como escolhê-los ou utilizá-los<sup>210</sup>.

A maneira como a publicidade, aliada aos aspectos temporais que constituem esse processo de subjetivação dos desejos e vontades dos sujeitos em Fortaleza, versa sobre a importância em perceber que o mundo sensorial, não

---

<sup>208</sup> BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 20.

<sup>209</sup> COURTINE, Jean-Jacques. Os stakhanovistas do narcisismo body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT’ANNA, Denise Bernuzzi de (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. p. 81-114.

<sup>210</sup> SANT’ANNA, Denise Bernuzzi, Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil.

descolado do universo estrutural político e social, também é construído e resignificado.

Diante dessas problemáticas, novos desafios são postos para a História do Corpo ou de como este é percebido enquanto instrumento de transformação, mesmo que com origem no campo simbólico: pode-se constatar que não só possuímos mais um corpo, somos o nosso corpo. Tudo o que se pensa, sente, ouve, fala, enfim, tornaram-se maneiras de perceber-se e operar no mundo, são fragmentos de História.

Gerando novas possibilidades e inquietações, esta pesquisa, mais do que dar conta das infinitas questões nos modos de perceber o corpo como sujeito histórico em Fortaleza, abre caminhos para futuras análises mediante as possíveis lacunas existentes. As veredas do corpo ainda podem suscitar inúmeras tramas.

## REFERÊNCIAS

## BIBLIOGRAFIA

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó: Argos, 2009

\_\_\_\_\_. *O que é um dispositivo*. Fala proferida em uma das conferências realizadas no Brasil. Brasil, set. 2005.

ALBUQUERQUE, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru: EDUSC, 2007.

ARISTÓTELES. *Metafísica; Ética à Nicômano; Poética*. São Paulo: Civita, 1984.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE HISTÓRIA (Anpuh). *Texto dirigido ao Supremo Tribunal Federal (STF) sobre o reconhecimento dos documentos históricos para a sociedade*. São Paulo: Anpuh (gestão 2011-2013), 2011.

BARBOSA, Francisco Carlos Jacinto. *Caminhos da cura: a experiência dos moradores de Fortaleza com a saúde e a doença*. 2002. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2002.

BARBOSA, Marta Emísia Jacinto. *Cidade na contramão: Fortaleza nas primeiras décadas do século XX*. 1996. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1996.

\_\_\_\_\_. Entre casas de palha e jardins: Fortaleza nas primeiras décadas do século XX. In: FENELON, Déa Ribeiro (Org.). *Cidades*. Pesquisa em História

(Publicação do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP). São Paulo: Olho D'água, 1999. p. 153-171.

BARRETO, Renilda. Corpo de mulher: a trajetória do desconhecido na Bahia do século XIX. *História: Questões e Debates*, Curitiba, ano 18, n. 34, p. 127-156, 2001.

BAUDELAIRE, Charles. *O pintor da vida moderna*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BELELI, Iara. Corpo e identidade na propaganda. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 15, n. 1, p. 193-215, jan./abr. 2007.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

\_\_\_\_\_. Paris, capital do século XIX. In: \_\_\_\_\_; KOTHE, Flávio R. (Org.). *Sociologia*. São Paulo: Ática. 1990. p. 30-39.

\_\_\_\_\_. Paris do segundo império. In: BAUDELAIRE, Charles. *Um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras Escolhidas, III).

BORELLI, Andréia. *Matei por amor!* As representações do masculino e do feminino nos crimes. São Paulo: Celso Bastos Editor/Instituto Brasileiro de Direito Constitucional, 1999.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

\_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.



BRUNELLI, Silvana. *Diálogo entre as artes plásticas e a publicidade no Brasil*. 2007. Tese (Doutorado em Artes) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CAMPBELL, Colin; BARBOSA, Livia (Org.). *Cultura, consumo e identidade*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006.

CAMPOS, Eduardo. *Crime e descrime*. Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2005.

CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

CARVALHO, Camila da Silva. *O consumo e a representação da felicidade em 40 anos de propaganda brasileira*. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da “invenção do outro”. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: Consejo Latino Americano de Ciencias Sociales (CLACSO), 2005. p. 169-186. (Colección Sur Sur).

CAULFIELD, Sueann. *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2000.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. Andando na cidade. *Revista do Patrimônio Histórico, Artístico e Nacional*, Rio de Janeiro, n. 23, p. 15-31, 1994.

CERTEAU, Michel de. História de corpos. *Projeto História* (Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP), São Paulo, n. 25 (Corpo & Cultura), 2005.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar & botequim*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.

\_\_\_\_\_. et al. *Artes e ofícios de curar no Brasil*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003.

CHATTERJEE, Patha. *Colonialismo, modernidade e política*. Salvador: EDUFBA/CEAO, 2004.

CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Moderna, 1982.

CLARK, Kenneth. *The nude: a study in ideal form*. Nova Iorque: Pantheon, 1956.

CORBIN, Alain. Dores, sofrimentos e misérias do corpo. In: \_\_\_\_\_; COURTINE, Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2008. v. 2 (Da revolução à Grande Guerra). p. 267-343.

\_\_\_\_\_. Gritos e cochichos. In: ARIÈS, Philippe; DUBY, Georges (Org.). *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 525-572.

\_\_\_\_\_. O segredo do indivíduo. In: PERROT, Michelle (Org.). *História da vida privada: da revolução francesa à primeira guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 392-465.

\_\_\_\_\_; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Org.). *História do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2008. v. 1, 2 e 3.

CORRÊA, Mariza. *Morte em família: representações jurídicas de papéis sexuais*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal, 2004.

COURTINE, Jean Jacques. Os stakhanovistas do narcisismo body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de (Org.). *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. p. 81-114.

\_\_\_\_\_; VIGARELLO, Georges. Identificar traços, indícios, suspeitas. In: CORBIN, Alain; \_\_\_\_\_. *História do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2008. v. 3 (As mutações do olhar. O século XX). p. 341-361.

CRANE, Diana. *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas*. São Paulo: Ed. Senac, 2006.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História* (Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP), São Paulo, n. 35 (História e Imprensa), 2007.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. Loucura, gênero feminino: as mulheres do Juquery em São Paulo do início do século XX. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9, n. 18 (A mulher e o espaço público), ago./set. 1989.

DARMON, Pierre. *Médicos e assassinos na Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

DEL PRIORE, Mary. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2005.

DEL PRIORE, Mary. Viagem pelo imaginário do interior feminino. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, n. 37, 1999.

DELEUZE, Gilles. Que es um dispositivo? In: \_\_\_\_\_. et al. *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona: Gedisa, 1990.

DIWAN, Pietra Stefania. Do feio ao belo: os caminhos da desumanização. *Projeto História* (Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP), São Paulo, n. 5 (Corpo & Cultura), p. 423-429, 2002.

DOLORES, Juliano. *Excluídas y marginales*. Madri: Ediciones Cátedra, 2004.

ESTEVES, Martha Abreu. *Meninas perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FAUSTO, Boris. *Crime e cotidiano: a criminalidade em São Paulo (1880-1924)*. São Paulo: Edusp, 2001.

FERLA, Luis. *Feios, sujos e malvados sob medida: a utopia médica do biodeterminismo*. São Paulo: Alameda, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. São Paulo: Positivo, 2004. Edição eletrônica.

FLORES, Maria Bernardete Ramos. A política da beleza: nacionalismo, corpo e sexualidade no projeto de padronização brasílica. *Diálogos Latinoamericanos*, Aarhus, Universidad Autónoma del Estado de México, n. 001, p. 88-109, 2000.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. *As verdades e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau, 2003

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1985. v. 1 (A vontade de saber).

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade*. Rio de Janeiro: Graal, 1988. v. 3 (O cuidado de si).

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. 21. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

\_\_\_\_\_. *Resumo dos Cursos do College de France (1970-1982)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: história das violências nas prisões*. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FRANÇA, Genival Veloso de. *Medicina legal*. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

FRANCO FILHO, Odilon de Mello. A civilização do mal-estar pela não felicidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 43, n. 2, p. 183-192, 2009.

FREIRE FILHO, João. A felicidade na era de sua reprodutibilidade científica: construindo pessoas cronicamente felizes. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2010. p. 49-82.

FREITAS, Idalina Maria Almeida. *O preço da traição: o cotidiano construído nos processos crime nas primeiras décadas do século XX*. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: \_\_\_\_\_. *Edição standard brasileira de obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 21, p. 67-73.

GADELHA, Georgina da Silva; FERREIRA, Luiz Otávio. O Centro Médico Cearense: lugar de produção, conservação e transmissão do saber médico. *O público e o privado*, Campos do Itaperi, n. 13, p. 51-66, jan./jul. 2009.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

\_\_\_\_\_. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: \_\_\_\_\_. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1986.

GUEDES, Mardônio. Pelas ruas e pensões: o meretrício em Fortaleza (1930-1940). In: SOUZA, Simone de; NEVES, Frederico de Castro (Org.). *Fortaleza: história e cotidiano – gênero*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002. p. 53-78.

GUERRA, Elisa Speckman. *Crimen y castigo: legislación penal, interpretaciones de la criminalidad y administración de justicia (Ciudad de México, 1872-1910)*. Cidade do México: Centro de Estudios Históricos, Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Históricas, 2007.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.

HARDING, Sandra. A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista. *Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 1, p. 1-26, 1993.

KOZAK, Cláudia. Marguerit Duras: el corpo del dolor. *Artefacto*: pensamentos sobre la técnica, Buenos Aires, 1998. Disponível em: <[http://www.revista-artefacto.com.ar/pdf\\_notas/141.pdf](http://www.revista-artefacto.com.ar/pdf_notas/141.pdf)> . Acesso em: 10 ago. 2012.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*: ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LUCAS, Luciane; HOFF, Tânia. Da ortopedia ao controle do corpo: o discurso da saúde na publicidade. *Dossiê*, São Paulo, v. 3 (Comunicação, Mídia e Consumo), p. 81-103, 2006.

MACHADO, Bernadete Franco Grilo. Corporeidade e existência em Merleau Ponty. *Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisas Interdisciplinares em Musicoterapia*, Curitiba, v. 2, p. 47-58, 2011.

MACHADO, Roberto. *Danação da norma*: medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MALYSSE, Stéphane Rémy. Além do corpo: a carne como ficção científica. *Revista de Antropologia da USP*, São Paulo, v. 43, n. 2, p. 271-278, 2000.

MARTINS, Ana Paula Vosne. *Visões do feminino*: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.

MATOS, Maria Izilda Santos de. *Âncora de emoções*: corpos, subjetividades e sensibilidades. Bauru: Edusc, 2005.

\_\_\_\_\_. Cabelo, barba e bigode: masculinidades, corpos e subjetividades. *Locus - Revista de História*, Juiz de Fora, v. 17, n. 2, p. 125-143, 2011.

\_\_\_\_\_. *Cotidiano e cultura*: história, cidade e trabalho. São Paulo: Edusc, 2002.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Em nome do engrandecimento da nação: representações de gênero no discurso médico – São Paulo 1890-1930. *Diálogos* (Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá), Maringá, v. 4, n. 4, p. 77-92, 2000.

\_\_\_\_\_. *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade*. São Paulo: Nacional, 2001.

\_\_\_\_\_. Na trama urbana: do público, do privado e do íntimo. *Projeto História* (Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP), São Paulo, n. 13, p. 129-149, 1996.

\_\_\_\_\_; SOIHET, Raquel (Org.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2003.

MATTHEWS, Eric. *Compreender Merleau-Ponty*. Petrópolis: Vozes, 2010.

MAUSS, Marcel. *Les techniques du corps*. Paris: PUF, 1966.

MICHAUD, Yves. Visualizações: o corpo e as artes visuais. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2008. v. 3 (As mutações do olhar. O século XX). p. 541-565.

NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO, Diana Maul de; MARQUES, Rita de Cássia (Org.). *Uma história brasileira das doenças*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2006.

NASCIMENTO, Uelba Alexandre do. *O doce veneno da noite: prostituição e cotidiano em Campina Grande (1930-1950)*. Campina Grande: EDUFCEG, 2008.

NEVES, Frederico de Castro. *A multidão e a história: saques e outras ações de massas no Ceará*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000.



NOBRE, Geraldo da Silva. *Índice anotado do Instituto do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2006.

NUNES, Silvia Alexim. *O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha: um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

OLIVEIRA, Núcia Alexandra Silva. A beleza que se compra... o gênero que se constrói. Uma análise de anúncios publicitários de produtos de beleza para homens e mulheres (1950-1990). ST 43 - Corporalidade, consumo e mercado. *Fazendo Gênero*, Florianópolis, p. 1-8, 2008.

OTAVIANI, Márcia Cristina. Jeremy Bentham: prazer e dor - como mensurá-los? *História da Ciência e Ensino: construindo interfaces*, São Paulo, v. 1, p. 7-15, 2010.

PACHECO, Maria Thereza de Medeiros. A medicina legal na Bahia: início e evolução do ensino. *Gazeta Médica da Bahia*, Salvador, jul./dez. 2007.

PALMA, Daniela. Do registro à sedução: os primeiros tempos da fotografia na publicidade brasileira. *Histórica (Revista do Arquivo Público do Estado de São Paulo)*, São Paulo, n. 1, 2005.

PERROT, Michelle. Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9, n. 18, p. 9-18, ago. 1989.

PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque: reforma urbana e controle social 1860-1930*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2001.

PRECIADO, Beatriz. *Pornotopia: arquitectura y sexualidad em Playboy durante la guerra fria*. Barcelona: Anagrama, 2010.

RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1890-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

RISÉRIO, Antônio. *A utopia brasileira e os movimentos negros*. São Paulo: Ed. 34, 2007.

RODRIGUES, José Carlos. *O corpo na história*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

ROHDEN, Fabíola. *Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Fundação Pereu Abramo, 2004.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. A insustentável visibilidade do corpo. *Labrys Estudos Feministas*, [S.l.], n. 4, ago./dez. 2003.

\_\_\_\_\_. Corpo e história. *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 243-266, 1993.

\_\_\_\_\_. Corpo e história. *Cadernos de Subjetividade*, São Paulo, v. 3, p. 243-266, 1995.

\_\_\_\_\_. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: \_\_\_\_\_. *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. p. 121-139.

\_\_\_\_\_. O corpo na cidade das águas: São Paulo (1840-1910). *Projeto História*, São Paulo, n. 25, dez. 2002.

\_\_\_\_\_. *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

\_\_\_\_\_. Uma história da construção do direito à felicidade no Brasil. In: FREIRE FILHO, João (Org.). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2010. p. 181-193.

SANTOS, Christlene Carvalho. História e propaganda: análise de corpos femininos em imagens publicitárias na década de 20. *Revista História Hoje*, São Paulo, v. 3, n. 9, abr. 2006.

SANTOS, Luiz César Silva dos. *publiCIDADE belle époque: a mídia impressa nos periódicos na cidade de Belém entre 1870-1912*. 2010. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

SANTOS, Marinês. Mulheres como objeto: ambiguidades nas representações do feminino na art “pop” de Allen Jones. *Caderno Espaço Feminino*, Uberlândia, v. 17, n. 1, jul. 2007.

SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 3.

SCOTT, Joan. A mulher trabalhadora. In: DUBY, George; PERROT, Michele. *História das mulheres: o século XIX*. Porto: Edições Afrontamentos, 1991.

\_\_\_\_\_. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 5-21, 1990.

\_\_\_\_\_. História das mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992.

SIBILIA, Paula. Em busca da felicidade lipoaspirada: agruras da imperfeição carnal sob a moral da boa forma. In: FREIRE FILHO, João (Org.). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2010. p. 195-212.

SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo e. *Entre o fio e a rede: a energia elétrica no cotidiano em Fortaleza (1945-1965)*. 2008. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação da CAPES, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

SILVA FILHO, Antônio Luiz Macêdo e. *Paisagens do consumo: Fortaleza no tempo da segunda grande guerra*. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura e Desporto do Ceará, 2002.

\_\_\_\_\_. *Rumores: a paisagem sonora de Fortaleza*. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006.

SILVA, Diocleciana Paula. *Do recato à moda: moral e transgressão na Fortaleza dos anos 20*. 2004. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2004.

SILVA, James Roberto. *Doença, fotografia e representação: revistas médicas em São Paulo e Paris, 1869-1925*. São Paulo: Edusp, 2009.

SILVA, Márcio Inácio da. *Nas telas da cidade: salas de cinema e vida urbana na Fortaleza dos anos de 1920*. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

SILVA, Paulo José Carvalho. Uma história da noção de dor em Freud. *Latin-American Journal of Fundamental Psychopathology Online*, [S.l.], ano IV, n. 1, p. 46-69, maio 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2009.

SOIHET, Raquel. *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana – 1890-1920*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.

\_\_\_\_\_. *O corpo feminino como lugar de violência*. Projeto História, São Paulo, n. 25, dez. 2002.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOUSA, Antônio Clarindo Barbosa de. *Lazeres permitidos, prazeres proibidos: sociedade, cultura e lazer em Campina Grande (1945-1965)*. 2002. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2002.

SOUSA, Simone de (Org.). *Uma nova história do Ceará*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2000.

SOUZA, Noélia Alves de. *A liberdade é vermelha? Um estudo da violência contra mulheres em Fortaleza nas décadas de 20 e 30 do século XX*. 1997. Dissertação (Mestrado em História) – Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

\_\_\_\_\_. Embriaguez e desordem: alcoolismo e masculinidade em Fortaleza nas décadas de 20 e 30 do século XX. In: SOUSA, Simone de; NEVES, Frederico de Castro (Org.). *Gênero*. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2002.

SPINOSA, Vanessa. *Pela navalha: cotidiano, moradia e intimidade (Belém 1930)*. 2005. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx: roupas, memória, dor*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

STEPAN, Nancy Leys. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

TARSO, Vera Nathália Silva de. *Corpos instáveis, mentes insanas: a mulher e a medicina mental nas teses da faculdade de Medicina da Bahia (Salvador, 1900-1920)*. *Histórica (Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo)*, São Paulo, n. 37, 2009.

VAZ, Paulo. A vida feliz das vítimas. In: FREIRE FILHO, João (Org.). *Ser feliz hoje: reflexões sobre o imperativo da felicidade*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2010. p. 135-164.

VERONA, Elisa Maria. O romance, a mulher e o histerismo no século XIX brasileiro. *Histórica (Revista Eletrônica do Arquivo Público do Estado de São Paulo)*, São Paulo, n. 32, 2008.

VICENTE-BUFFAULT, Anne. *História das lágrimas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

VIEIRA, Elisabeth Meloni. *A medicalização do corpo feminino*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

VIGARELLO, Georges. *História da beleza*. São Paulo: Ediouro, 2006.

XIMENES, Maria Alice. *Moda e arte na reinvenção do corpo feminino do século XIX*. São Paulo: Estação Letras e Cores, 2009.

## **FONTES**

### **JORNAIS**

#### **Material disponível na Biblioteca Pública Menezes Pimentel**

A BELEZA é Obrigação. Nota sobre o Creme de Alface. *Jornal O Estado*, Fortaleza, 1941.

A SAÚDE do Ceará. *Jornal O Estado*, Fortaleza, 9 mar. 1941.

CAMPANHA contra os maus costumes. *Correio do Ceará*, Fortaleza, 1929.

GONDIM, Ed. Monteiro. A eugenia da raça. *Jornal O Estado*, Fortaleza, 22 jun. 1941.

JORNAL CORREIO DO CEARÁ. Fortaleza, 1929, 1932.

JORNAL DIÁRIO DO CEARÁ. Fortaleza, 1927.

JORNAL GAZETA DE NOTÍCIAS. Fortaleza, 1920, 1928.

JORNAL GAZETA POLICIAL. Fortaleza, 4 fev. 1928.

JORNAL O ESTADO. Fortaleza, 1941, 1942, 1943, 1944.

JORNAL O POVO. Fortaleza, 1928, 1941.

OS OMNIBUS estão reduzindo a população da cidade. *Jornal O Povo*.  
Fortaleza, mar. 1928.

PINHEIRO, Aluísio. O médico e a natureza humana. *Jornal O Estado*.  
Fortaleza, 22 nov. 1942.

PINHEIRO, Aluísio. O médico e o meio social. *Jornal O Estado*, Fortaleza, 3  
jan. 1943.

PINHEIRO, Aluísio. Os médicos e a Filosofia. *Jornal O Estado*, Fortaleza, 26  
nov. 1944.

REPRESSÃO ao crime. *Jornal O Povo*, Fortaleza, 26 jul. 1941.

### **REVISTAS E PERIÓDICOS**

**Material disponível na Academia Cearense de Medicina / Faculdade de  
Medicina do Ceará**

AZEVEDO, Otacílio de. *Fortaleza descalça*. Fortaleza: UFC, 1992.

CAMPOS, Eduardo. *O inventário do cotidiano (breve memória da cidade de Fortaleza)*. Fortaleza: Fundação Cultural de Fortaleza, 1996.

FOREL, Augusto. *A questão sexual*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1950.

GIRÃO, Blanchard. *O liceu e o bonde na paisagem sentimental da Fortaleza-província*. Fortaleza: Abc, 1997.

GUIA DA CIDADE DE FORTALEZA. Anuário Comercial e Indicador Geral do Comércio, Indústria, Profissões, Repartições Públicas, Institutos e Associações, Horários de Trens, Malas Aéreas etc. Fortaleza, 1927.

MIRANDA, Ubatuba de; GIRÃO, Raimundo. *Retrato de Fortaleza*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1954.

### **REVISTAS E PERIÓDICOS**

**Material disponível em Biblioteca Pública Menezes Pimentel / Arquivo do Estado de São Paulo**

AINDA e sempre, o amor... *Revista Ilustrada Bataclan*, Fortaleza, 1926.

CABELLOS curtos. *Revista Ilustrada Bataclan*, Fortaleza, 1926.

MARTINHO, J. O que penso da mulher? *Revista Ceará Ilustrado*, Fortaleza, 1º nov. 1925.

MÉDICOS e clientes. *Revista Ceará Médico*, Fortaleza, 1916.

NOVIDADES elegantes. *Revista Ilustrada Bataclan*, Fortaleza, 1926.



REVISTA CEARÁ ILLUSTRADO. Fortaleza, 1925.

REVISTA CEARÁ MÉDICO. Fortaleza, 1916.

REVISTA ILUSTRADA BATACLAN. Fortaleza, 1926, 1928.

REVISTA O CRUZEIRO. Brasília, 1930, 1938, 1940, 1946, 1948, 1949, 1950.

REVISTA O HOSPITAL. Rio de Janeiro, 1934/1939.

### **PROCESSOS-CRIME**

#### **Material disponível no Arquivo Público do Estado do Ceará (APEC)**

Processo “Beatriz Barbosa da Silva”. Fortaleza, 1926.

Processo “Edith Davis”. Ceará, set. 1923.

Processo “Eulâmpia Sales”. Fortaleza, set. 1929.

Processo “Francisca Alves Martins”. Fortaleza, fev. 1926.

Processo “Francisca Matias dos Santos”. Fortaleza, 1942.

Processo “Januária Araújo Gomes”. Fortaleza, 1934.

Processo “Joana Pereira”. Fortaleza, 1919.

Processo “Júlia Ferreira Souza”. Fortaleza, 1923.

Processo “Maria das Dores de Oliveira”. Fortaleza, 1936.

Processo “Maria das Dores Nunes”. Fortaleza, 1936.

Processo “Maria Monteiro”. Fortaleza, 1937.

## **PESQUISAS ELETRÔNICAS**

ASPIRINA. *História da dor*. São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.aspirina.com.br>>. Acesso em: 10 ago. 2012.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO CEARÁ. *Site governamental*. Fortaleza, 2012. Disponível em: <<http://www.al.ce.gov.br/>>. Acesso em: 5 abr. 2012.

BAYER. *Site institucional*. São Paulo, 2012. Disponível em: <<http://www.bayer.com.br>>. Acesso em: 10 ago. 2012.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO (PUC-RJ). *Ciência e Preconceito*. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.historiaecultura.pro.br/cienciaepreconceito>>. Acesso em: 10 mar. 2012.

## **FOTOGRAFIAS**

ARQUIVO NIREZ. Fortaleza, sem data.

BLOG FORTALEZA FATOS & FOTOS. *Fortaleza em fotos*. Fortaleza, 2012. Disponível em: <<http://fortalezaemfotos.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 10 ago. 2012.

GARCIA, Maria de Fátima. *Acervo*. Fortaleza, sem data.